

COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES
Série 2

O DETETIVE AGONIZANTE E OUTRAS HISTÓRIAS

Sir Arthur Conan Doyle

1ª edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, em 22 de maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stoneyhurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final dessa viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógicas.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter-se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza.

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no *Strand Magazine* a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o *Strand Magazine* propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7.500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

SUMÁRIO

O Detetive Agonizante	7
O Corcunda.....	26
O Carbúnculo Azul	42
As Faías Cor de Cobre.....	64
Um Caso de Identidade	86
A Liga dos Cabeças Vermelhas	106
O Problema Final.....	129
A Casa Vazia	149

O DETETIVE AGONIZANTE

Mrs. Hudson, hospedeira de Sherlock Holmes, era indubitavelmente uma mulher muito paciente. Não só o seu primeiro andar, que ele ocupava, costumava ser assiduamente invadido por legiões de pessoas de caráter extravagante e, algumas vezes, pouco recomendável, mas também o seu hóspede levava uma vida irregular e excêntrica que punha a tolerância da boa senhora a toda a prova.

O incrível desmazelo do detetive e a sua inclinação para tocar violino, fora de hora, as ocasionais sessões de tiro ao alvo, contra as paredes do apartamento, as estranhas e mal cheirosas experiências químicas a que se devotava e a atmosfera de violência e perigo que se respirava em seu redor, tudo isto o transformava no pior inquilino de Londres.

Porém, por outro lado, ele pagava-lhe principescamente. Não tenho dúvidas de que, com o dinheiro que gastou no aluguel daquele apartamento em que, durante muito tempo, eu coabitara com ele, teria podido comprar uma casa.

Mrs. Hudson respeitava-o e temia-o, nunca ousando interferir na sua conduta, por mais destemperada que fosse. Além disso, nutria uma notória estima pelo meu amigo, visto que este sempre usara de especial delicadeza no seu trato com mulheres. Embora não fosse grande admirador do belo sexo, receando a influência feminina, sempre se mostrara cavalheiresco para com elas e mesmo para com aquelas de quem, incidentalmente, fora adversário, com a obrigação de combatê-las.

Sabendo como era sincera a afeição que Mrs. Hudson lhe dedicava, dispus-me a prestar a maior atenção ao que se propunha contar-me, quando veio ao meu apartamento, nesse segundo ano do meu casamento. Apoquentada, falou-me do triste estado em que o meu amigo se encontrava.

— Está quase morto, doutor Watson! Há três dias que caiu de cama, muito mal, e receio que não passe de hoje. Proibiu-me de chamar um médico, mas, esta manhã, quando olhei para ele, com os ossos a furarem-

lhe a pele e aqueles grandes olhos, brilhantes, fixados em mim, não pude suportar mais a minha inquietação e vim avisá-lo:

— Com sua licença, ou sem ela, Mr. Holmes. vou agora mesmo chamar um médico.

— Nesse caso — cedeu —, que seja o dr. Watson. “Portanto, doutor, peço-lhe que não se demore em ir vê-lo, caso contrário, já não o encontrará com vida.”

Fiquei naturalmente horrorizado, pois nada sabia acerca da doença de Holmes. Não é necessário dizer que fui, imediatamente, buscar o sobretudo e o chapéu. Depois, já com carruagem em movimento, pedi a Mrs. Hudson que me desse mais pormenores sobre o assunto.

— Pouco mais posso dizer-lhe, doutor Watson. Mr. Holmes esteve investigando um caso, lá para os lados de Rotherhite, numa avenida perto do rio e, ao regressar, deve ter trazido a doença consigo. Caiu de cama, na tarde de quarta-feira e, desde então, não tornou a levantar-se. Nestes três últimos dias, não ingeriu coisa alguma... Nem sequer bebe!

— Santo Deus! — exaltei-me. Por que diabo não chamou um médico mais cedo?

— Porque ele se opunha, iradamente. — O doutor bem sabe como ele é. Não me atrevi a contrariá-lo... E é por ter-lhe obedecido que receio que, em breve, deixe de pertencer a este mundo. O doutor verá, com os seus próprios olhos.

Realmente, era um espetáculo aflitivo. A luz baça daquele dia nevoento de novembro, o quarto do doente ainda parecia mais soturno. E o que mais me entristeceu foi ver Holmes erguer para mim, da cama, uns olhos febris, encovados nas faces extremamente pálidas.

Nas maçãs do rosto, distinguia-se a coloração sintomática e macabra da tisis ⁽¹⁾ e crostas escuras cobriam-lhe os lábios inchados. As mãos delgadas contraíam-se, incessantemente, sobre o cobertor e a voz era áspera e entrecortada.

Jazia, inerte, no leito, mas, ao me ver, luziu-lhe nos olhos um clarão de boas-vindas.

⁽¹⁾ Tuberculose que, no tempo de Conan Doyle era considerada doença praticamente incurável. (N. do T.)

— Olá, Watson! — saudou, num tom débil, em que mal se vislumbrava a sua antiga maneira de falar, despreocupada. — Parece que chegaram os meus dias!

— Meu caro amigo! — exclamei, avançando para ele.

— Não se aproxime! — bradou com aquela voz cortante e imperiosa que eu só lhe ouvira em ocasiões de perigo. — Se você se aproximar de mim, Watson, expulso-o desta casa!

— Mas por quê, Holmes? — espantei-me, vendo que se esforçara medonhamente para gritar.

— Porque é esse o meu desejo. Não é isso o bastante?

Reconheci que Mrs. Hudson tivera razão, pois o meu amigo estava mais autoritário do que nunca. Contudo, compungia-me ver o seu estado de total abatimento.

— Apenas pretendo ser-lhe útil, meu caro amigo — justifiquei.

— Bem sei, mas será muito mais útil, se fizer unicamente o que lhe peço.

— Certamente, Holmes, se assim o quer.

A sua rispidez afrouxou, ao inquirir, após uma pausa para recuperar o fôlego:

— Não ficou zangado comigo?

— Como poderia eu zangar-me, vendo-o num tal estado?

— É para seu próprio bem, Watson — acrescentou.

— Para meu bem?

— Sim. Sei perfeitamente o que tenho. Contraí, com estivadores chineses, do cais, uma moléstia horrível que grassa entre os coolies ⁽²⁾ de Sumatra... um mal de que os holandeses estão mais a par do que nós... se bem que, até agora, pouco tenham conseguido fazer para debelá-lo. Uma só coisa é certa. É infalivelmente mortal e terrivelmente contagioso.

Falava com uma energia febril e as suas mãos, estendidas para deter-me a distância, estavam animadas de convulsões nervosas.

— Contagioso — acrescentou —, pelo simples contato. Conserve-se afastado, Watson, e tudo estará bem.

⁽²⁾ *Trabalhadores assalariados, do Extremo Oriente e da Oceania. (N. do T.)*

— Por Deus, Holmes! Pode, porventura, supor que tais considerações tenham valor para mim? Nem que se tratasse de um estranho! Como pode pensar que elas me impedirão de cumprir o meu dever, ainda por cima, no caso de um amigo tão antigo?

Novamente tentei aproximar-me, mas repeliu-me, colérico.

— Se não sair daí, onde está, digo do que preciso. Caso contrário, Watson, saia deste quarto.

Eu tinha uma tão profunda consideração pelas extraordinárias qualidades de Holmes, que sempre acedera aos seus desejos, mesmo quando não os compreendia. Mas, naquele momento, o meu instinto profissional insurgia-se contra esse meu respeito complacente. Podia obedecer às suas ordens, em qualquer lugar, mas não como médico, perante um doente.

— Você está fora de si, Holmes — repliquei. — Um enfermo não é mais do que uma criança e, como tal, hei de tratá-lo. Quer você queira, quer não, vou tentar diagnosticar os seus sintomas e tentarei curá-lo dessa doença.

O meu amigo lançou-me um olhar irritado.

— Se realmente preciso de assistência clínica, então prefiro a presença de um médico em quem tenha confiança.

— Não tem confiança em mim?

— Tenho-a, sim, mas na sua amizade. Contudo, fatos são fatos. Afinal de contas, Watson, você não passa de um clínico geral, com pouca experiência e dotes bastante medíocres. É doloroso ter de dizer-lhe isto, mas você não me deu outra alternativa.

Senti-me profundamente magoado.

— Uma tal observação, Holmes, é indigna de você. Apenas comprova, claramente, o lastimável estado dos seus nervos. Mas, se é isso que pensa, deixe-me ir buscar-lhe Sir Jasper Meek, ou Penrose Fisher, ou qualquer outro dos melhores especialistas de Londres. Seja como for, torna-se absolutamente imprescindível a presença de um médico. Se pensa que vou ficar, aqui, vendo-o morrer, sem cuidar de você, ou sem trazer alguém que o faça, está redondamente enganado.

— É possível, Watson — murmurou o meu amigo, com algo na voz semelhante a um soluço. — Força-me a demonstrar-lhe a sua própria ignorância? Nenhum desses especialistas em moléstias européias poderia

tratar-me. Que sabe você, diga-me, da febre de Tapanuli? Que pode você saber, ou qualquer desses seus colegas, da putrefação doentia da Ilha Formosa?

— Nunca ouvi falar disso — reconheci.

— Ainda há muito que saber acerca das moléstias do Oriente, Watson: inúmeras enfermidades pouco conhecidas dos Ocidentais.

No fim de cada frase, interrompia-se, para recobrar forças.

— Tomei conhecimento delas — prosseguiu —, após algumas recentes pesquisas de caráter médico-legal que fui obrigado a realizar. Foi no decurso de uma delas, que contraí esta doença. Você nada poderá realizar, no meu caso.

— Talvez não, mas sei que o dr. Ainstree, a maior autoridade viva, no campo das febres tropicais, encontra-se atualmente em Londres. Qualquer posição sua, Holmes, será inútil. Será tratado, nem que tenhamos de amarrá-lo. Vou buscá-lo imediatamente.

Dirigi-me, resolutamente, para a porta.

Nunca me assustei tanto! Subitamente, o moribundo, com um salto de tigre, barrou-me o caminho. Fechou-me a porta à chave e regressou à cama, cambaleando e exausto, arquejante, após aquele violento dispêndio de energia.

— Nem à força me tirará esta chave, Watson. Tenho-o aqui preso e aqui ficará, até eu resolver o contrário... Mas desculpo-o...

Falava aos arrancos, interrompendo-se a todo o momento, para recuperar o fôlego.

— Sei, Watson, que só quer o meu bem. Poderá sair, meu amigo, mas, primeiro, quero restabelecer as minhas forças. São 4 h. Espere um pouco mais. Às 6 h, já poderá deixar-me.

— Mas isso é uma loucura, Holmes! Por que às 6 h?

— Só lhe peço que espere mais duas horas. Depois, poderá agir como bem entender. Quer fazer-me esse favor?

— Creio que não tenho outro remédio — respondi, contrariado.

— Pois não, Watson. Obrigado. Por agora, não preciso de qualquer ajuda, nem para compor os cobertores. Conserve-se a distância.

Após uma pausa, em que a respiração se normalizou, declarou:

— Há uma condição que desejo impor: você irá procurar o auxílio, não desse especialista a que se referiu, mas daquele que eu lhe indicar.

— Farei o que deseje, Holmes — aquiesci.

— São as primeiras palavras compassivas que pronunciou, Watson, desde que aqui entrou. Tem ali alguns livros que podem interessar-lhe... Estou esgotado, meu amigo, tal como uma bateria se deve sentir ao desperdiçar energia elétrica para um mau condutor. Às 6 h, Watson, voltaremos a conversar.

Contudo, o desfecho sucederia muito antes e em condições que me causaria um abalo tão grande como o que já experimentara, quando o vira saltar repentinamente da cama.

Permaneci, alguns minutos olhando seu vulto silencioso, alongado na cama. Tinha o rosto quase oculto pelos cobertores e parecia adormecido.

Incapaz de sentar-me para ler, comecei a vaguear lentamente pelo quarto, examinando os numerosos retratos de criminosos célebres da sua coleção que cobriam as paredes. Por fim, nesta perambulação, postei-me diante da pedra da lareira. Sobre ela, viam-se, espalhados, em desordem, os seus cachimbos, bolsas de tabaco, seringas hipodérmicas, canivetes de tamanho e aplicação diversas, cartuchos para revólver e outros objetos díspares. No meio daquela desarrumação heteróclita, via-se uma pequena caixa de marfim, branca e preta, com tampa móvel. Era um belo estojozinho e peguei nele, por mera curiosidade. Nesse instante, Holmes soltou um brado medonho que poderia ter sido ouvido na rua.

A minha pele crispou-se e os cabelos arrepiaram-se-me ao ouvi-lo. Voltando-me rapidamente, vi-o fitar-me com o rosto convulso, numa expressão de loucura. Fiquei paralisado, com a caixa na mão.

— Largue isso, imediatamente, Watson — gritou. — Largue isso, já! Ouviu?

Ao me ver repor o pequeno estojo de marfim, no seu lugar, deixou cair a cabeça no travesseiro e suspirou profundamente.

— Bem sabe, Watson, que não gosto que toquem nas minhas coisas. Você atormenta-me, para além do que posso suportar. E diz-se você médico! É capaz de atirar com os seus pacientes para um hospício de alienados! Sente-se, homem, e deixe-me descansar.

Este incidente causou-me uma desagradável impressão. A sua irritação imotivada e as palavras ríspidas que me dirigira, tão opostas à

suavidade do trato que lhe era usual, mostravam bem como ficara com a mente alterada. A ruína de um espírito nobre é, entre todas, a mais deplorável.

Sentei-me, entristecido, e esperei que passasse o tempo que Holmes estipulara. Diria que ele estivera olhando para um relógio, visto que, mal os ponteiros indicaram as 6 h, começou a falar com a mesma animação febril anterior.

— Você tem dinheiro no bolso, Watson? — sondou.

— Algum, sim...

— Prata?

— Algumas moedas.

— Quantas meias coroas?

— Creio que trago cinco.

— É pouco! Muito pouco! Que infelicidade a minha, meu caro. Peço-lhe que as ponha no bolso do relógio... e o resto do dinheiro, no bolso esquerdo das calças. Obrigado. Assim está muito melhor.

Estava pois em transe delirante. Vi-o estremecer e dos seus lábios brotou um som que parecia um gemido soluçante.

— Agora, Watson, tenha a bondade de acender a luz — pediu —, mas tenha cuidado, para que a chama do gás não ultrapasse metade da altura normal. Suplico-lhe que tome muita atenção a isso. Não precisa abrir a cortina. Peço-lhe agora, meu amigo, para colocar algumas cartas e jornais sobre esta mesa, ao meu alcance. Obrigado. Traga-me também alguns desses objetos que se encontram em cima da pedra da lareira. Ótimo, Watson!

Vê, aí, essa pinça para os cubos de açúcar? Faça o favor de servir-se dela para pegar nessa caixinha de marfim. Coloque-a, aqui, entre os jornais. Mil agradecimentos, meu amigo. Chegou a hora de ir buscar Mr. Culverton Smith no nº 13 da Lower Burke Street.

Para dizer a verdade, o meu desejo de chamar um médico já diminuía, visto que Holmes estava tão visivelmente delirante, que se tornava perigoso deixá-lo só, naquele momento. Contudo, mostrava-se agora tão ansioso por consultar o indivíduo mencionado, como, antes, se obstinara e recusara ser visto, fosse por quem fosse.

— Nunca ouvi falar desse colega — confessei.

— É natural, Watson. Talvez o surpreenda saber que a pessoa que mais entende, no mundo, desta moléstia não é médico, mas um plantador. Mr. Culverton Smith é um conhecido fazendeiro de Sumatra que, presentemente, se encontra em Londres. A sua plantação situa-se distante de qualquer espécie de assistência médica, de maneira que uma epidemia desta febre, que grassou nessa região, forçou-o a estudá-la, por sua própria conta e risco, e conseguiu obter resultados verdadeiramente notáveis.

É um sujeito muito metódico e, por isso, não quis que você sáísse antes das 6 h, porque não iria encontrá-lo no seu escritório. Se você conseguir persuadi-lo a vir aqui e a conceder-nos o benefício da sua experiência sobre esta enfermidade cujo estudo, durante muito tempo, constituiu a sua principal ocupação, creio bem que poderá curar-me.

Reproduzi, aqui, as palavras de Holmes, como se tivessem sido proferidas seguidamente, sem introduzir as súbitas faltas de ar e as contrações das mãos que sintomatizavam as dores que sentia.

Durante as poucas horas que ali estive com ele, verifiquei que piorara gradualmente. As rosetas febris das suas faces tinham-se acentuado, os olhos estavam mais encovados nas órbitas e a sua transpiração era abundante e fria, roçando-lhe as têmporas. Contudo, ainda conservava o tom imperativo da voz, mostrando-se dominador, até ao seu último alento.

— Você, Watson, terá de descrever-lhe, integralmente, o meu estado, transmitindo-lhe a impressão que lhe causei de que estou moribundo e delirante. É fundamental que ele fique a par dos sintomas que você testemunhou.

Não entendo por que motivo o oceano não é uma massa sólida de ostras perlíferas. É estranho como o cérebro controla o próprio cérebro... Que estava eu a dizer-lhe, Watson?

— Estava me pedindo que transmitisse a Mr. Culverton Smith os sintomas que presenciei da sua doença.

— Ah, sim... A minha vida depende disso. Insista com ele, meu amigo. Terá de fazê-lo, porque não estamos de boas relações, um com o

outro. Irá mostrar-se relutante em vir... por causa de um seu sobrinho... Cometi a imprudência de dar-lhe a entender que suspeitava do rapaz... que acabou por morrer de um modo horrível. Não se esqueça, meu amigo, de comunicar-lhe, fielmente, a impressão clínica que esta minha febre lhe causou. Suplique-lhe que venha. Faça tudo para trazê-lo aqui. Só ele poderá me salvar... Só ele!

— Irei colocá-lo num veículo... nem que tenha de empregar a força. Esteja descansado — prometi.

— Não, meu amigo. Não poderá arrebatá-lo, pela violência. Dessa maneira, não haverá hipótese de conseguir que ele venha. Terá de convencê-lo a vir, limitando-se a descrever-lhe o estado em que me encontro... E arranje qualquer desculpa para não o acompanhar. Deixe-o sozinho... Não iluda as minhas esperanças...

Existem, sem dúvida alguma, inimigos naturais que dificultam a proliferação desses moluscos. Você e eu, Watson, fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance para a salvação dos bivalves. Poderão as ostras atulhar o mundo? Não! Seria horrível. Exponha-lhe a impressão que o meu estado deixou no seu espírito.

Desolado por ver como aquele cérebro excepcional se encontrava perturbado pelo delírio, recebi a chave da porta e saí, satisfeito por levá-la comigo, pois receava que ele se fechasse, por dentro, no quarto.

Trêmula e chorosa, Mrs. Hudson esperava-me no corredor. Tentei tranquilizá-la. Já na rua, quando chamava um carro, vi acercar-se de mim um homem, através do nevoeiro.

— Pode informar-me do estado de Mr. Holmes? — indagou.

Era um velho conhecido nosso, o inspetor Morton, da Scotland Yard, que se achava à paisana.

— Muito mal — respondi.

À luz que a lanterna do carro projetava sobre ele, notei-lhe uma expressão absurda, pois dir-se-ia a triste notícia o alegrava.

— Sim, pois... — titubeou o inspetor. — Ouvi dizer qualquer coisa a esse respeito.

Subi para o carro e parti para a Lower Burke Street. Esta artéria, embora já apresentasse uma fileira de boas moradias residenciais, conservava ainda muitos terrenos vagos, entre Notting Hill e Kensington.

A carruagem parou diante do nº 13 e a casa tinha um aspecto austero e suntuoso, com uma cerca alta de grades de ferro com lanças, e uma pesada porta com ornatos de bronze. A condizer com ela, surgiu um mordomo de aparência solene, iluminado por um lampião elétrico que difundia um clarão róseo.

— Doutor Watson?... Sim, Mr. Culverton está em casa, neste momento. Vou entregar-lhe o seu cartão, doutor.

O meu nome e qualificação não pareceram impressionar o dono da casa. Pela porta entreaberta, ouvi-o pronunciar, numa voz aguda e petulante:

— Quem é esse homem? Que deseja? Com mil diabos, Staples! Quantas vezes terei de dizer-lhe que não quero ser interrompido, durante as minhas horas de estudo?

O criado balbuciou algumas desculpas e explicações.

— Não estou disposto a recebê-lo... Não posso interromper o meu trabalho com futilidades. Diga-lhe que não estou... Se quiser falar comigo, que volte amanhã, cedo.

Ainda ouvi um murmúrio justificativo da parte do subordinado.

— Está bem, Staples. Está desculpado. Não posso ser perturbado nesta minha pesquisa.

Pensei em Holmes, estirado no leito e esperançado que eu lhe levasse o único homem que poderia curá-lo ou, pelo menos, aliviar-lhe o sofrimento. A vida do meu amigo estava nas minhas mãos e a situação ultrapassava as convencionais cerimônias sociais.

Antes que o mordomo me tivesse transmitido o recado, empurrei-o para o lado e irrompi pelo escritório.

Com uma exclamação de cólera, Culverton Smith ergueu-se da cadeira de balanço, junto à lareira, onde consultava um livro volumoso, e virou para mim um rosto amarelo, enrugado e sebáceo. Tinha o queixo fendido e olhos cinzentos, sombrios e ameaçadores, que me fitavam sob sobranceiras espessas e ruivas. A cobrir-lhe o crânio, calvo e luzidio, usava uma boina de veludo, elegantemente inclinada sobre um dos lados da enorme cabeça. Contudo, o seu corpo era baixo e franzino, de ombros estreitos e encurvados, de quem sofreu de raquitismo na infância.

— O que é isso? — bradou, irritadamente. — Que significa esta intrusão? Não o informaram de que só poderia recebê-lo, amanhã?

— Sinto muito — redargui —, mas trata-se de um caso de máxima urgência. Mr. Sherlock Holmes...

A menção do nome do meu amigo provocou, no homúnculo, um efeito inesperado. Subitamente, a sua expressão de cólera desvaneceu-se, dando lugar a uma curiosidade expectante.

— Vem da parte de Mr. Holmes?

— Acabo de deixá-lo.

— Que pretende ele?... Como se encontra?

— Muito doente... num estado desesperado. Foi por esse motivo que vim procurá-lo, Mr. Smith.

Apontou-me uma cadeira e tornou a sentar-se. Ao virar-se para fazê-lo, vi-lhe o rosto refletido no espelho do fogão, e pareceu-me notar-lhe um sorriso perverso. Naturalmente, pensei que se trataria de uma contração nervosa, pois logo me encarou, com uma expressão de sincero pesar.

— Sinto muito saber isso! Apenas conheço Mr. Holmes por ter, recentemente, discutido com ele um assunto... mas respeito-o pelo seu talento e caráter. Ele faz da criminologia um desporto aliciante, tal como eu considero certas doenças um passatempo absorvente. Para ele, o bandido, para mim, o micróbio. Ali tem os meus cárceres... — proferiu, apontando para uma fileira de frascos e tubos de ensaio. — Nessas bioculturas, repousam, neste momento, alguns dos mais nocivos inimigos da humanidade.

— É precisamente por esses seus conhecimentos que Mr. Holmes deseja consultá-lo, Mr. Smith. Tem em alto conceito o seu saber e considera-o o único especialista que, nas presentes circunstâncias, poderia salvá-lo.

Culverton Smith ergueu bruscamente a cabeça e a boina escorregou-lhe para o chão.

— Consultar-me? Por quê? A mim?... Por que pensa Mr. Holmes que poderei socorrê-lo?

— Pelos seus conhecimentos acerca das moléstias orientais.

— E por que julga que a sua doença é de origem oriental?

— Porque, no decurso de uma recente investigação, trabalhou no cais, entre estivadores chineses.

Mr. Smith sorriu benevolente e apanhou a boina que lhe caíra do crânio glabro.

— Ah! É essa razão?... Talvez o caso não seja tão grave, como supõe, doutor. Há quanto tempo se encontra ele doente?

— Há três dias.

— Sim, embora intermitentemente.

— Hum! Isso parece grave. Seria desumano, da minha parte, não acorrer ao seu apelo... Detesto, doutor Watson, interromper os meus estudos, mas... este caso é certamente excepcional. Sigo com você, imediatamente.

Lembrei-me da recomendação de Holmes e objetei:

— Lamento, mas ainda tenho outro lugar para ir.

— Nesse caso, irei sozinho. Tenho aqui o endereço de Mr. Holmes. Pode estar certo de que estarei em casa dele, no máximo, daqui a meia hora.

Foi com grande ansiedade que tornei a entrar no quarto do meu amigo, pois receava que, na minha ausência, tivesse sobrevivido um acesso fatal. Para meu alívio, notei que melhorara consideravelmente. Embora subsistisse nele o aspecto doentio e a voz débil, parecia ter superado o estado de delírio e recobrado a sua habitual lucidez.

— Então, Watson, falou com Smith?

— Sim e deve estar a caminho.

— Esplêndido, Watson! Magnífico! Você é o melhor dos mensageiros.

— Ainda sugeriu que eu o acompanhasse até aqui...

— Isso seria positivamente lamentável. Ele perguntou-lhe qual a causa do meu mal?

— Sim e referi ter-se contagiado com os chineses do cais.

— Obrigado, Watson. Fez tudo quanto um bom amigo poderia fazer. Agora, pode desaparecer da cena.

— Mas... desejo ouvir o diagnóstico desse homem.

— É justo. Contudo, tenho razões para supor que a opinião de Smith será muito mais franca e valiosa, se supuser que está a sós comigo. Atrás da cabeceira desta cama, há espaço suficiente para você se esconder.

— Mas, Holmes...

— Não terá outro remédio, meu amigo. Não quero que levante suspeitas... e o quarto não tem outro recanto onde ocultar-se.

Subitamente, soergueu-se no leito, com o ouvido atento.

— Ouço um carro. Depressa, Watson. Se me tem alguma estima, não se demore a ir lá para trás... E não se mexa, aconteça o que acontecer. Não fale, não intervenha, limite-se a ouvir. É essencial que, até o fim, registre bem, na sua memória, tudo quanto ele disser.

Num momento, o seu acesso de energia esmoreceu e as suas recomendações determinantes deram lugar a ininteligíveis murmúrios de delírio febril.

Do esconderijo que Holmes, tão apressadamente me impusera, ouvi passos a subirem a escada. Em seguida, a porta abriu-se e tornou a fechar-se. Então surpreendi-me com o prolongado silêncio que se sucedeu, apenas entrecortado pela respiração ofegante do doente. Imaginei que Culverton Smith já se achasse à cabeceira do leito, examinando o aspecto confrangedor do meu amigo.

Por fim, o silêncio foi quebrado pela voz do visitante, tentando acordá-lo:

— Holmes! Holmes! Não me ouve?

Um estremecimento da cama indicou que Smith o sacudia pelos ombros, um tanto rudemente.

— Ah! É o senhor? — murmurou Holmes. — Mal ousava esperar que viesse.

O seu interlocutor soltou uma gargalhada.

— Como vê, aqui estou. Alegre-se, Holmes, alegre-se!

— É muito bondoso... é muito nobre da sua parte. Sei reconhecer o valor dos seus conhecimentos.

Smith emitiu uma risada sarcástica.

— Ainda bem... Felizmente, é o único homem em Londres que o reconhece. Já sabe do que sofre?

— Da mesma coisa... que sabe.

— Portanto, identificou os sintomas?

— Logo que a febre começou.

— Não me surpreende que seja a mesma coisa... e, se for, o prognóstico será péssimo. Victor, o meu pobre sobrinho, que era um rapaz jovem e robusto, morreu ao quarto dia e você, segundo me disseram, já está assim, há três noites.

É, de fato, surpreendente que tenha contraído, em pleno coração de Londres, essa moléstia asiática que estudei tão de perto! Uma coincidência singular... Terá de convir, Holmes, que se trata de um caso de causa e consequência.

— Suspeito de que foi o senhor o causador deste meu estado.

— Concluiu isso, hein?... Mas ser-lhe-ia impossível prová-lo. Que idéia tinha ao me caluniar... e vir agora suplicar o meu auxílio?

Ouvi a respiração estertorosa do meu amigo.

— Dê-me água — pediu, roucamente.

— Vejo que está agonizante, mas não quero que se fine, antes de me ouvir dizer-lhe algumas coisas... É por esse motivo que ainda lhe dou água... Beba devagar... Não a entorne... Consegue compreender bem o que lhe digo?

Holmes gemeu.

— Faça quanto puder por mim — suplicou. — Esqueçamos o passado... Cure-me, que, por mim, esquecerei tudo.

— Tudo... o quê?

— Essa história de Victor Savage... Agora mesmo... você acabou de admitir que foi o causador dela...

— Tanto se me dá que esqueça, ou se recorde das circunstâncias em que essa morte ocorreu. Não o vejo, Holmes, no banco das testemunhas, mas num lugar muito diferente. Pouco me importa que tenha descoberto como morreu o meu sobrinho. Agora, não é ele que está em causa, mas você.

— Bem sei... bem sei.

— O médico, que foi a minha casa procurar-me, disse-me que você foi contagiado, no cais...

— Não sei como explicá-lo de outro modo.

— Tem-se em conta de muito esperto, não é verdade, Holmes? Mas deparou, agora, com alguém ainda mais esperto. Não admite outro meio de ter contraído essa doença?

— Não me lembro... Perdi a memória... Por amor de Deus, ajude-me.

— Ajudarei, sim, a compreender como chegou a esse estado. Quero que saiba, antes de morrer.

- Dê-me qualquer coisa, para... para aplacar este sofrimento.
- É doloroso, hein? Os coolies chegavam a gritar, ao aproximarem-se do fim. Como uma imensa câibra... Não é o que sente?
- Sim... como uma câibra...
- Mas poderá ouvir o que tenho a dizer-lhe... Consegue lembrar-se de algum incidente estranho que lhe tenha ocorrido, pouco antes de terem surgido os primeiros sintomas?
- Não... não me lembro de coisa alguma.
- Pense bem.
- Estou muito doente... para pensar.
- Pois bem, vou ajudá-lo a se lembrar. Não recebeu uma encomenda pelo correio?
- Pelo correio?
- Sim. Uma caixa, por exemplo.
- Sinto-me desfalecer... Estou morrendo.
- Escute, Holmes!

Ouvi, novamente, Culverton Smith sacudir o moribundo e, só a muito custo, obedecendo à recomendação que Holmes me fizera, conseguiu conter-me no meu esconderijo.

— É necessário que me ouça. Tem de ouvir-me, Holmes. Não se recorda de um pequeno estojo de marfim? Recebeu-o, na quarta-feira... Lembra-se de tê-lo aberto?

— Sim... Tinha, lá dentro, uma agulha, movida por uma mola... Uma brincadeira...

— Não era brincadeira alguma, como está vendo à sua própria custa. Você provocou a situação em que se encontra. Quem o mandou meter-se na minha vida? Se me tivesse deixado em paz, eu não o teria punido.

— Lembro-me agora — articulou Holmes, com grande esforço. — A agulha... picou-me... sangue... a caixa... a que está nesta mesa...

— Justamente! Essa mesma! Levarei comigo, quando for embora daqui, e você ficará sem a única prova a que poderia recorrer contra mim. E agora, Holmes, vai morrer, com a certeza de que fui eu quem o matou. Você sabia demais sobre a morte de Victor. Portanto, achei melhor que lhe fosse fazer companhia. Está agonizante, Holmes, e ficarei aqui, para ter o prazer de assistir ao seu último suspiro.

A voz do meu amigo reduzira-se a um débil sussurro, quase inaudível.

— Que diz? — sondou Smith. — Quer que suba a chama do gás? Está perdendo a visão? As trevas já começam a cercá-lo, não é verdade?... Vou aumentá-la, para poder vê-lo melhor.

Atravessou o quarto e, instantes depois, a luz aumentou de intensidade.

— Quer que lhe preste mais algum serviço? — inquiriu num tom sarcástico o assassino confesso.

— Olhe, já agora — pediu Holmes, displicentemente —, dê-me um cigarro e passe-me os fósforos.

Quase soltei um grito de espanto e de alegria.

O meu amigo proferira aquela frase, com a sua voz natural, embora ligeiramente enfraquecida. Mas já era a fala que eu tão bem lhe conhecia.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual percebi que Culverton Smith ficara petrificado de espanto, fitando, estarecido, o falso moribundo.

Finalmente, inquiriu, num tom ríspido:

— Que significa isto?

Holmes respondeu, tranqüilamente:

— A melhor maneira de representarmos uma cena, de desempenharmos um papel, convincentemente, é identificarmo-nos com ele. Garanto-lhe, Smith, que, de há três dias para cá, não ingeri qualquer bebida ou alimento... Tenha a bondade de passar-me aquele copo de água. Sinto realmente sede... O que mais falta me fez foi o tabaco... Aqui estão os meus cigarros.

Ouvi o som de um fósforo riscando a caixa.

— Delicioso! — exclamou Holmes, regozijante. — Olá! Parece-me ouvir os passos.

A porta abriu-se e o inspetor Morton entrou no quarto.

— Está tudo em ordem — anunciou Holmes —, e aí tem o seu homem.

Após a advertência de regra, o policial declarou:

— Prendo-o, pelo assassinato de Victor Savage.

Com uma gargalhada seca, o meu amigo alvitrou:

— E também pode acrescentar: “por tentativa de homicídio contra Sherlock Holmes”... Para poupar o incômodo a um pobre inválido, Mr.

Culverton Smith teve a bondade de dar-lhe o sinal, por nós combinado, aumentando a chama do gás.

A propósito, Morton, o seu preso guardou no bolso esquerdo do sobretudo uma caixinha de marfim que seria conveniente recuperar. Obrigado... Cuidado! No seu lugar, inspetor, teria mais cautela ao manuseá-la. Se tem apreço à vida, não lhe abra a tampa. Ponha-a aqui... Será muito útil, no julgamento.

Houve uma súbita e brevíssima refrega, seguida do tilintar de peças de ferro e de um brado de dor.

— É inútil qualquer resistência — advertiu o inspetor. — Ainda mais se prejudicaria.

Ouvi o estalido das algemas a fecharem-se nos pulsos de Smith.

— Uma pérfida armadilha — bradou este, colericamente. — Será você, Holmes, quem irá para a cadeia e não eu!... Foi ele, inspetor, quem me pediu que viesse aqui, para curá-lo! Apenas vim por compaixão, por piedade por um ser humano. Agora, certamente, inventará qualquer mentira, atribuindo-me palavras que não proferi, para tentar corroborar as suas loucas suspeitas... Pode mentir, Holmes, quanto quiser. A sua acusação não terá o mínimo significado legal. A minha palavra valerá, sempre, tanto quanto a sua.

— Santo Deus! — exclamou Holmes. — E eu que me tinha esquecido de você, meu caro Watson! Peço-lhe mil desculpas!... Esta minha cabeça, valha-me Deus! Não creio ter necessidade de apresentá-lo a Mr. Culverton Smith, não é verdade? Julgo que já tenham se encontrado. Deixou o carro à espera, lá em baixo? Logo que me vista, Watson, terei o gosto de acompanhá-lo, visto que a minha presença na esquadra da Polícia poderá ser útil...

Enquanto se vestia, Holmes fez um breve intervalo para restaurar-se com um copo de vinho clarete e alguns biscoitos.

— Nunca senti tanta necessidade disto, mas, em virtude dos meus hábitos irregulares, esta privação que me impus é menos penosa para mim, do que para a maioria das pessoas.

Foi-me absolutamente necessário convencer Mrs. Hudson do “terrível” estado em que me achava, para que ela o informasse da minha enfermidade e você, Watson, pudesse, mais tarde, transmitir a Smith os graves sintomas que verificou. Não fica ofendido, não é, meu caro amigo?

Deve reconhecer, Watson, que a dissimulação não se encontra entre os seus numerosos talentos. Por isso, se eu lhe revelasse o segredo, você seria incapaz de convencer aquela raposa da necessidade de vir a este quarto... Ora isso tornava-se essencial para a materialização de todo o plano.

Como conhecia, de antemão, o espírito vingativo daquele patife, tinha a certeza absoluta de que ele viria gozar o epílogo da sua obra criminosa.

— Mas o seu aspecto, Holmes? — admirei-me. — Essa aparência febril, quase agonizante...

— Três dias de jejum integral não contribuem para embelezar um sujeito. Aliás, meu caro doutor, o meu aspecto não resiste à ação de uma esponja e sabão. Vaselina, na testa, um pouco de beladona nos olhos, umas rosetas de rouge nas maçãs do rosto e crostas de cera nos lábios causam um efeito muito satisfatório.

Os expedientes para simular doenças é uma matéria acerca da qual já me tenho sentido inclinado a escrever uma monografia. Basta introduzir, no discurso, algumas referências desconexas, como, por exemplo, as ostras, as meias coroas de prata, e outras asserções extravagantes e acéfalas que produzem uma razoável aparência de delírio mental.

— Ainda uma pergunta, meu caro Watson? Julga, porventura, que tenho tão escassa confiança nos seus conhecimentos, tão pouca consideração pela sua sabedoria em medicina? Julga-me capaz de suspeitar, sequer, que você se deixava enganar por um moribundo que, apesar dos sinais de fraqueza, não tinha febre, nem aceleração no pulso? A quatro metros de distância, sim, poderia enganá-lo. Ora, se eu não o conseguisse, quem poderia convencer Smith a vir aqui?

— E o estojo de marfim?

— Não sou tão ingênuo que pegasse, imprudentemente, naquela caixa. Tem, de lado, um orifício bem visível. Depreendi que, ao levantar-lhe a tampa, uma agulha se projetaria para fora, como um único dente de víbora. Suponho que tenha sido, por um meio análogo, que Victor Savage foi assassinado. O pobre rapaz interpunha-se entre aquele monstro e certos direitos de reversão de uma herança.

O que vale é que, como você sabe, Watson, as encomendas que recebo pelo correio são muito variadas, de maneira que me mantenho sempre de sobreaviso quando recebo qualquer volume ou presente insólito.

No entanto, tinha a certeza de que, se conseguisse fazer com que Culverton Smith acreditasse ter sido bem-sucedido com a sua caixinha mortífera, arranjaría uma maneira de arrancar-lhe uma confissão. E realizei o meu plano com a perfeição de um verdadeiro artista.

Obrigado, Watson. Ajude-me agora a vestir o sobretudo. Quando sairmos da esquadra, talvez não seja má idéia darmos uma parada no “Simpson’s”, para ingerirmos qualquer coisa nutritiva.



Numa noite de verão, alguns meses depois do meu casamento, estava sentado junto da lareira, fumando o último cachimbo, já cochilando sobre um romance, porque tivera um exaustivo dia de trabalho. Poucos momentos antes, minha mulher subia para o quarto e o ruído da porta sendo fechada indicou que as criadas também já se tinham retirado. Levantei-me da poltrona e sacudi a cinza do cachimbo, quando, subitamente, ouvi o toque da campainha. Olhei para o relógio e verifiquei que faltavam quinze minutos para a meia-noite.

Àquela hora, não podia ser uma visita de cortesia. Evidentemente seria um doente com alguma emergência e receei ter de passar uma parte da noite em consulta.

Mal-humorado, dirigi-me ao vestíbulo e abri a porta. Surpreendi-me ao deparar com Sherlock Holmes na soleira da porta.

— Watson! Ainda bem! — exclamou, regozijando-se. — Temi que fosse demasiado tarde para encontrá-lo de pé.

— Meu caro amigo, queira fazer o favor de entrar — convidei.

— Parece admirado com a minha presença... e calculo que também tenha ficado aliviado por eu não ser um paciente. Hum! Continua a fumar essa mistura Arcady dos seus tempos de solteiro! A cinza que caiu no seu casaco não engana. Vê-se também que está habituado a usar uniforme militar, que, como sabemos, não tem bolsos... Você nunca passará por um verdadeiro civil, Watson, enquanto conservar o costume de enfiar o lenço na manga... Está disposto a me hospedar esta noite?

— Com muito prazer.

— Você disse que nesta casa há um quarto de hóspedes... e vejo que, neste momento, não está hospedado ninguém, como prova o bengaleiro.

— Ficarei contente em hospedá-lo.

— Obrigado. Mas lamento constatar que sua casa está em obras. Espero que não seja o encanamento.

— Não. É o gás.

— Ah! Vi marcas de pegadas na sua passadeira de linóleo, precisamente onde bate a luz do corredor.

— Quer comer qualquer coisa? — ofereci.

— Não, obrigado. Já jantei em Waterloo, mas fumarei com prazer um cachimbo na sua companhia.

Estendi-lhe minha bolsa de fumo, e Holmes, sentando-se diante de mim, permaneceu fumando em silêncio durante um tempo. Depois, comentou:

— Vejo que tem andado muito ocupado.

— Sim, tive um dia em cheio — confirmei. — Embora pense que sou tolo, explique-me como deduziu isso.

Holmes riu e esclareceu.

— Tenho a vantagem de conhecer os seus hábitos. Quando tem de fazer poucas visitas, você costuma ir a pé; quando são muitas, vai de carruagem. Ora, as suas botas, embora usadas, não estão sujas. Portanto, foi de carruagem.

— Excelente!

— Elementar, meu caro Watson! É um desses exemplos em que quem expõe o raciocínio causa admiração a quem ouve, porque este não prestou atenção ao detalhe, fundamental na dedução. O mesmo se pode dizer de algumas histórias em que o mistério do problema é inteiramente falso, visto que o autor privou o leitor de alguns fatos essenciais.

Por sinal, neste momento, estou na posição do tal leitor, pois tenho na mão várias pontas da meada de um dos casos mais estranhos com que me deparei, mas faltam-me um ou dois elementos para completar a minha teoria. Mas hei de descobri-los.

O seu olhar animou-se e um leve rubor tingiu-lhe as faces, como se o véu que encobria a sua frieza habitual se tivesse erguido, embora por um rápido instante. Quando voltei a olhá-lo, já readquirira a expressão impassível como a de um pele-vermelha, o que induzia tanta gente a considerá-lo mais uma máquina pensante, do que um homem.

— O caso tem características interessantes — comentou. — Posso até classificá-lo de interesse excepcional. Analisei os fatos e creio ter me aproximado da solução. Watson, você me ajudaria muito se aceitasse me acompanhar nesta última etapa.

— Com todo o prazer.

— Você poderia ir amanhã a Aldershot?

— Sim... Meu colega Jackson certamente concordará em atender os meus doentes.

— Eu gostaria de partir de Waterloo no trem das onze e dez.

— Está bem para mim.

— Nesse caso, se você não estiver com muito sono, posso resumir o que aconteceu e aquilo que nos resta fazer.

— Quando você chegou — confessei —, estava caíndo de sono, mas agora já estou completamente desperto.

— Tentarei resumir a história, sem omitir os fatos principais. Trata-se do suposto assassinato do coronel Barclay, do Royal Malloys, que, como sabe, é um dos mais famosos regimentos irlandeses do exército britânico. Estou investigando o caso.

— Não sei de nada a respeito.

— Porque não chamou muita atenção, a não ser no local onde ocorreu. As notícias só chegaram há dois dias. O Royal Malloys fez maravilhas, não só na Criméia ⁽¹⁾, mas também durante o Grande Motim ⁽²⁾, e a partir de então distinguiu-se em todas as operações em que interveio. Até segunda-feira passada, o regimento era comandado por James Barclay, veterano cheio de valor que, pela sua bravura, foi promovido à classe de oficiais durante o Grande Motim, chegando a comandar a unidade onde sentara praça.

— O coronel Barclay casou-se quando ainda era jovem sargento. A mulher, que em solteira se chamava Nancy Devoy, era filha de um antigo sargento mestiço. Portanto, houve um ligeiro atrito social quando o jovem par se inseriu no seu novo ambiente.

Contudo ambos se adaptaram perfeitamente e Mrs. Barclay, segundo me disseram, tornou-se tão popular entre as senhoras do regimento, quanto o marido entre seus colegas. Era uma mulher de grande beleza e, mesmo agora, após mais de trinta anos de casada, mantém-se atraente.

— Parece que a vida familiar do coronel Barclay foi sempre feliz. O major Murphy, a quem devo a maioria das informações, assegura-me nunca ter ouvido falar de qualquer desavença do casal, embora lhe tenha

⁽¹⁾ Guerra de 1854-1856 entre a Rússia e a quádrupla aliança entre Turquia, França, Inglaterra e Piemonte. (N. do T.)

⁽²⁾ Revolta dos indianos contra os britânicos, em 1869. (N. do T.)

parecido que Barclay era mais devotado à mulher, do que ela ao marido. Quando ela era forçada a ausentar-se, mesmo por um só dia, ele ficava muito inquieto, enquanto ela, pelo contrário, embora fiel, demonstrava menos afeto. Apesar disso, eram considerados um casal exemplar pelos colegas de regimento. Naquele relacionamento, nada indicava a tragédia que viria a ocorrer.

— Parece que o coronel Barclay, apresentava às vezes mudanças de temperamento. Era um velho soldado normalmente alegre e bem-humorado, mas havia momentos em que ficava bastante violento e vingativo. Só que, essa sua faceta nunca se manifestara contra a esposa. Outro fato que impressionava não só o major Murphy mas também outros três dos cinco oficiais com quem falei era o coronel sofrer, às vezes, de uma estranha depressão, quando participava das brincadeiras do quartel, durante as quais o sorriso lhe desaparecia repentinamente dos lábios, como que arrancado por uma mão invisível. Chegava a passar dias seguidos mergulhado nessa crise de tristeza. Fora isso e uma certa queda para a superstição, não havia nada de estranho em seu caráter que os colegas tivessem notado.

Ah, sim, ele tampouco gostava de ficar sozinho, especialmente à noite, um traço infantil de seu temperamento que não combinava com sua natureza corajosa, e isso despertava comentários nos companheiros de farda.

— Já há alguns anos que o primeiro batalhão do Royal Malloys, antigo corpo expedicionário 117 da Índia, está instalado em Aldershot. Os oficiais casados moram fora dos alojamentos e, durante todo esse período, o coronel morava numa vila chamada Lachine, localizada a cerca de meio quilômetro da sua unidade, aquartelada em North Camp. A casa, edificada em terreno próprio, fica a menos de trinta metros da estrada. As duas criadas e um cocheiro constituem, com os patrões, os únicos habitantes de Lachine, já que os Barclay não tinham filhos e raramente tinham hóspedes.

— Vamos agora aos acontecimentos verificados na vila das nove à meia-noite de segunda-feira passada.

— Mrs. Barclay é católica romana e interessa-se pelas atividades da Congregação de São Jorge, instituição fundada em conexão com o Santuário de Watt Street, tendo por objetivo distribuir roupas usadas aos pobres. Estava marcada para as oito horas daquela noite, uma reunião da Congregação, e Mrs. Barclay apressou o jantar para não chegar

atrasada. Saiu de casa às sete e meia e o cocheiro ouviu-a falar apressadamente com o marido, garantindo que não se demoraria. Foi, então, a uma casa próxima buscar Miss Morrison, e ambas seguiram para a reunião, que durou apenas quarenta minutos. Às nove e quinze, Mrs. Barclay voltou, depois de deixar Miss Morrison em casa.

— Em Lachine há uma sala que dá para a estrada, e uma porta de vidro se abre para um gramado com trinta metros de largura, limitado por grades de ferro não muito altas. Ao voltar para casa, Mrs. Barclay entrou por essa sala cujas cortinas não estavam fechadas, porque à noite a sala raramente é utilizada. Acendeu o candeeiro e tocou a campainha para que a criada, Jane Stewart, lhe servisse uma xícara de chá, o que não era hábito dela. O coronel estava na sala de jantar, mas ao ouvir que a mulher chegara, foi ao encontro dela. O cocheiro o viu atravessar o vestíbulo e entrar na sala. Depois disso, ninguém mais o viu com vida.

— A criada, após dez minutos, levou o chá a Mrs. Barclay e, ao aproximar-se da porta, foi surpreendida ao ouvir os patrões discutindo em voz alta. Bateu à porta e, como não obtivesse resposta, girou a maçaneta, constatando, então, que a porta fora trancada por dentro.

— Correu para a cozinheira e ambas, acompanhadas do cocheiro, dirigiram-se ao vestíbulo, de onde, escutaram a discussão, audível mas não inteligível, em que as palavras do coronel eram contidas e secas. Todos declararam unanimemente que só se ouviam as vozes do patrão e da patroa. A certa altura, ouviram-na dizer: “Covarde! Agora que pode fazer? Devolva-me a minha vida! Nunca mais respirarei o mesmo ar que você respira! Covarde! Covarde!” Subitamente ouviu-se um grito de homem angustiado, seguido do estrondo de um corpo caindo no chão e de um grito estridente de mulher.

— Convencido de que ocorrera uma tragédia, o cocheiro tentou arrombar a porta; as criadas estavam tão assustadas que não puderam ajudá-lo; então o homem saiu do vestíbulo e, pelo lado exterior, alcançou a sala cuja porta de vidro estava aberta, como era natural no verão. Viu a patroa sem sentidos, estirada num canapé, e o velho militar, prostrado no chão, os pés torcidos entre uma poltrona e a lareira, a cabeça num mar de sangue. A primeira idéia do cocheiro foi abrir a porta do vestíbulo, mas verificou que, apesar de trancada, a chave não estava na fechadura. Tornou, pois a sair para o gramado, chamou a polícia e voltou, pouco depois, com um médico.

— Mrs. Barclay, contra quem recai a mais forte suspeita, foi levada para a quarto, ainda inconsciente. O cadáver do coronel foi estendido no canapé e o local do crime, cuidadosamente examinado. Na parte posterior do crânio da vítima havia um corte profundo, de seis centímetros, provocado por um instrumento não cortante. Era fácil deduzir, visto que, junto do corpo, havia um estranho bastão de madeira com cabo de osso. Como o coronel possuía uma variada coleção de armas vindas de diversos países onde combatera, a polícia pensou que esse bastão fizesse parte daqueles troféus. Contudo, os criados negavam ter visto antes tal bengala, embora reconhecessem que pudesse estar guardada em outro lugar.

— A polícia não encontrou mais nada de importante na sala, a não ser o fato inexplicável de a chave não se encontrar na porta para o vestibulo, nem no cadáver, nem com Mrs. Barclay. A porta teve de ser aberta pelo ferreiro de Aldershot.

— A situação era esta, Watson, quando, na terça-feira de manhã fui até lá a pedido do major Murphy, para auxiliar a polícia. Você há de convir que o problema, por si só, já tinha bastante interesse, mas por minhas observações constatee que era muito mais extraordinário do que parecia. Antes de examinar a sala, interroguei os criados, mas estes não acrescentaram nada ao que já tinham dito. Apenas um detalhe curioso foi lembrado pela criada. Ao ouvir a discussão, ela se afastara para chamar a cozinheira e voltara com esta e com o cocheiro. Insisti para que tentasse recordar-se de quaisquer palavras que tivesse ouvido antes disso. Ela se lembrou então, que, embora os patrões estivessem discutindo de uma maneira ininteligível, ela conseguira entender um nome que Mrs. Barclay dissera, por duas vezes, num tom mais alto e ríspido: *David*. Ora, este detalhe pode ser de extrema importância para descobrirmos o motivo da discussão repentina. Como há pouco lhe disse, o nome do coronel era James... James Barclay.

— Segundo as declarações dos criados e da polícia, todos ficaram impressionados com o rosto contorcido do coronel, numa expressão de pavor, com certeza indicando que havia pressentido a morte imediata. Como sempre fora um militar bravo e destemido, habituado a defrontar a morte em numerosas circunstâncias, a polícia baseou a sua teoria na hipótese de o coronel ter surpreendido a própria mulher prestes a assassiná-lo. O fato de o golpe ter sido na parte posterior do crânio não

seria uma objeção fundamental, pois o coronel poderia ter-se virado para evitar a agressão.

— Como Mrs. Barclay permanecia inconsciente e com febre, não pude interrogá-la, mas soube pela polícia que Miss Morrison, durante o período em que estivera com ela, não notara o menor indício de mau humor.

— Depois de reunir estes fatos, fumei vários cachimbos, tentando separar os importantes dos meramente acidentais. O detalhe mais sugestivo era, sem dúvida, o do desaparecimento da chave da porta. Como vasculharam a sala, sem nada encontrar, conclui-se que ela foi retirada por uma terceira pessoa, que provavelmente entrou pela porta de vidro. Portanto, seria imprescindível examinar, não só a sala, mas também o gramado, para encontrar algum vestígio da pessoa.

— Você conhece os meus métodos, Watson. Não desprezei nenhum deles nesta pesquisa e acabei por encontrar vestígios, mas bem diferentes daqueles que eu esperava. Efetivamente, um homem estivera na sala depois de ter atravessado o jardim, vindo da estrada. Encontrei cinco pegadas bastante nítidas: uma, na estrada, no local onde saltara a cerca de grades, relativamente baixa; duas no gramado e outras duas, muito apagadas, no assoalho, perto da porta de vidro. Aparentemente ele corraera, porque as marcas das pontas dos sapatos eram mais profundas do que as dos calcanhares. Mas o que me surpreendeu não foram as pegadas dele, mas as do companheiro.

— Companheiro?

Tirando do bolso uma folha de papel transparente, Holmes desdobrou-a e a estendeu para mim:

— O que você acha disto, Watson?

Era um desenho de patas de um animal pequeno, cada qual do tamanho de uma colher de sobremesa e com garras compridas.

— Parecem de cão — arrisquei.

— Já viu algum cão subindo em cortinas? Encontrei marcas que provam que esse bicho subiu.

— Um macaco talvez?

— Os macacos têm dedos compridos. Esta não é a pegada de um deles.

— Então, que animal será esse?

— Não se trata de cão, nem de gato, nem de macaco, nem de qualquer outro animal com o qual estejamos familiarizados. Tentei identificá-lo medindo a distância entre as patas dianteiras e as traseiras. Entre elas, nesta posição em que o animal se imobilizou, não há mais de quarenta e cinco centímetros. Acrescente a esta medida o comprimento da cabeça e do pescoço e perceberá que ele tem cerca de sessenta centímetros... ou mais, se tiver cauda. Mas agora observe esta outra medida, referente à largura do passo do animal em movimento. O intervalo entre cada passada é de nove centímetros, o que nos indica tratar-se de um animal de pernas curtas. Portanto, corpo comprido e pernas curtas... Não teve a gentileza de deixar alguns pêlos, por isso só sabemos que, além de subir em cortinas, é carnívoro.

— Como concluiu isso? — estranhei.

— Pelo motivo que o levou a subir pela cortina: havia uma gaiola com um canário pendurada na janela.

— E que animal supõe seria, então?

— Se o tivesse identificado, já estaria perto da solução do caso. De qualquer modo, é um quadrúpede da família das doninhas, talvez maior do que estas.

— Mas o que o bicho tem a ver com a crime? — impacientei-me

— A relação ainda não está muito clara, mas já sabemos que um homem esteve parado na estrada, observando a discussão dos Barclay, uma vez que as cortinas não estavam fechadas e a sala estava iluminada; que esse homem correu pelo gramado e entrou na casa acompanhado por um animal pouco comum; que atacou o coronel com uma bengala... ou que o coronel, assustado, recuou, tropeçando e batendo com a cabeça na pedra da lareira... o que parece improvável. O mais estranho é ter levado a chave, quando fugiu.

— Parece que suas descobertas tornaram o caso ainda mais complicado...

— É verdade. Elas provam que, o caso é mais complexo do que antes se supunha. Depois de analisar todos os dados, cheguei à conclusão de que devia investigar o caso por outro prisma... Mas, agora, Watson, vou deixá-lo dormir. Contarei o resto da história durante a viagem...

— Obrigado, mas você foi longe demais para parar justamente agora.

— Pois bem, temos a certeza de que, quando Mrs. Barclay saiu de casa, às sete e meia, estava bem com o marido. Embora nunca

demonstrasse muito afeto, o cocheiro testemunhou que ambos conversavam amigavelmente. Ora, logo após ter voltado para casa, Mrs. Barclay foi para a sala, local menos provável para encontrar o marido; contrariando os seus hábitos, pediu à criada que lhe servisse chá, como as mulheres costumam fazer quando ficam nervosas; e, finalmente, quando o coronel veio ao seu encontro desatou a recriminá-lo violentamente. Por conseguinte, ocorrera qualquer coisa, entre as sete e meia e as nove. que alterou completamente os sentimentos da mulher em relação ao marido. Contudo, Miss Morrison tinha estado com ela durante aquela hora e meia. Portanto, ainda que ela negue, deve saber de qualquer coisa que tenha acontecido durante esse período.

— A minha primeira hipótese foi a de que Miss Morrison e o velho militar tiveram um romance e que ela tivesse confessado isso a Mrs. Barclay, o que explicaria a reação colérica de Mrs. Barclay e a atitude da jovem em negar-se a contar o que sabia. Tal hipótese poderia se confirmar pela maioria das palavras, que foram ouvidas na discussão do casal. Contudo, surgira a estranha referência a um tal David; não havia dúvida de que o coronel tinha grande afeição à mulher, e que esta não correspondia com a mesma intensidade; além disso verificara-se a presença do desconhecido. Não era fácil relacionar os fatos, mas inclinei-me a pôr de lado aquela hipótese do romance entre o coronel e Miss Morrison.

— Convencido de que a jovem estava a par do segredo que levava Mrs. Barclay a odiar o marido, decidi chamá-la para explicar-lhe que, se não esclarecesse o assunto, ela poderia acabar no banco dos réus, sob uma acusação de homicídio. Miss Morrison é uma jovem franzina, de olhos tímidos e cabelos louros, mas deixava transparecer que era perspicaz e de bom senso. Depois de pensar no que lhe disse, virou-se resolutamente para mim e fez um depoimento notável que pesará em seu benefício: “Promessas são promessas e a verdade é que prometi à minha amiga nada dizer quanto ao que se passou. Porém, diante da terrível acusação que cai sobre ela, creio que o meu dever é auxiliá-la, ficando, assim, dispensada da promessa. Vou contar-lhe exatamente o que se passou nessa noite de segunda-feira”.

— Mas ainda hesitou e aguardei para que continuasse. “Eram quinze para as nove, quando voltamos da Congregação. Tivemos de passar pela Hudson Street, uma rua deserta, com um único lampião do lado esquerdo. Quando nos aproximamos dele, vi um homem caminhando em nossa

direção, encurvado, com uma caixa aos ombros. Como estava de cabeça baixa e tinha os joelhos curvados para dentro, pareceu-me um aleijado. Ao passar por nós, sob a luz do lampião, olhou-nos e gritou, num tom de voz medonho: ‘Santo Deus! É Nancy!’ Mrs. Barclay ficou branca como a cal e teria caído, se a criatura não a tivesse amparado. Eu ia chamar a polícia, quando, para minha surpresa, Mrs. Barclay se dirigiu a ele, vacilante mas com inesperada amabilidade: ‘Oh, Henry! Pensei que você tivesse morrido... já faz trinta anos!.’ O homem tinha um rosto moreno, assustador, e olhos brilhantes que até hoje me aparecem em pesadelos. A barba e os cabelos eram grisalhos e as faces cheias de rugas, como uma maçã murcha: ‘Foi como se tivesse morrido’, comentou.

— “Mrs. Barclay, virando-se para mim, pediu: ‘Siga um pouco na frente, querida. Não tenha medo. Quero apenas trocar umas palavras com este homem’. Esforçava-se por falar naturalmente, mas continuava mortalmente pálida e com os lábios trêmulos. Obedeci e, durante alguns minutos, caminharam lado a lado, até que ela me alcançou com os olhos em brasa. Vi que o corcunda permanecera junto ao lampião e que erguera o punho fechado, num gesto de ódio. Mrs. Barclay não proferiu palavra até chegarmos à porta de minha casa. Aí, pegando-me na mão, suplicou-me que não falasse a ninguém no que presenciara, explicando: ‘É um velho amigo que desceu, tristemente, na escala social’. Quando lhe prometi nada dizer, beijou-me, agradecida e... desde então, não mais a vi. Acabo de contar-lhe toda a verdade e, se não o fiz quando interrogada pela polícia, foi por não avaliar o perigo a que a minha amiga se expunha, mas, agora, creio que a verdade só poderá beneficiá-la.

Após uma pausa, Holmes continuou:

— Aqui tem, Watson, o relato de Miss Morrison, que, como deve imaginar, foi para mim, como uma luz nas trevas. Tudo o que antes parecia desconexo começou a encaixar-se no seu devido lugar, permitindo-me prever a sombria seqüência dos acontecimentos. Como é natural, a minha primeira providência foi descobrir o indivíduo que tinha causado uma impressão tão forte sobre Mrs. Barclay. Se estivesse em Aldershot não seria difícil encontrá-lo. Nessa área não há muitos civis desconhecidos, e um homem deformado teria chamado atenção.

— Perdi um dia na minha busca e, nesta mesma noite, Watson, eu o encontrei. Chama-se Henry Wood e mora na mesma rua onde as duas mulheres o viram. Chegou há cinco dias. A senhoria informou-

me de que o sujeito é ator e mágico profissional; anda pelas cantinas e, à noite, dá pequenos espetáculos para ganhar algum dinheiro. Traz com ele, numa caixa, um estranho animal que perturbou a senhoria, pois ela nunca vira um bicho semelhante. Conforme contou, o homem domesticou-o e o utiliza num dos seus números. A mulher nem percebe como o desgraçado sobrevive nessa profissão, aleijado como é; às vezes ela o surpreende falando numa língua estranha e, nas duas últimas noites, ouviu-o chorar e gemer na cama. Quanto a dinheiro, parece ter o quanto lhe basta e, quando pagou o aluguel do quarto, uma semana adiantada, entregou uma moeda que parecia um florim falso. A senhoria o mostrou para mim e reconheci tratar-se de uma rúpia indiana.

— Agora, meu caro Watson, já está a par do caso e certamente, adivinhou o que pretendo. É evidente que o indivíduo seguiu, à distância, as duas mulheres e, depois, foi atrás de Mrs. Barclay. Presenciou, pela janela, a discussão dela com o marido; entrou na sala, e o animal que transportava às costas, na caixa, escapou na corrida. Contudo, apesar de tudo isto ser lógico, a verdade é que só ele poderá esclarecer corretamente o que se passou na sala.

— E você, pretende interrogá-lo?

— Claro... na presença de uma testemunha.

— E quer que eu seja essa testemunha?

— Sim... se você quiser prestar-me esse favor. Se o homem se abrir conosco para solucionar a causa da tragédia, será excelente. Caso contrário, não terei outra alternativa senão solicitar um mandado de prisão contra ele.

— Mas... como pode ter a certeza de que o corcunda ainda lá estará, quando formos procurá-lo?

— Claro que tomei algumas precauções. Coloquei um de meus auxiliares da Baker Street ⁽³⁾ como vigia e o rapaz o seguirá como um cão aonde quer que ele vá. Verá, Watson, como amanhã iremos encontrá-lo, na Hudson Street. E agora, meu amigo, o criminoso seria eu, se continuasse a mantê-lo fora da cama por mais tempo.

⁽³⁾ *Garotos da rua com os quais Sherlock Holmes formara um núcleo de ajudantes, descrito no romance Um estudo em vermelho, primeiro volume desta coleção. (N. do T.)*

Era meio-dia quando chegamos à casa onde a tragédia ocorrera e seguimos imediatamente para a Hudson Street. Apesar da capacidade de Holmes de ocultar as emoções, percebi que reprimia a excitação, enquanto eu próprio sentia um prazer meio ridículo, meio intelectual que invariavelmente experimentava quando participava de suas investigações.

Ao entrarmos numa ruazinha, ladeada por sobrados de tijolos, Holmes indicou:

— A rua é esta. Olhe... Aí vem Simpson com as informações.

— Ele está em casa, Mr. Holmes — disse um rapazinho que correu ao nosso encontro.

Dando-lhe um tapinha na cabeça, meu amigo incentivou-o:

— Muito bem, Simpson... Venha, Watson, a casa é esta.

Entregou à senhoria um cartão para o seu inquilino, com o recado de que precisava falar com ele sobre um assunto importante.

Momentos depois, estávamos diante do homem. Apesar do calor infernal, o homem se encontrava encolhido junto da lareira, e o pequeno quarto parecia um forno. A maneira como se enrolara, todo torto, no único sofá, deu-nos a impressão de ter realmente alguma deformidade. Contudo, o seu rosto moreno, embora enrugado pelo sol, indicava que ele foi, em outros tempos, muito atraente. Seus olhos amarelados nos fitavam, e, sem falar nem se levantar, apontou-nos duas cadeiras.

— Creio que é Mr. Henry Wood, recém-chegado da Índia, não é verdade? — perguntou Holmes afavelmente. Venho por causa da morte do coronel Barclay.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— É o que preciso verificar. Imagino que já saiba que a sua amiga, Mrs. Barclay, será julgada por homicídio, se o caso não for devidamente esclarecido.

O homem mostrou-se subitamente alarmado.

— Não sei quem o senhor é, nem como está sabendo disso... Mas jura que é verdade o que está me dizendo?

— As autoridades só aguardam que Mrs. Barclay se recupere para lhe darem voz de prisão.

— Meu Deus! O senhor é da polícia?

— Não.

— Nesse caso, o que tem a ver com essa história?

— Todos temos o dever de zelar pela justiça — sentenciou Holmes.

— Se eu lhes disser que ela é inocente, vai acreditar em mim?

— Quer dizer que você é o culpado?

— Não... Eu não!

— Então, quem matou o coronel Barclay?

— A divina providência. Mas se eu tivesse estourado os miolos dele, como pretendia, esse covarde não teria sofrido nas minhas mãos mais do que merecia. Se a sua própria consciência culpada não o tivesse matado, seria bem provável que o seu sangue viesse a manchar a minha alma. Não há motivo para não contar a minha história, já que não tenho do que me envergonhar. O senhor me vê agora com as costelas retorcidas e uma corcova de camelo, mas houve tempo em que o cabo Henry Wood era o homem mais bem apessoado do Regimento de Infantaria 117. Estávamos na Índia, acantonados em Bhurtee. Barclay, que morreu no outro dia, era sargento da minha companhia e Nancy Devoy, filha do outro sargento, era a moça mais linda que já conheci.

Era cortejada por dois homens, mas ela só amava um deles. É natural que o senhor sorria, vendo-me neste estado e me ouvindo dizer que era pela minha bela aparência que Nancy me amava. Contudo o pai estava decidido a casá-la com Barclay, porque eu era um rapaz um tanto irresponsável, enquanto o sargento tinha boa instrução e parecia ter uma carreira promissora. Mas Nancy mantinha-se fiel a mim e tudo indicava que ficaríamos juntos, quando estourou o Motim e todo o país entrou em estado de sítio.

— O nosso regimento, em Bhurtee, foi cercado com meia bateria de artilharia, uma companhia de praças indígenas Sikhs e um punhado de civis e mulheres. Estávamos encurralados por dez mil rebeldes, tão excitados como uma matilha de *fox-terriers* em volta de uma ratoeira. Uma semana depois, a água acabou e só nos restava entrar em contato com a coluna do general Neill que se dirigia para aquela região. Era a nossa salvação, já que não podíamos lutar arrastando as mulheres e as crianças. Decidi oferecer-me como voluntário para avisar o general Neill do perigo que corríamos. O oficial do meu pelotão concordou com a minha decisão e fui falar com o sargento Barclay, que conhecia melhor o terreno e me indicou o rumo mais seguro para atravessar as linhas rebeldes.

— Às dez horas daquela mesma noite, parti no cumprimento da minha missão. Havia, em Bhurtee, milhares de vidas a serem salvas, mas, quando saltei a cerca defensiva, só pensava em uma: na de Nancy Devoy. O caminho traçado por Barclay seguia o leito de um rio, seco naquela estação, que, segundo esperávamos, me ocultaria das sentinelas inimigas. Porém, quando, sempre rastejando, atingi o fim do rio e ia para outra direção, encontrei seis sentinelas me esperando na escuridão. Vi-me subitamente atordado com uma pancada na cabeça, e amarraram meus pés e minhas mãos. Contudo, não foi esse golpe que me feriu profundamente, mas o que logo recebi no coração: ao recuperar os sentidos, percebi, pela conversa das sentinelas, que fora meu próprio companheiro de farda, Barclay, aquele que indicara o caminho que eu deveria seguir, que me traía, entregando-me ao inimigo.

— Não preciso me alongar nesta parte. Os senhores já podem deduzir que espécie de homem era James Barclay, e do que ele era capaz. No dia seguinte, Bhurtee foi libertada pelo general Neill, mas os rebeldes levaram-me como prisioneiro e só depois de muitos anos voltei a ver um rosto branco. Fui torturado e, ao tentar fugir, recapturaram-me. Podem ver a que estado fiquei reduzido. Mais tarde alguns rebeldes, perseguidos pelas nossas tropas, fugiram para o Nepal e levaram-me com eles. Passamos mais tarde por Darjeeling, onde os montanhese os exterminaram mas mantiveram-me como escravo durante algum tempo... até que consegui fugir. Durante um ano, vaguei por essas vastas regiões. Consegui chegar a Punjab, onde vivi com os nativos, passando a ganhar dinheiro com espetáculos de mágica que aprendera. Na minha situação, de que me valeria regressar a Inglaterra e procurar meus antigos camaradas? Nem mesmo o desejo de vingança me impelia a isso. Preferia que tanto Nancy como os meus amigos continuassem a pensar que Henry Wood tinha morrido... com o corpo são. Nunca quis que soubessem que eu estava vivo. Soube que Barclay se casara com Nancy, mas nem isso me fez falar.

— Contudo, quando um homem envelhece, acaba por sentir saudade da pátria. Passei anos sonhando com os campos verdes e com o arvoredo da Inglaterra. Economizara o bastante para a viagem de regresso e vim para cá, porque conheço bem os costumes e os gostos dos soldados e sei como diverti-los. Desta maneira, poderei ganhar o suficiente para manter-me e sobreviver.

— Esse seu relato — observou Holmes — é muitíssimo interessante. Soube do seu encontro com Mrs. Barclay, quando os dois se reconheceram. Creio que a tenha seguido até em casa e acompanhado pela janela a discussão do casal, durante a qual Mrs. Barclay acusou o marido de traidor. Então, Mr. Wood, tomado de ira, o senhor correu pelo jardim e entrou na sala. Não foi assim?

— Exatamente. Ao ver-me, Barclay olhou-me com uma expressão de pavor... que eu jamais vira em rosto algum... e caiu, batendo com a cabeça na pedra da lareira. Mas acredite, senhor, ele já estava morto ao cair. Vi a morte em seu rosto tão claramente como leio um texto à luz da lareira. A minha simples presença foi como um tiro em seu coração.

— E depois?

— Nancy desmaiou e eu tirei a chave, da mão dela, com a intenção de abrir a porta e buscar auxílio, mas depois achei melhor deixá-la sozinha e fugir, porque a situação poderia virar-se contra mim e, se eu fosse preso, era natural que o meu segredo viesse à tona. Na pressa, pus a chave no bolso e, enquanto procurava Teddy, que escapara da caixa e subira pela cortina, deixei cair minha bengala. Quando consegui prendê-lo, fugi correndo.

— Esse Teddy, quem é? — perguntou Holmes.

O homem curvou-se e puxou uma espécie de gaiola que estava ao lado da lareira. Abriu-a e vimos sair um belo animal, castanho-avermelhado, esguio, ágil, com pernas de arminho, focinho pontiagudo e os olhos mais meigos que vi em qualquer animal.

— É um mangusto! — exclamei.

— Sim, mas há quem também o chame icnêumon. É um caçador de cobras. Teddy, como eu o chamo, é rápido para matar serpentes. Tenho uma aqui, sem as presas venenosas, que ele simula caçar todas as noites para divertir o pessoal da cantina. Quer saber mais alguma coisa, senhor?

— Talvez voltemos a procurá-lo — respondeu Holmes — caso Mrs. Barclay fique em dificuldade com a polícia.

— Se isso acontecer, não deixarei de me apresentar.

— Muito bem, mas, se tudo der certo, não será necessário expor-se, agora que o coronel morreu... Ele realmente foi desprezível, mas talvez você se console ao saber que, durante trinta anos, a consciência dele o atormentou constantemente... Ah! Ali vai o major Murphy, no outro lado da rua. Adeus, Wood... Quero ver se o major tem novidades sobre o caso.

Conseguimos alcançar Murphy, antes que ele dobrasse a esquina.

— Não sei se sabe, Holmes, que o inquérito terminou — anunciou o major.

— Por quê?

— O exame médico acaba de provar que Barclay morreu de apoplexia. Como vê, tratava-se, afinal, de um caso muito simples.

— Sim — concordou Holmes, sorrindo. — Um caso muito simples... Venha, Watson, pois já não somos necessários em Aldershot.

Quando nos dirigíamos para a estação, observei:

— Há um detalhe que não foi esclarecido. Se o coronel Barclay se chamava James e se Wood era Henry, por que diabo Mrs. Barclay pronunciou, mais do que uma vez, o nome David?

— Só por essa palavra, meu caro Watson — respondeu Holmes —, eu poderia ter desvendado o problema... se eu fosse o raciocinador ideal que você proclama. Evidentemente, Mrs. Barclay usou esse nome para expressar censura.

— Censura? — estranhei.

— Sim. Foi uma forma de atingir o marido. Como você deve saber, Watson, o sargento Barclay seguiu as infames passadas de David... Lembra-se, meu amigo, do breve incidente de Uriah e Betsabá ⁽⁴⁾? Os meus conhecimentos bíblicos estão um pouco enferrujados, mas acho que você pode encontrar esse episódio na história de Samuel, capítulo I ou II.



⁽⁴⁾ Betsabá, mulher israelita do século XI a.C., notável pela sua beleza, era casada com Uriah, oficial das hostes de David, rei dos hebreus. Depois de tê-la arrastado ao adultério, fez com que o marido morresse na guerra para poder desposá-la. (N. do T.)

Na segunda semana depois do Natal, fui visitar o meu amigo Sherlock Holmes e encontrei-o recostado na sua poltrona, com um roupão, o cachimbo a um canto da boca e, não longe da mão, um maço de jornais já manuseados, certamente lidos pouco tempo antes.

Sobre o espaldar da cadeira, a seu lado, via-se um chapéu de feltro, velho, imundo, e roto em alguns pontos. Sobre o assento da mesma, jazia uma lente e uma pinça, o que sugeria que o chapéu seria cuidadosamente examinado.

— Vejo que está ocupado e talvez a minha presença o incomode — preambulei.

— De maneira alguma. Gosto de ter um amigo, junto a mim, com quem possa discutir as minhas investigações.

Apontando com o polegar para o chapéu, acrescentou.

— Este assunto é banal, mas reúne alguns pormenores interessantes e até instrutivos.

Sentei-me no sofá e estendi as mãos para a lareira, pois fazia tanto frio que as janelas acumulavam cristais de gelo.

— Suponho — arrisquei — que, mesmo sendo banal, contém algum mistério e você vai desbravar uma pista que conduza à punição de um criminoso.

— Não, não se trata de crime — respondeu Holmes, rindo. — Trata-se apenas de um desses incidentes ridículos que surgem quando há quatro milhões de pessoas se acotovelando num reduto de poucos quilômetros quadrados.

Entre a ação e a reação de uma tão densa colméia humana, é natural que se gere uma imensa combinação de fatos e, implicitamente, muitos problemas insólitos, mas não obrigatoriamente crimes. Já temos experiência disso...

— Sim, realmente — concordei —, tanto mais que três dos últimos seis casos que registrei nas minhas notas estavam isentos de qualquer indício de crime punível por lei.

— Precisamente. Refere-se, decerto, à ação que desenvolvi no sentido de recuperar os documentos que se achavam em poder de Irene Adler; ao singular caso de Miss Sutherland e ao do homem de lábio torcido... Não duvido que o presente inquérito se inclua nessa mesma categoria discriminada... Por acaso, Watson, você conhece o comissário Peterson?

— Sim conheço.

— Pois bem, este troféu é dele.

— Esse chapéu! — estranhei. — Quer dizer que pertence ao comissário?

— Não para seu uso pessoal, mas o encontrou. Não se sabe quem é o dono. Watson, procure examiná-lo, não como um artigo de vestuário, mas como um problema intelectual. Contudo, antes de mais nada, deixe-me contar-lhe como isto veio parar em minhas mãos.

Chegou no Dia de Natal, juntamente com um belo ganso que, a estas horas, deve estar sendo assado em casa de Peterson. Os fatos são os seguintes:

Às quatro horas da manhã do dia de Natal, Peterson, que, como você sabe, é um homem honesto, regressava de uma festa de confraternização e passou pela Tottenham Court Road, a caminho de casa. Seguiu, à sua frente, um indivíduo de altura mediana, cambaleando e carregando, à luz débil dos lampeões de gás, o referido ganso.

Ao chegar à esquina da Goodge Street, Peterson presenciou uma discussão entre o homem do ganso e um grupo de vagabundos. Um deles atirou-lhe o chapéu ao chão e o homem, tentando defender-se com a bengala, quebrou a vidraça da janela que estava atrás dele.

Peterson avançara para defender o indivíduo, mas este, assustado por ter quebrado o vidro e vendo aproximar-se um uniforme da polícia, largou o ganso e fugiu, desaparecendo no labirinto de vielas dos fundos da Tottenham Court Road. A aparição de Peterson fez com que os assaltantes também se dispersassem e, assim, o comissário ficou senhor do campo de batalha e em posse dos troféus da vitória: o chapéu velho e o ganso, constituindo o melhor presente de Natal que poderia esperar.

— Mas, decerto, Peterson devolveu-o ao dono...

— É aí, meu caro, que reside o problema. Amarrado à perna esquerda do ganso estava um cartãozinho, indicando: “Para Mrs. Henry Baker”. No forro do chapéu abandonado, também são perceptíveis as iniciais “H. B.”, mas como, nesta cidade, há milhares de pessoas com o apelido Baker e algumas centenas com o nome Henry Baker, não é fácil devolver um objeto perdido por uma delas.

— Nesse caso, o que fez Peterson?

— Sabendo que me interesse pelos mais pequenos problemas, veio aqui em casa, na manhã do dia de Natal, com o chapéu e com o ganso. Contudo, apesar do frio e da geada, a carne deteriora-se. O ganso foi conservado, até hoje, mas dava indícios de que devia ser comido, quanto antes. Portanto, Peterson levou a sua descoberta, para dar-lhe o destino de todos os gansos, nesta época do ano, e eu fique com o chapéu do sujeito que perdeu a sua especialíssima ceia de Natal.

— O homem não pôs um anúncio no jornal?

— Não.

— Então, o que vai fazer, para identificá-lo?

— Procurar uma pista, por meio de dedução.

— Baseando-se no chapéu?

— Precisamente.

— Está brincando, Holmes! O que você poderá deduzir, a partir dessa velharia?

— Aqui tem a lente, Watson. Você já conhece os meus métodos... Veja o que consegue descobrir quanto à identidade do sujeito que o usou.

Peguei o chapéu, virei e revirei. Era de feltro preto, comum, redondo e gasto. O forro de seda vermelha estava desbotado. Não tinha nome de fabricante, mas, como Holmes referira, apresentava as iniciais “H. B.”. Do elástico de segurança, só restava o furo. O feltro estava empoeirado e com algumas manchas e, nas partes em que o sol mais comera a cor, tinha sido aplicada tinta preta.

— Nada vejo de especial — confessei, contrafeito, devolvendo-lhe o chapéu.

— Mas pode ver tudo, Watson, se quiser dar-se ao trabalho de raciocinar. Como você é tímido, receia errar nas conclusões...

— Então, diga-me você o que deduz desse chapéu...

Com o seu habitual ar introspectivo, Holmes pegou o chapéu e começou:

— Embora nos sugira menos do que seria de esperar, apresenta alguns indícios que nos apontam certas probabilidades. Evidentemente, o indivíduo é um intelectual que já viveu bem, mas que, de há uns três anos para cá, tem deparado com dificuldades. Foi uma pessoa cuidadosa e providente, mas o seu esmero foi diminuindo, o que corresponde a um retrocesso do seu valor moral, e este fator, aliado ao declínio dos seus bens materiais, deve ter tido origem numa influência perniciosa, como, por exemplo, a embriaguês... pelo que, provavelmente, a mulher deixou de cuidar dele e até, talvez, de amá-lo.

— Meu caro Holmes! — pasmei, duvidoso.

— Mas ainda possui um pouco de brio — prosseguiu o meu amigo, alheando-se da minha exclamação.

— Trata-se de um sujeito de vida sedentária, que raramente sai de casa; é já de meia-idade e adoentado; cortou o cabelo há poucos dias e usa brilhantina... e é provável que não tenha, em casa, instalação de gás. Eis os fatos deduzíveis do seu chapéu.

— Está, decerto, debochando de mim, Holmes! — protestei.

— De maneira alguma! Será possível, Watson, que depois de eu ter apontado estes fatos, você não consiga descobrir mais nada?

— Reconheço ser lento no meu raciocínio e não consigo acompanhar o seu. Ora diga-me, por exemplo, como deduziu que se trata de um intelectual?

Como resposta, Holmes colocou o chapéu na cabeça e este lhe desceu pela testa até o nariz.

— É uma questão antropológica de capacidade encefálica. Um macrocéfalo, com um tão vasto crânio, deve ter qualquer coisa dentro dele.

— E quanto ao declínio dos seus bens?

— Este tipo de chapéu só começou a ser usado há três anos, quando se inaugurou a moda da aba virada para cima, com debrum de seda. O feltro é da melhor qualidade e o forro é de seda fina. Portanto, se um homem, há três anos, pôde comprar um chapéu com esta classe e, depois disso, mesmo com ele surrado, não comprou outro, é porque a vida não está fácil para ele.

— Realmente, parece lógico... Mas, quanto a ser cuidadoso e previdente... e à sua degradação moral?

Sherlock Holmes riu-se e, deslizando o dedo pelo vinco e pelo buraco do elástico, já inexistente, explicou:

— Aqui está o indício da sua providência: o elástico de segurança nunca é vendido com o chapéu; é uma precaução contra o vento e só é colocado, como extra, por vontade expressa do comprador. Ora, depois que o elástico partiu, o homem limitou-se a retirá-lo, sem colocar outro novo, o que demonstra um certo abandono. Contudo, por outro lado, manteve algum respeito pessoal, pois procurou esconder as manchas cobrindo-as com tinta. Deduzi que se embriagava, porque Peterson o viu cambaleando pela rua e, em vez de acertar nos assaltantes, partiu o vidro da janela.

— Esse raciocínio é realmente plausível — reconheci.

— E o resto...?

— Trata-se de um sujeito de meia-idade que cortou o cabelo, recentemente, e usa brilhantina, porque, examinando com lente o interior do chapéu verifiquei pequenos fragmentos de cabelo grisalho, cortados com tesoura de barbeiro e fixos ao forro por uma matéria gordurosa que cheira brilhantina. Quanto ao pó, note que não é arenoso, como o da rua, mas finíssimo, como o que paira dentro de casa, o que prova que o chapéu, na maior parte do tempo, fica pendurado no chapeleiro... e as marcas internas de umidade demonstram que transpira excessivamente, o que indica não gozar de perfeita saúde. Para quem sai pouco, é sinal de fraqueza.

— Mas como concluiu que a esposa já não o ama?

— É casado, porque o cartãozinho do ganso estava em nome da mulher de Henry Baker. Ora, o chapéu já não é escovado há muitas semanas. Quando você, Watson, aparecer com tanto pó acumulado no chapéu e a sua mulher deixar que você saia com ele nesse estado, receio ter de começar a pensar que ela deixou de ter por você a afeição de sempre.

— Estou vendo... Não é, portanto, um solteirão... Mas quanto a não ter gás em casa?

— Porque tem marcas de pingos de vela na aba. O homem está habituado a entrar em casa com o chapéu numa das mãos e a vela na

outra. Ora, que eu saiba os candeeiros de gás não pingam gotas de estearina. Está satisfeito?

— Sim... é engenhoso — concordei, rindo — mas, não havendo crime, nem qualquer ato grave, a não ser a morte de um ganso, por que motivo está gastando a sua energia, com esta investigação?

Sherlock Holmes ainda abriu a boca para responder, mas, nesse instante, bateram à porta e logo o comissário Peterson entrou, perturbado, manifestando-se aturdido com qualquer evento.

— O ganso, Mr. Holmes! — exclamou, ofegante.

— Que se passa com ele? Ressuscitou e voou da cozinha? — ironizou Holmes, virando-se na poltrona para ver melhor a perturbação do comissário.

— Olhe para isto! Veja o que minha mulher encontrou no papo do bicho!

Estendeu a mão exibindo uma bela pedra azul do tamanho de um grão de bico, que cintilava como se tivesse luz própria.

Sherlock Holmes voltou a recostar-se na poltrona e assobiou baixinho.

— Tem aí, Peterson, um tesouro de grande valor! Sabe do que se trata?

— De uma pedra preciosa, Mr. Holmes! Corta vidro, como se fosse um diamante!

— É mais do que uma pedra preciosa — precisou Holmes. — É a pedra *preciosa*!

— Não será a “Carbúnculo Azul” da Condessa de Morcar? — indaguei, explosivamente.

— Exatamente — confirmou o meu amigo. — Reconheci-a pelo tamanho e forma, pois li os repetidos anúncios, no *Time* destes últimos dias. É uma peça única e o seu valor não pode ser justamente avaliado. As 1.000 libras oferecidas não representam, sequer, a vigésima parte de quanto realmente vale.

— Mil libras! Santo Deus! — exclamou o comissário, deixando-se cair numa cadeira e olhando-nos, estupefato.

— Essa é a recompensa oferecida a quem recuperar a pedra, mas sei que há questões sentimentais que poderiam induzir a condessa a dispendar metade da sua fortuna para resgatá-la.

— Se não me engano — observei — foi perdida no Cosmopolitan Hotel.

— Justamente — confirmou Holmes. — Desapareceu, no hotel, no dia 22 de dezembro, portanto, há cinco dias. Um serralheiro, John Horner, foi acusado de ter roubado essa pedra do porta-jóias da condessa e os testemunhos contra ele foram tão uníssonos que o caso vai ser levado a tribunal.

Creio que tenho aqui esse artigo...

Procurou entre os jornais que tinha ao lado e, consultando as datas, escolheu um que alisou e dobrou para ler em seguida:

“ROUBO DE JÓIA NO COSMOPOLITAN HOTEL

John Horner, de 26 anos, serralheiro, foi acusado, no dia 22 do corrente, de ter furtado, do porta-jóias da Condessa de Morcar, a gema preciosa conhecida como ‘Carbúnculo Azul’.

James Ryder, criado da copa, em serviço no piso superior do hotel, testemunhou ter conduzido Horner, no próprio dia do roubo, ao quarto de vestir da condessa, para soldar a segunda grade da lareira que estava solta. Durante algum tempo, o criado permaneceu no local, até que foi chamado para outro serviço, tendo deixado o soldador sozinho.

Ao regressar ao quarto, verificou que Horner já tinha saído e deparou com uma gaveta arrombada e com o porta-jóias da condessa, vazio, em cima da mesa. Imediatamente Ryder deu o alarme e, na tarde daquele mesmo dia, Horner foi preso, mas a pedra não foi encontrada em seu poder, nem nas roupas, nem no quarto que ocupa, no próprio hotel.

Catherine de Cuask, criada particular da condessa, declarou ter ouvido o grito de Ryder ao descobrir o furto e que, entrando apressadamente no quarto encontrou a gaveta e o porta-jóias, tal como o criado já testemunhara.

O inspetor Bradstreet, da Divisão B da Scotland Yard, relatou a maneira como prendera Horner e a fúria com que este se debatera, protestando, em altos brados, a sua inocência.

Como já houvesse uma acusação anterior de furto contra o acusado, o magistrado de Polícia recusou-se a julgar o caso sumariamente e decidiu apresentá-lo ao tribunal. Horner, que durante o processo de inquérito preliminar manifestara a mais intensa emoção, desmaiou no final da inquirição e foi retirado, carregado, da sala de audiência.”

— Hum! — resmungou Holmes, atirando o jornal para o lado. — Esta é a informação transmitida pela Polícia. Quanto a nós, cumpre-nos estabelecer a sequência dos fatos, desde o arrombamento da gaveta e do porta-jóias, até ao papo do ganso da Tottenham Court Road. Como vê, Watson, as nossas pequenas deduções assumiram, repentinamente, um aspecto bem mais importante e menos inocente. Aqui está a pedra, a mesma jóia que proveio do ganso... do ganso que proveio de Mr. Henry Baker, dono do chapéu velho, com todas as características com que, há pouco, o aborreci

“Precisamos, agora, descobrir esse sujeito, assim como o papel que desempenhou, nesse mistério. Vamos começar pelo método mais simples: um anúncio em todos os jornais da tarde. Se não tivermos sucesso, teremos de recorrer a outros métodos.”

— Que vai escrever? — interessei-me.

— Faça o favor, Watson, de me passar um lápis e essa folha de papel. Vi-o então redigir:

“Na esquina da Goadge Street foram achados um ganso e um chapéu. Mr. Henry Baker poderá recuperá-los, hoje, por volta das 18:30 h, no nº 221 B da Baker Street.”

— Está claro e conciso, hein?

— Sim... mas será que ele o lerá?

— É provável que leia o jornal todos os dias pois a perda foi considerável. A sua infelicidade de ter quebrado o vidro e o aparecimento de Peterson devem tê-lo assustado e, a essa altura, só se lembrou de fugir, mas, depois disso, deve ter-se arrependido de ter largado o ganso e o chapéu.

Além disso lerá o seu nome e este fato decerto lhe despertará interesse, até porque os seus vizinhos e conhecidos lhe chamarão a atenção para o caso... Seria bom, Peterson, que você fosse, agora mesmo, mandar publicar este anúncio nos jornais da tarde.

— Em quais?

— No *Globe*, *Star*... *Pall Mall*, *St. James Gazette*, *Evening News*, *Standard*, *Echo* e em quaisquer outros que você lembrar...

— Muito bem, Mr. Holmes... E esta pedra?

— Deixe-a comigo, obrigado... Agora, Peterson, compre outro ganso. Pode fazê-lo com a recompensa que o espera. Preciso dele para entregá-lo a Mr. Baker, no lugar desse que a sua família deve estar comendo.

Quando o comissário saiu, Holmes pegou a pedra e colocou-a contra a luz.

— É uma bela coisa, não é verdade? Veja, Watson, como cintila. É um núcleo de atração do crime... o engodo predileto do Diabo. Nas pedras mais valiosas cada faceta pode representar um ato sangrento. Esta gema foi encontrada, há menos de vinte anos. Veio das margens do rio Amoy, no sul da China e, embora por todas as suas características seja indiscutivelmente um carbúnculo, é espantoso que a sua cor, em vez de vermelha, seja azul.

“Apesar dos seus poucos anos, já tem uma história sinistra: dois assassinatos, uma tentativa de envenenamento, um suicídio, vários furtos... e tudo isto por causa deste grão-de-bico... quatro gramas de carbono cristalizado. Quem diria que um tão belo brinquedo se tornaria num precursor da força e da prisão? Vou guardá-lo no meu cofre e escrever um bilhete à condessa, informando-a onde sua pedra se encontra guardada, graças ao achado de Peterson.

— Considera esse Horner inocente? — sondei.

— Ainda é demasiado cedo para afirmá-lo.

— Mas acha que Henry Baker está envolvido no caso?

— É possível que também esteja inocente. Penso que ignorava que o ganso trazia no papo uma coisa muito mais valiosa que o seu próprio peso em ouro. Isso ficará esclarecido com um teste simples, dependendo da reação de Baker ao meu anúncio.

— E até lá, não há nada a fazer?

— Nada.

— Nesse caso, continuarei com as minhas visitas médicas, mas estarei aqui, à tarde, na hora marcada, pois gostaria de vê-lo solucionar um caso tão intrincado.

— Ficarei satisfeito em vê-lo aqui. Janto às 19 h e creio que temos pombo bravo estufado... Considerando os recentes acontecimentos, vou pedir a Mrs. Hudson que examine o papo da ave com muito cuidado.

Demorei-me na consulta de um doente e já passava das 18 h, quando regressei à Baker Street. Ao me aproximar da casa, avistei um homem alto, de boné escocês e sobretudo abotoado até o pescoço aguardando que lhe abrissem a porta, sob o facho de luz que o encimava.

No momento em que cheguei ali, a porta abriu-se e, juntos, dirigimo-nos aos aposentos de Holmes.

Este, erguendo-se da poltrona, saudou o visitante, com o ar jovial de sempre.

— Suponho que seja Mr. Henry Baker. Queira sentar-se nesta cadeira, junto da lareira. A noite está fria, Mr. Baker, e noto que a sua circulação se adapta melhor ao clima quente do que ao do inverno... Ah, Watson, você chegou na hora... Aquele chapéu é o seu, Mr. Baker?

— Sim, senhor. É o meu, sem dúvida alguma.

Era um homem alto, volumoso, de ombros curvados, com uma enorme cabeça e rosto largo. Tinha um olhar inteligente e cabelo castanho, já bastante grisalho, e usava a barba aparada em bico. O nariz e as maçãs do rosto estavam bastante vermelhos e a mão que estendera tremia ligeiramente, o que me recordou os prognósticos de Holmes acerca do sujeito.

A gola do sobretudo, abotoado até o pescoço, estava levantada; das mangas, emergiam-lhe pulsos magros, sem se verem punhos de camisa. Falava em voz baixa, de maneira vacilante, escolhendo cuidadosamente as palavras e dando a impressão de ser um homem culto, mas que tivera pouca sorte na vida.

— Guardamos estas coisas, durante alguns dias — justificou Holmes —, porque esperávamos ler um anúncio seu, comunicando-nos um endereço para onde enviá-los. Não sei por que não fez uma reclamação nos jornais.

Um pouco envergonhado, o nosso visitante esboçou uma risada.

— Ultimamente, não estou nadando em dinheiro... e convencera-me de que os vadios que me assaltaram tinham levado o chapéu e o ganso. Para que fazer despesas, inutilmente?

— Compreendo. Acontece que fomos obrigados a comer a ave.

— Comeram-na? — espantou-se o homem, fazendo menção de levantar-se da cadeira.

— De outra maneira, ninguém poderia aproveitá-la, mas presumo que esse outro ganso, que vê, ali, em cima do móvel, aproximadamente do mesmo tamanho e bem fresco, servirá tão bem como o que perdeu.

— Oh, certamente! — concordou Mr. Baker, com um suspiro de alívio.

Com um sorriso malicioso, Holmes acrescentou:

— Mas guardamos as penas, as patas e o papo do outro, para o caso de querer levá-los como recordação.

O homem saltou uma gargalhada.

— Seriam, realmente, uma recordação da triste aventura que me sucedeu, mas não vejo qualquer utilidade nos disjeto membros ⁽¹⁾ desse primeiro ganso. Se me permite, prefiro dedicar a minha atenção a esse outro excelente exemplo que vejo ali.

Sherlock Holmes olhou-me, de relance, significativamente, e encolheu os ombros.

— Nesse caso, aí tem o seu chapéu e pode levar o ganso — indicou. — A propósito, quer dizer-nos onde comprou o outro? Interesse-me por aves e raras vezes vi um animal tão bem criado.

Já de pé e com a ave debaixo do braço. Baker explicou:

— Certamente. Alguns de nós, que trabalhamos no British Museum, costumamos freqüentar o Alpha Tavern que fica muito perto do museu. Este ano, o dono desse bar-restaurant, Mr. Windigate, fundou o “Clube do Ganso”, que consiste numa espécie de associação em que cada um de nós, entrando com uma contribuição semanal, recebe, ao fim de um ano, um ganso pelo Natal.

⁽¹⁾ *Membros, ou parte de um corpo, jogados fora: desperdícios. (N. do T.)*

“O resto o senhor já sabe. Estou muito grato pela sua atenção... e também pelo chapéu, pois que este antigo boné escocês já não se adequa à minha idade... nem à minha profissão.”

Com uma vênia solene, retirou-se.

Depois de fechada a porta, Holmes comentou:

— Acabou-se o caso de Mr. Baker. Nada sabe do assunto que investigamos. Está com fome, Watson?

— Nem por isso.

— Então sugiro que guardemos o jantar para a ceia e sigamos esta pista enquanto está fresca.

— Plenamente de acordo.

A noite estava muito fria, vestimos nossas capas e enrolamos nossos cachecóis no pescoço. As estrelas brilhavam debilmente num céu sem nuvens. O ar que expirávamos saía da boca em bafos de vapor, como se fosse fumo.

Em quinze minutos chegamos a Bloomsbury e dirigimo-nos ao Alpha Tavern que fica à esquina de uma das ruas que descem para Holborn. Holmes empurrou a porta do bar-restaurant e pediu dois copos de cerveja ao proprietário que atendia ao balcão, com um avental de um branco imaculado, encimado por um rosto sanguíneo.

— Se a sua cerveja for tão saborosa como são os seus gansos, Mr. Windigate — elogiou Holmes, — deve ser excelente!

— Os meus gansos? — surpreendeu-se o homem

— Sim... Ainda não há meia hora que estive falando a esse respeito com Mr. Henry Baker, que se associou à sua iniciativa do “Clube do Ganso”.

— Ah! Agora percebo. Mas acontece que esses gansos não são criados por mim.

— Não?... Quem é que os cria?

— Bem... Francamente, não sei. Encomendei duas dúzias, pelo Natal, a um vendedor do mercado do Convent Garden.

— Sim? Conheço algumas bancas de aves desse mercado. Qual delas foi?

— A do Breckinridge.

— Por acaso, não o conheço... Então, à sua saúde, Mr. Windigate, e prosperidades para a sua casa. Boa noite.

Quando saímos para a atmosfera gelada. Holmes abotoou o sobretudo, embrulhou-se na capa e programou:

— Vamos falar com esse Breckinridge. Lembre-se, Watson, de que, embora tenhamos algo tão doméstico como um ganso na ponta da corrente, temos também, na outra extremidade, um indivíduo que poderá sofrer sete anos de prisão, a menos que consigamos provar a sua inocência... ou ainda aumentar sua pena, com a nossa investigação. Contudo, possuímos uma pista que a Polícia não explorou. Temos de nos apressar.

Atravessamos Holborn, descemos a Endell Street e penetramos nos cortiços do mercado do Convent Garden. Uma das maiores bancas ostentava o nome de Breckinridge e o dono, homem grosseiro, com um rosto pontiagudo e costeletas, estava, nesse momento trancando a porta, auxiliado por um moço.

— Boa noite — saudou Holmes. — Está uma noite fria.

Relanceando um olhar ao meu amigo, o dono da banca afirmou, com um aceno de cabeça.

— Vejo que já vendeu todos os seus gansos — observou Holmes, apontando para as mesas de pedra, vazias.

— Posso vender-lhe quinhentos, amanhã — respondeu o homem, com um certo orgulho.

— Isso de nada me serve.

— Bem, ali atrás, junto do candeeiro, ainda restam alguns.

— Estou vendo... Recomendaram-me que o procurasse.

— Quem?

— O dono do Alpha Tavern.

— Ah, sim. Mande-lhe duas dúzias para o restaurante.

— Bem sei. Umas aves excelentes. Onde as conseguiu?

Para minha surpresa, o homem exasperou-se e, pondo as mãos nas ancas, gritou:

— Ora! Que diabo quer o senhor saber? Diga claramente.

— Já lhe disse e também gostaria de saber quem veio comprar aqueles gansos para o “Alpha”.

— Não tenho que lhe responder nada. Está perdendo o seu tempo.

— Bem, o assunto não é de grande importância, mas não sei por que ficou tão furioso com a minha pergunta.

— Furioso! Também você ficaria nervoso com tantos aborrecimentos como eu tenho tido! Quando fecho um negócio e pago bom dinheiro por uma mercadoria, chateia-me ouvir, a toda hora: “Onde estão os gansos?”... “A quem vendeu os seus gansos?” Parecem os únicos gansos do mundo, para tanta gente se interessar por eles!

— Não tenho nada a ver com as outras pessoas, retorquiu Holmes, desinteressadamente. — Se não quiser me dizer, a minha aposta fica nula e pronto... Mas continuo a afirmar que as suas aves são criadas no campo e não em Londres.

— Nesse caso, perderia a sua aposta, porque são criadas aqui, na cidade.

— Não acredito!

— Quer saber mais de aves do que eu? Fique sabendo que lido com aves desde garoto... e afirmo que todos os gansos que vendi para o “Alpha” foram criados aqui em Londres.

— Não consegue me convencer disso — teimou Holmes.

— Quer apostar? — rugiu Breckinride, desafiadoramente.

— Se o fizer, é apenas para ganhar o seu dinheiro, porque tenho razão. Mas, já que me propõe essa aposta, aqui está uma libra, para ensiná-lo a não ser tão obstinado.

O vendedor riu-se e ordenou ao moço:

— Traga-me os livros, Bill.

O rapaz foi buscar dois volumes de capas enebadas, um maior do que o outro, e colocou-os sob a luz do bico de gás.

— Agora, Mister Presunçoso, vai aprender que, além dos gansos, há outras bestas neste mundo. Vê este livro menor?

— Estou vendo.

— Esta é a lista dos meus fornecedores dos arredores e da província. Os números estão após os nomes.

Apontou para a página contrária e sublinhou, triunfante:

— E aqui, em vermelho, estão os meus fornecedores da cidade. Ora, olhe com seus próprios olhos para não tornar a me desmentir... Leia esse nome, em voz alta, para todos ouvirmos.

— Mrs. Oakshott, Brixton Road, nº 117: 249 gansos... Também me fornece ovos e galinhas. Agora, veja...

Abriu o livro maior e correu o dedo até a última linha de uma das páginas escritas.

— Veja esta minha compra de 22 de dezembro.

— Vinte e quatro gansos “Oakshott”: 7 xelins e 6 pence, cada — leu Holmes.

— Leia o resto... o que está logo a seguir.

— Vendidos a Mr. Windigate do Alpha Tavern: 12 xelins, cada.

— Verificou isso bem, não é verdade? Agora, que mais tem a dizer, hein? — inquiriu, exultante.

Com uma expressão desgostosa, Holmes atirou com a libra para cima da mesa de pedra e rodou sobre os calcanhares, com um gesto de despeito. Alguns metros mais adiante, quando já se achava fora da vista de Beckinride, parou sob a luz de um lampião e desatou a rir.

— Quando vir um homem com as costeletas aparadas em bico e com o “*Jornal das Corridas*” saindo do bolso, pode estar certo, Watson, de que não se recusará a fazer uma aposta. Se eu tivesse lhe colocado 100 libras debaixo do nariz, para comprar-lhe uma informação, ele não a teria dado tão facilmente e tão completa como o fez, tentado pela idéia de ganhar a aposta... de uma única libra.

— Bem, meu caro, creio que estamos chegando ao fim das nossas pesquisas preliminares. Resta-nos agora decidir se vamos, ainda hoje, visitar a avicultura dessa Mrs. Oakshott, da Brixton Road, ou se deixamos essa diligência para amanhã. Pelo que nos disse aquele ordinário, parece haver mais pessoas ansiosas por descobrir a origem destes 24 gansos. Ora, eu...

Subitamente calou-se, ao ouvir um alarido, na banca de Breckinride. Virando-se para trás, vimos, à luz amarelada do bico de gás, um homem de cara afilada como um rato, a quem o negociante de aves ameaçava com os punhos fechados.

— Já estou farto de você e dessa história dos gansos! — berrou. — Traga Mrs. Oakshott aqui que eu respondo por ela. Que tem você a ver com isto? Foi para você que eu comprei os gansos?

— Não... mas, apesar de tudo, um deles era meu, lastimou-se o cara de rato.

— Então, vá reclamá-lo para a Mrs. Oakshott... se é que ela lhe vendeu.

— Vendeu, e mandou-me vir falar com você... Houve uma troca...

— Pois fale com quem quiser, até com o rei da Pérsia, que não ligo para isso. Saia daqui, ou solto os cachorros!

E Beckinridge começou a correr, ameaçador, atrás do homem, que desapareceu na escuridão.

— Talvez aquele Fabiano nos poupe de ir à Brixton Road — admitiu Holmes. — Vamos tentar descobrir alguma coisa acerca deste novo personagem.

Acelerando o passo, através da multidão que ainda perambulava por entre as bancas, o meu amigo alcançou o sujeito e tocou-lhe no ombro. O perseguido virou-se de repente, e, à luz do lampião, notei que o seu rosto ficara subitamente lívido.

— Quem... quem é você?... Que quer de mim? — titubeou, tremulante.

— Desculpe — disse Holmes, brandamente —, mas não pude deixar de ouvir o que aquele vendedor lhe falou... e creio que posso ajudá-lo.

— Você?... O que sabe deste negócio?

— Sou Sherlock Holmes e é meu dever saber o que os outros desconhecem.

— Mas, deste assunto, não sabe coisa alguma — replicou o cara de rato, tentando afastar-se.

— Engana-se, pois sei tudo. Está tentando descobrir o paradeiro de uns certos gansos que foram vendidos por Mrs. Oakshott, de Brixton Road, àquele comerciante, Breckinridge, que, ainda agora, gritou com você e que, por sua vez, os enviara a Mr. Windigate, do Alpha Tavern. Ora, acontece que ele distribuiu os gansos para membros do seu “Clube do Ganso”, sendo que um foi parar nas mãos de Mr. Henry Baker. É isso, não é?

— Precisamente — confirmou o homem, estendendo as mãos trêmulas de excitação. — Ainda bem que o encontrei, pois tenho um enorme interesse nesse assunto.

— Nesse caso — propôs Sherlock Holmes, mandando parar um carro —, é melhor discuti-lo numa sala aquecida do que nesta praça gelada. Antes de mais nada, diga-me, a quem tenho o prazer de conhecer...?

Após uma hesitação, o homem respondeu, olhando-o desconfiado:

— John... John Robinson.

— Não... Isso não! — censurou Holmes, afavelmente.

— Dê-me seu nome verdadeiro. É difícil conversar, honestamente, com quem se apresenta com nome falso.

O cara de rato corou, mas acabou se apresentando:

— Bem, sou James Ryder.

— Exatamente. E criado da copa do Cosmopolitan Hotel. Tenha a bondade de subir para este carro e verá que lhe conto tudo que deseja saber.

Ryder olhou para nós, indeciso, meio receoso, meio esperançoso, sem saber se estaria em maré de sorte, ou à beira de uma catástrofe.

Subiu para o carro e, meia hora depois, estávamos os três na Baker Street. Durante o percurso, nenhum de nós falara. Ryder seguia ofegante e o seu contínuo abrir e fechar das mãos denunciava grande tensão nervosa.

— Chegamos! — anunciou Holmes, jovialmente. — Com este tempo, uma lareira é sempre muito confortável. Vejo que está com frio, Mr. Ryder. Sente-se nessa cadeira de madeira enquanto vou calçar meus chinelos...

Momentos depois, regressava à sala e sondou:

— Sempre quer saber sobre o que aconteceu com gansos, não é verdade?

— Certamente!

— Ou, mais precisamente, àquele ganso, não é assim? Segundo penso, a ave em que está interessado, era branca, com uma listra preta nas penas da cauda?

— Sim — confirmou o criado, tremendo de emoção.

— Sabe para onde foi?

— Veio aqui para casa.

— Aqui?

— Exatamente. Um ganso magnífico. E não é de admirar que esteja assim tão empenhado nele, visto que pôs um ovo mesmo depois de morto.

— Um ovo?... O ganso? — admirou-se Ryder.

— O ovo mais bonito, mais brilhante e azul que vi em toda a vida. Guardei-o, ali, no meu museu.

O criado ergueu-se, vacilou e se agarrou à chaminé da lareira. Holmes abriu o cofre e exibiu a carbúnculo que cintilava como uma estrela. Aturdido, Ryder não sabia se deveria reclamar a pedra, ou fingir que não a reconhecia.

— Acabou a farsa, Ryder — proferiu Holmes. — É melhor sentar-se antes que caia na lareira... Ajude-o, Watson, pois este homem nem sequer tem estofo para agüentar uns anos de prisão... Dê-lhe um pouco de conhaque... Agora, já parece estar melhor... Você Ryder, não passa de um poltrão!

Este fitava Holmes, apavorado.

— Tenho todos os elos e todas as provas de que preciso — declarou o meu amigo. — Portanto, pouco mais lhe resta para me contar, mas é melhor que se abra comigo, para o caso de haver mais alguns pormenores que completem o caso. Para começar, como soube da existência desta pedra azul entre as jóias da Condessa de Morcar?

Numa voz, esganiçada pelo terror, o criado explicou:

— Foi Catherine de Cusak quem me falou nela.

— Pois! A criada da condessa. A tentação de obter uma riqueza fácil, conseguiu tresloucá-lo, tal como já aconteceu a muitos homens... bem mais experientes em matéria de roubos. Você foi pouco cuidadoso, embora tenha alma de um refinado patife.

Sabia que aquele serralheiro, Horner, tempos atrás, havia cometido um delito qualquer, pelo que as suspeitas não deixariam de cair sobre ele. Então, de cumplicidade com essa Cusak, danificaram a grade da lareira do quarto de vestir da Madame e arranjaram uma maneira de Horner ficar lá sozinho reparando o estrago. Só depois dele partir é que você arrombou a gaveta e forçou o porta-jóias. Em seguida, deu o alarme e teve o desaforo de mandar prender um inocente...

— Ryder ajoelhou-se no tapete e agarrou-se às pernas de Holmes.

— Pelo amor de Deus, sir, tenha dó de mim! — gritou. — Tenha dó dos meus pobres pais... Ficariam com o coração despedaçado! Nunca fui desonesto, em toda a minha vida... até que Catherine me tentou... E nunca mais o serei. Juro sobre a Bíblia! Dê-me uma oportunidade... Não me leve para o tribunal... Não quero apodrecer numa prisão!

— Sente-se na cadeira! — ordenou Holmes, severamente. — Está rastejando como um réptil, mas não teve pudor em acusar um inocente de um crime com que nem sequer sonhara.

— Se eu abandonar o hotel... se eu sair do país, não irei testemunhar contra ele e, dessa maneira, não poderão condená-lo.

— Depois veremos isso. Agora, conte-nos toda a verdade. Como a pedra foi parar no papo do ganso e como é que este apareceu no mercado? Só com a verdade poderá ter esperanças de escapar a um justo castigo.

Passando a língua pelas lábios secos, Ryder relatou:

— Depois de Horner ter sido preso, tive de me apressar para esconder o carbúnculo num lugar seguro, pois não sabia se a Polícia iria me revistar e passar uma busca em meu quarto. Achei que o hotel não poderia me fornecer um esconderijo seguro, pois as mulheres da limpeza passam tudo a “pente fino”, de maneira que aproveitei a hora de largar o serviço para ir a casa de minha irmã, Maggie, que mora na Brixton Road. Maggie está casada com Henry Oakshott, que cria aves para o mercado.

— Parecia-me ver polícias por todos os cantos e, apesar de a noite estar fria, suei por todos os poros. Quando cheguei lá, minha irmã notou a minha palidez e o meu estado de nervos, mas expliquei ter ficado muito impressionado com o roubo ocorrido no hotel. Depois, fui para o galinheiro, fumar cachimbo e pensar no que poderia fazer.

Catherine prometeu casar-se comigo se eu roubasse o carbúnculo. Eu cedi à tentação, mas não tinha qualquer experiência... Lembrei-me, então, de um ex-colega, Maudsley, que se desviou do bom caminho e que, pouco tempo antes, acabara de cumprir uma pena de dois anos, no presídio de Pentonville.

Encontrei-me com ele, na certeza de que não me trairia, pois eu sei muita coisa a seu respeito que a Polícia ainda ignora, e interroguei-o acerca da maneira como os ladrões se desfazem das jóias roubadas, trocando-as por dinheiro. Ele ficou de me indicar um receptador. Contudo, até lá, eu não sabia como esconder a gema e a todo o momento receava ser revistado e preso, pois trazia-a comigo, no bolso do colete.

Estava encostado ao muro, a ver os gansos e, subitamente, tive uma idéia que me pareceu poder ludibriar o melhor detetive do mundo. Poucas semanas antes, minha irmã prometeu me dar um ganso, pelo Natal. Como nunca faltou com uma promessa, lembrei-me de que

poderia levar o ganso para casa do meu amigo Maudsley, cuja casa em Kilburn, tem um quintal atrás.

Ao fundo do galinheiro, há um celeiro para guardar as rações. Enxotei para trás dele um dos gansos... um branco, com uma listra negra na cauda, que me pareceu facilmente identificável em relação aos outros. Prendi-o entre os meus joelhos, estiquei seu pescoço, abri o bico e empurrei a pedra goela abaixo, até onde pude chegar com o dedo. O bicho engoliu e notei que lhe descia pelo pescoço até o papo.

Contudo, o ganso começou a estrebuchar e a bater as asas, para libertar-se, no momento preciso em que minha irmã apareceu espiando atrás do celeiro.

— Que estardalhaço é esse, Jim? Que diabo estava fazendo com o ganso? — estranhou.

— Como você disse que me daria um ganso pelo Natal — justifiquei —, vim examiná-los para ver qual deles é o mais gordo.

— Já escolhemos uma bela ave para você: a Bird. É aquela ali com polainas pretas. Como temos vinte e seis gansos, fica um para você, outro para nós, e os vinte e quatro irão para o mercado.

— Obrigado, Maggie, mas, se não se importa, prefiro ficar com esse que acabo de largar.

— Oh, Jim! A Bird pesa, pelo menos, três quilos mais e tivemos o cuidado de engordá-la para você.

— Não faz mal... Quero o da mancha preta na cauda.

— Muito bem — concedeu Maggie, ofendida. — Se é esse que quer, mata você mesmo e leva embora. Tenho mais o que fazer.

O ganso já havia se misturado ao bando e tive certa dificuldade em apanhá-lo, não só porque todos eles corriam, mas também porque havia um outro bastante parecido. Quando cacei o meu, levei-o para Kilburn, onde contei toda a história a Maudsley, pois simpatizava com ele e podia dar-lhe algum dinheiro, até porque iria arranjar um receptador.

Ele riu, satisfeito, e ajudou-me a abrir o ganso com uma faca. Imagine, sir, como fiquei ao ver o papo do animal vazio. O coração caiu aos pés, pois percebi imediatamente que me enganara de ganso. Corri para a casa da minha irmã, mas, ao chegar ao galinheiro, vi que já não havia ganso algum.

— Para onde foram as aves? — perguntei a Maggie. “ — Para o mercado da Convent Garden.

— Qual o comerciante que as comprou?

— Mr. Beckinridge.

— Ele ficou com o outro ganso, o de listra preta na cauda, igual ao meu?

— Sim. Aquele com que ficamos é todo branco. Por que isso interessa a você?

Não lhe respondi e corri para o mercado, para falar com Beckinridge. Saíu dali porque estava ocupado com as vendas e, agora, quando já fechava a banca... Bem, os senhores viram como me tratou!

Minha irmã pensa que enlouqueci e chego a pensar que é verdade. Catherine já não querará casar comigo e transformei-me num ladrão, sem sequer ter tido o proveito do meu roubo... nem ter tocado na riqueza pela qual perdi a honra. Que vai ser dos meus velhos pais? Que vergonha! Que Deus me ajude!

Escondeu o rosto entre as mãos e começou a chorar compulsivamente.

Seguiu-se um longo silêncio, apenas quebrado pelo tamborilar dos dedos de Holmes sobre a mesa. Subitamente, o meu amigo ergueu-se da poltrona, abriu a porta e ordenou a Ryder:

— Saia!

— O quê, sir? O senhor... Oh! Deus o abençoe!

— Nem mais uma palavra! Vá embora! — Ryder precipitou-se pela escada abaixo. Ouviu-se a porta bater com estrondo e, depois, uma correria pela rua afora.

Pegando o cachimbo, Holmes justificou:

— Na verdade, Watson, não sou funcionário da Polícia, nem me compete suprir as deficiências dessa corporação. Se Horner corresse o perigo de ser condenado, então eu deveria agir de outra maneira... mas este pobre diabo que acaba de nos deixar não poderá testemunhar contra ele, de forma que a acusação não terá provas, o julgamento será nulo e o caso desvanecer-se-á. Embora eu devolva, imediatamente, o Carbúnculo Azul à Condessa de Morcar, a verdade é que estou cometendo um delito, permitindo a fuga do culpado... mas também é verdade que lhe salvo a alma.

Não tornará a repetir a proeza. Ficou apavorado. Mandar esse homem para a cadeia seria transformá-lo num bandido para o resto da vida. Além disso, estamos na época própria para perdoar. Ainda paira no ar a essência do Natal.

Pôs o acaso, no nosso caminho, um problema bem singular, cuja solução é a nossa própria recompensa. Se você, doutor, quiser ter a bondade de tocar a campainha, poderemos iniciar uma outra “investigação”, bem mais gostosa, em que uma outra ave desempenhará o papel principal.



— Frequentemente, o maior prazer, para o homem que acompanha a arte, por devoção à própria arte, deriva das mais simples manifestações e não das mais elaboradas — dissertou Holmes, pondo para o lado o *Dayly Telegraph*, cujas colunas de notícias estivera percorrendo com os olhos.

— Agrada-me notar que você, Watson, assimilou, tanto quanto possível, esta verdade, manifestando o fato através das breves narrativas que tão gentilmente tem vindo a compilar... por vezes, empolando-as com alguma fantasia. Você não só tem salientado as causas célebres e julgamentos sensacionais em que participei, mas também as incidentes que, apesar de estruturalmente triviais, têm possibilitado o exercício dessas faculdades de dedução e de síntese lógica a que me tenho essencialmente devotado.

Pegando, com as tenazes da lareira, uma brasa viva e acendendo com ela o cachimbo de barro, como era seu hábito, quando se achava pensativo e não desejava discutir, prosseguiu:

— Contudo, talvez você tenha errado, ao esforçar-se por avivar e cobrir as suas narrativas, em vez de limitar-se ao trabalho de anotar o raciocínio austero, partindo da causa para a consequência, que é, verdadeiramente, a única matéria essencial.

— Julgava ter-lhe feito justiça — retorqui, melindrado pelo egoísmo e orgulho que sempre considerei serem uma constante no caráter do meu amigo.

— Não se trata de egoísmo, nem presunção — objetou, respondendo, como de costume, mais aos meus pensamentos do que às minhas palavras. — Se exijo que seja feita justiça integral à minha arte, é porque, precisamente, se trata de um fator impessoal... de algo para além de mim próprio. O crime é um fenômeno comum, mas a lógica é uma atividade rara, por isso, acho que você, Watson, devia salientá-la mais do que o enredo criminal. Você tem colocado, ao mesmo nível de uma sucessão de relatos emotivos, a matéria que mereceria ser objeto de uma série de conferências científicas.

Estávamos numa manhã fria de primavera, sentados à lareira, na velha casa da Baker Street. Uma neblina espessa rolava por entre a fileira de prédios sombrios e as janelas das casas fronteiras pareciam manchas informes.

O bico de gás mantinha-se aceso, brilhando sobre a toalha branca e os pratos e talheres que ainda não tinham sido usados.

Sherlock Holmes permanecera toda a manhã analisando as notícias dos jornais, até que, desistindo, começou a criticar os meus erros literários.

Após uma pausa, observou:

— Reconheço, contudo, que não posso acusá-lo de sensacionalismo, visto que grande parte dos casos, que teve a gentileza de registrar, não versou sobre o crime, no seu sentido legal. Por exemplo, aquele em que me esforcei por ajudar o rei da Boêmia, a singular experiência de Miss Mary Sutherland, o problema relacionado com o homem de lábio torcido e o incidente do aristocrata solteirão constituíram assuntos fora do alcance da Lei. Temo, porém, que não podendo explorar o que é sensacional, tenha caído no âmbito da banalidade.

— Talvez o epílogo de alguns casos parecesse banal, mas os métodos empregados, que realcei, têm sempre interesse, por serem fora do comum.

— Ora, ora, meu rapaz! Como pode isso interessar o grande público, a grande massa humana de espírito distraído, que é incapaz de identificar o tecelão, pelo dente com que corta o fio, e inapta a distinguir um compositor tipográfico, pelo polegar esquerdo, com que fixa o componedor? Se você se incluiu nessa camada comum, não posso realmente censurá-lo, porque o tempo dos casos importantes já passou.

O homem... pelo menos o criminoso... já perdeu o entusiasmo e a originalidade. A minha profissão vai, gradualmente, degenerando numa agência destinada a recuperar lápis perdidos e a dar conselhos a estudantes estouvados. Parece-me ter atingido o fundo do poço, e este bilhete, que agora recebi, indica o ponto zero da escala de valores. Ora leia-o, meu caro.

Passou-me um papel amarrotado, datado da véspera e remetido da Montague Place.

“Caro Mr. Holmes,

Estou ansiosa por consultá-lo para saber se devo, ou não, aceitar a colocação que me foi proposta para governanta. Se não achar inconveniente, estarei, amanhã, em sua casa, às dez e meia da manhã.

Sinceramente,

Violet Hunter.”

— Conhecê-a? — indaguei.

— Não.

— Já são dez e meia.

— Sim e, certamente, é ela quem está, agora, tocando a campainha.

— Talvez o assunto tenha mais interesse do que imagina. Lembre-se daquele caso do carbúnculo azul que, parecendo mera fantasia, deu origem a uma séria investigação.

— Esperemos que assim seja. Depressa dissiparemos as dúvidas, já que a jovem vem aí.

Ouviu-se o ruído de sapatos de senhora subindo aceleradamente a escada. A porta abriu-se e surgiu, realmente, uma jovem, vestida com simplicidade, mas com uma expressão inteligente no rosto sardento e com um ar de estar habituada a ganhar a vida independentemente.

Enquanto o meu amigo se erguia da poltrona para cumprimentá-la, a jovem preambulou:

— Queira desculpar-me, Mr. Holmes, por vir incomodá-lo, mas sucedeu-me uma estranha ocorrência e, como não tenho pais nem parentes a quem possa consultar, pensei que o senhor quisesse ter a bondade de aconselhar-me quanto ao que devo fazer.

— Faça o favor de sentar-se, Miss Hunter. Terei muito prazer em servi-la o melhor que puder.

Notei que Holmes ficara bem impressionado pela atitude da nova cliente. Olhou-a com o seu habitual modo perscrutador e recostou-se na poltrona, com as pálpebras semicerradas e as pontas dos dedos unidos, pronto a escutar o que acontecera.

— Durante cinco anos — começou a jovem —, fui governanta do coronel Spence Munro, até que, há dois meses, ele foi transferido para Halifax, na Nova Escócia. Levou os filhos consigo para a América e fiquei sem emprego. Publiquei alguns anúncios nos jornais, respondi a outros, mas sem resultado. O pouco dinheiro que, até então, conseguira economizar estava se esgotando e já não sabia o que fazer.

Há, no West End, uma agência de empregos para governantas, muito conhecida, chamada “Westaway”, e eu ia lá, uma vez por semana, para ver se haveria algum emprego que me servisse. O fundador dessa agência fora um tal Westaway, mas, agora, quem a dirige é Miss Stoper, que tem

um gabinete onde atende, um por um, os candidatos que aguardam a sua vez na sala de espera.

Quando fui lá, na semana passada, percebi que Miss Stoper não estava sozinha, como de costume, mas acompanhada de um homem muito gordo, sorridente, com um queixo protuberante e óculos, que ia examinando as candidatas à medida que entravam. Quando foi a minha vez, agitou-se na cadeira e, virando-se para Miss Stoper, declarou:

— Basta! Esplêndido! Corresponde ao que procuro. “Parecia entusiasmado e perguntou-me:

— Deseja obter uma colocação, como governanta, não é verdade?

— Sim, sir.

— Que salário pretende?

— No meu último emprego, em casa do coronel Spence Munro, recebia quatro libras mensais.

— Mas isso é uma insignificância! — protestou o homem. — Como foi possível que alguém oferecesse tão pouco a uma pessoa tão atraente e tão habilitada?

— Talvez os meus talentos não sejam tão qualificados como pensa, sir. Sei francês, um pouco de alemão, música e desenho...

— É quanto basta — exultou. — O que interessa é a formação moral. Quem não a possui não é digno de criar uma criança que poderá vir a ocupar, um dia, um lugar importante na história do país. Ora, possuindo essa qualidade, como é possível terem lhe estipulado um salário inferior a três algarismos? Se quiser trabalhar para mim, minha senhora, poderá começar com cem libras anuais.

Como deve calcular, Mr. Holmes, fiquei encantada. Depois de tanto tempo desempregada, aquela oferta parecia-me até demasiado generosa. O cavalheiro, notando a minha expressão de incredulidade, abriu a carteira e tirou uma nota de cinqüenta libras, justificando:

— Tenho o costume de adiantar às jovens que contrato metade do salário anual, para despesas com vestuário e viagem.

Sorria-me amavelmente e seus olhos quase se fechavam entre as rugas adiposas das faces. Parecia-me uma pessoa encantadora e aquele adiantamento convinha-me grandemente, pois já tinha algumas dívidas. Contudo, a excessiva facilidade com que me era dado o emprego, causou-me certa estranheza e decidi obter algumas informações antes de aceitá-lo.

— Posso perguntar, onde mora, sir? — indaguei. — No Hampshire. Uma encantadora zona rural. Moro em uma casa que é conhecida por “Faías Cor de Cobre”. Fica a 5 quilômetros de Winchester. O sítio é lindo e a moradia é uma antiga casa de campo, restaurada.

— Gostaria de saber, sir, quais serão as minhas obrigações.

— Cuidar de um rapaz de seis anos... Um belo mocinho muito brincalhão. Devia vê-lo matar baratas com um chinelo! Trás, trás, trás! Três de patas para o ar, enquanto o diabo esfrega um olho!

Inclinou-se para trás, na cadeira, para rir à vontade. Achei um pouco estranho o tipo de divertimento do rapaz. Como o pai ria, parti do princípio que talvez estivesse a brincar comigo.

— E os meus deveres — confirmei —, limitam-se a cuidar desse menino?

— Não exclusivamente. Decerto o seu bom senso já lhe sugeriu que deverá também atender aos pedidos de minha mulher, mas pode estar certa de que estes pedidos se limitam a incumbências dignas de serem prestadas por uma jovem distinta. Faz alguma objeção...?

— Terei prazer em servir... — respondi, satisfeita. “Contudo, o homem acrescentou:

— Devo preveni-la de que temos algumas excentricidades. Por exemplo, em relação à roupa que deverá vestir. Se lhe pedíssemos que, de vez em quando, usasse certo vestido e, então, que passasse nos locais que lhe indicássemos... isso a ofenderia?

— Não.

— E se eu lhe sugerisse, agora, que cortasse os cabelos, bem curtos, antes de seguir para lá?

Mal pude acreditar no que ouvia. Como vê, Mr. Holmes, tenho um cabelo castanho e farto e toda a gente o elogia. Não iria sacrificá-lo, daquela maneira, por um mero capricho idiota.

— Sinto muito, mas não o farei — adverti-o. “Ele insistiu, alegando tratar-se de uma exigência da mulher, mas não cedi e o homem mostrou-se consternado:

— Nessa caso, nada feito! É lamentável porque, se não fosse essa sua relutância em cortar o cabelo, poderia preencher perfeitamente o lugar.

— Mas não posso — recusei.

— Sendo assim, Miss Stoper, terá de apresentar-me mais algumas das suas candidatas.

Não havia dúvida de que Miss Stoper, que até esse momento, simulando achar-se ocupada com os seus papéis, não proferira palavra, ficou desiludida comigo, por eu fazê-la perder uma boa comissão. Então, interveio:

— Deseja que eu continue com o seu nome registrado no livro?

— Sim, Miss Stoper.

— Mas parece-me inútil, pois recusa uma oferta tão excelente como a que acabam de lhe propor — criticou, severamente. — Não vai, decerto, esperar que nos esforcemos muito para lhe arranjar outra oportunidade como esta. Boa tarde, Miss Hunter.

Badalou a sineta que estava sobre a mesa e o contínuo acompanhou-me até a saída.

Quando entrei no meu quarto e reconheci que pouca comida restava para a semana... e vi duas ou três contas, por pagar, em cima da mesa, perguntei-me se não teria cometido um erro. Apesar de que aquela gente tivesse certas excentricidades, a verdade é que estava disposta a pagá-las. Na Inglaterra, raras são as governantas que ganham cem libras anuais. De resto, para que me servissem os cabelos compridos se, com eles, não poderia sustentar-me? E lembrei-me de que muitas mulheres ficam bem de cabelo curto.

Estava decidida a voltar à agência, para ver se ainda poderia remediar o meu excesso de orgulho, quando recebi esta carta do mesmo interessado. Quer ouvi-la, Mr. Holmes?

O meu amigo anuiu e Miss Hunter iniciou a leitura:

“Faías Cor de Cobre, perto de Winchester.

Cara Miss Hunter,

Miss Stoper confiou-me o seu endereço e venho perguntar-lhe se reconsiderou a sua decisão. Minha mulher ficou muito bem impressionada com a descrição que fiz de você e pediu-me que insistisse na sua vinda.

Concordamos em pagar-lhe trinta libras, por trimestre, o que perfaz um total de cento e vinte libras anuais. Há de convir que somos demasiado exigentes. Minha mulher aprecia muito a cor

azul e gostaria que, de manhã, usasse um vestido dessa cor. Não precisará comprá-lo, pois temos um em casa que lhe servirá perfeitamente, e pertenceu a minha filha Alice, que vive na Filadélfia. Quanto a ir, de vez em quando, num ou noutro local que lhe indicarmos, decerto não lhe causará grande transtorno.

Percebi que, efetivamente, possuí um belo cabelo, mas, neste particular, torna-se imprescindível que o corte. O aumento no pagamento que agora lhe propomos destina-se a compensá-la dessa perda. As suas restantes obrigações com a educação do meu filho serão deveras leves.

Se decidir aceitar a nossa oferta, queira comunicar-me, para que eu possa ir buscá-la, de trem, à estação de Winchester. Queira indicar em que comboio tenciona vir.

Sinceramente,
Jefro Rucastle.”

— Acabo, agora mesmo, de receber esta carta e resolvi aceitar o emprego. Contudo, Mr. Holmes, antes de dar este passo, achei melhor trazer o assunto à sua avaliação.

Sorrindo, Holmes comentou:

- Se já tomou uma resolução, Miss Hunter, o caso está terminado.
- Mas, na sua opinião, devo recuar na minha decisão?
- Confesso que não gostaria de ver uma irmã minha nessa situação.
- Por quê? Que significado poderá ter uma tão estranha proposta?
- Não tenho elementos suficientes para responder-lhe positivamente
- respondeu Holmes. — Com que impressão ficou, Miss Hunter, acerca dessa oferta de emprego?

— Mr. Rucastle pareceu-me uma pessoa de bem. Talvez sua mulher seja um pouco maníaca e ele não deseje ter de interná-la numa casa de saúde. Por isso procura satisfazer suas excentricidades.

— É provável que assim seja, mas não me parece que se trate de um lar muito agradável para uma jovem ingressar.

— Mas... o dinheiro, Mr. Holmes?

— Bem... o pagamento é bom... demasiado bom... e é isso que me preocupa. Por que motivo estarão dispostos a pagar-lhe... para você...

120 libras por ano quando poderiam contratar qualquer outra governanta por um terço desta quantia? Deve haver uma razão mais forte.

— Pensei que, tendo-lhe relatado o caso, o senhor pudesse prestar-me o seu auxílio... caso eu venha a necessitar dele. Dessa maneira me sentiria com mais coragem...

— Pode contar comigo, tanto mais que o seu problema é susceptível de tornar-se um dos mais interessantes com que deparo nestes últimos meses. Se, por quaisquer circunstâncias, achar que corre perigo...

— Perigo, Mr. Holmes? — alarmou-se Miss Hunther. — Que perigo poderei correr?

— Ainda não sei. Se eu, agora, pudesse defini-lo, já não seria perigo — respondeu o meu amigo, gravemente. — Mas, se me enviar um telegrama, a qualquer hora do dia ou da noite, correrei em seu auxílio.

— É quanto me basta — declarou Miss Hunther, aliviada. — Já poderei ir para o Hampshire, sossegadamente. Escreverei esta tarde a Mr. Rucastle e vou sacrificar o meu cabelo. Amanhã partirei para Winchester.

Agradecendo a Holmes, despediu-se e saiu.

Quando a ouvimos descer as escadas, comentei:

— Pelo menos, parece uma jovem capaz de cuidar de si.

— E terá de fazê-lo. Creio que não passará muitas semanas sem que se comunique conosco.

Durante quinze dias pensei freqüentemente na jovem e na estranha experiência imposta, o generoso pagamento e as leves obrigações induziam-me a considerar anormal a situação de Miss Hunter. Tratava-se de uma simples questão de excentricidade, ou de um plano mal-intencionado? Seria esse Rucastle um filantropo, ou um patife?

Quanto a Holmes, notei que permanecia muito tempo pensativo, irritando-se sempre que eu lhe falava no caso.

— Preciso de elementos concretos — repetia, impacientemente. — Não posso fazer tijolos sem barro.

E insistia na imagem de que, se tivesse uma irmã, não desejaria vê-la na situação de Miss Hunter.

Já eu me preparava para regressar a casa, nessa noite, quando chegou o telegrama. Holmes, que ainda tencionava efetuar algumas das

experiências químicas que tanto o empolgavam, abriu o sobrescrito amarelo e, após dar uma lida no telegrama, entregou-o para mim, pedindo:

— Veja isso, Watson, e consulte o horário dos comboios.

E foi embrenhar-se nos seus testes químicos. O apelo da jovem cliente era lacônico e urgente:

“Agradeço favor estar ‘Black Swan Hotel’, Winchester, amanhã, meio-dia. Não sei que fazer. Por Deus, venha.”

Hunter.”

— Quer vir comigo? — desafiou Holmes.

— Teria muito gosto.

— Qual é o horário do comboio?

— Há um às 9:30 h. Deve chegar a Winchester às 11:30 h.

— Serve. Terei de adiar as minhas experiências à base de acetonas, pois preciso descansar.

As 11 h do dia seguinte já nos acercávamos dessa antiga capital inglesa. Durante o percurso, Holmes entreteve-se lendo os jornais.

A paisagem era encantadora, realçando a chegada da primavera.

— Que tempo agradável! — comentei, com o alívio de quem se vê liberto da neblina de Londres.

Mas Holmes abanou a cabeça, solenemente.

— Uma das maldições de uma mentalidade como a minha é não conseguir abstrair-se do assunto que a preocupa. Você olha para essas coisas antigas e impressiona-se com a sua beleza e aparente tranquilidade, enquanto eu penso no seu isolamento e na impunidade com que, no seu seio, se pode perpetrar um crime.

— Santo Deus! — exclamei. — Quem poderia associar um crime a tão belas casas ancestrais?

— Causam-me sempre horror. Baseado na minha experiência, creio, Watson, que as mais sórdidas vielas de Londres escondem menos pecados do que a mais agradável paisagem campestre.

— Você me espanta, Holmes! — protestei.

— Há uma razão óbvia para o que afirmo. A opinião pública tem mais poder numa cidade do que a própria Polícia. Aí, a vigilância e o rumor popular são constantes, moralizadores, mas, nestes lugares retirados, isolados do mundo, ocorrem muitos crimes que nunca chegam a ser conhecidos. Se esta jovem, que solicita o nosso auxílio, tivesse ido para Winchester, eu não teria tão forte motivo para preocupar-me a seu respeito. Mas, achando-se num local afastado, pode correr perigo. Contudo, julgo não ser ela quem está pessoalmente ameaçada.

— Também o creio, tanto mais que a deixam vir a Winchester, para encontrar-se conosco.

— Exatamente. Pode deslocar-se livremente.

— Nesse caso, qual é o motivo da sua preocupação?

— Tenho sete hipóteses para a explicação dos fatos que conhecemos... Mas qual delas é a exata? Só poderei determiná-la após as informações que, talvez, agora, nos sejam prestadas... Aí está a torre da catedral... Veremos o que Miss Hunter terá para nos contar.

O “Black Swan Hotel” estava situado na High Street, um pouco adiante da estação, e aí fomos encontrar a jovem.

Tinha ocupado um reservado e os restos do almoço achavam-se sobre a mesa.

— Sinto-me radiante com a vinda de vocês — disse-nos, após nos cumprimentarmos. — Foram muito bondosos comigo, e o seu conselho, Mr. Holmes, será, para mim, de um valor inestimável...

— Quer contar o que lhe aconteceu? — cortou o meu amigo, com notória impaciência.

— Sim e terei de apressar-me, pois prometi a Mr. Rucastle regressar às “Faías” antes das 15 h. Autorizou-me a vir à cidade, esta manhã, mas nem sequer sonha com o que vim fazer.

Acomodando-se diante da lareira, Holmes insistiu:

— Conte-me tudo.

— Devo reconhecer que não fui maltratada, mas não compreendo o que se passa naquela casa e sinto-me perturbada...

— Por quê?

— Porque não entendo a razão da conduta de Mr. Rucastle. Quando cheguei, esperava-me numa carruagem e conduziu-me às Faías, que é

uma linda moradia cercada por terreno arborizado, próximo à estrada para Southampton.

As matas adjacentes pertencem a Lord Southerton. Em frente da porta da moradia de Mr. Rucastle há uma fileira de faias cor de cobre que deram o nome à propriedade.

O patrão apresentou-me à mulher e ao menino. A minha hipótese de que Mrs. Rucastle estivesse demente não se justifica. É uma senhora pálida, calma, muito mais nova do que o marido... talvez uns quinze anos, pois ele já deve contar quarenta e cinco, pelo menos.

Pelas conversas travadas entre eles, deduzi que estão casados há cerca de sete anos. Mr. Rucastle era viúvo, quando se casaram, e tem uma filha do primeiro matrimônio, que já fez vinte anos e vive na América, na Filadélfia. Foi o pai quem me confidenciou que ela partira de casa, movida pela aversão que nutria pela madrastra.

Mrs. Rucastle parece-me mentalmente tão vaga como a sua própria expressão. A minha opinião a seu respeito não é favorável, nem desfavorável. Deu-me a impressão de amar o marido e ser devotadíssima ao filho, Edward. Procura constantemente assegurar-se de que nada lhes falta e, apesar do temperamento bastante impetuoso de Mr. Rucastle, eu diria que são um casal feliz... se ela não chorasse com muita frequência, parecendo guardar, no seu íntimo, uma secreta tristeza.

Talvez se preocupe com o menino que se mostra terrivelmente malcriado, chegando a ser desagradável com ela. Edward é franzino, pouco desenvolvido em relação à idade, e tem uma cabeça demasiado grande para o corpo. É dado a acessos de furor e gosta de maltratar os seres mais fracos. A sua principal paixão é caçar ratos, pássaros e insetos de toda a espécie, manifestando especial talento para fazer-lhes armadilhas e exterminá-los... Mas não vale a pena falar disto que pouca relação tem com a casa...

— Pelo contrário — observou Holmes —, tenho interesse em ouvir todos os pormenores, mesmo que, *a priori*, pareçam pouco relevantes.

— A única coisa que, naquela casa, considero desagradável é a aparência e conduta dos criados: o casal Toller. O marido tem uma compleição doentia e cheira a álcool a qualquer hora do dia. Tem barba e cabelo

grisalhos. Já o surpreendi, por duas vezes, completamente embriagado, mas Mr. Rucastle não parece importar-se com isso.

Quanto à mulher, é alta, forte e parece estar sempre mal-humorada, com uma expressão macambúzia, embora se mostre tão calma como Mrs. Rucastle. Constituem um casal desagradável, mas, felizmente para mim, passo a maior parte do tempo entre o meu quarto e o do menino, que têm comunicação num canto da casa.

Após a minha chegada, a vida correu normalmente durante os dois primeiros dias, mas no terceiro, Mrs. Rucastle, depois do almoço, segredou qualquer coisa ao marido e este lhe respondeu:

— Oh, sim...

E virando-se para mim, acrescentou:

— Estamos muito gratos, Miss Hunter, por ter cortado o cabelo, e pode crer que isso de modo algum prejudicou a sua aparência. Agora, chegou a altura de vermos se o vestido azul lhe serve.

Encontrei-o, no quarto. Era de um bom tecido, de uma espécie de lã, com sinais evidentes de já ter sido usado. Tinha as minhas medidas e ficava-me bem. Tanto Mrs. Rucastle como o marido expressaram a sua alegria com uma efusão que me pareceu exagerada.

Estavam à minha espera na vasta sala que se estende a toda a largura da fachada da frente, com três janelas panorâmicas que se estendiam até o chão. Tinham colocado uma cadeira virada de costas para a janela central. Pediram-me que me sentasse nela e, então, Mr. Rucastle começou a contar-me histórias imensamente cômicas que me fizeram rir muito. A mulher, mostrando não ter o mínimo senso de humor, nem sequer sorriu, permanecendo com as mãos no colo e com uma expressão triste e ansiosa.

Cerca de uma hora mais tarde, o marido disse que era hora de nos ocuparmos com nossos afazeres, e subi ao quarto do pequeno Edward.

Dois dias depois repetiu-se a cena em idênticas circunstâncias. Após ter contado algumas anedotas, colocou a cadeira um pouco mais de lado em relação à janela e entregou-me um livro para que eu o lesse, de maneira que a luz incidisse bem nas páginas abertas. Fiz isso durante alguns minutos até que me mandou mudar de vestido. Deve calcular, Mr. Holmes, como fiquei curiosa de saber o objetivo daquela encenação,

tanto mais porque exigiam que eu mantivesse o rosto virado para o interior da sala. Contudo, consegui ver um homem que passava na estrada que vai para Southampton. Era de altura mediana, tinha barba e olhava na minha direção. Costumava passar gente naquela estrada, mas esse homem postara-se junto à cerca que delimitava os nossos jardins e fitava-me fixamente.

Ainda baixei o lenço, ao ver que Mrs. Rucastle não desviava os olhos de mim, mas convenci-me de que ela reparara que eu tinha um espelho no lenço para espiar o que se passava lá fora. Subitamente, levantou-se e alertou o marido:

— Jefro! Há um sujeito impertinente lá fora olhando para Miss Hunter!

— É um amigo seu? — inquiriu ela.

— Não conheço ninguém, por aqui.

— Que impertinência a desse homem! Queira virar-se e fazer-lhe um sinal para que se vá embora.

— Não seria melhor não lhe dar atenção? — sugeri.

— Não! Se não o repelir, ele acabará voltando. Queira fazer o favor de mandá-lo embora.

Obedeci e logo Mrs. Rucastle cerrou as cortinas. Isso aconteceu há uma semana e, então, não mais me mandaram sentar na sala, nem pôr o vestido azul... e o homem nunca mais apareceu, até agora.”

— Continue — estimulou Holmes. — O seu relato é deveras interessante.

— O senhor poderá achá-lo bastante desconexo, sem relação lógica entre os diversos episódios, mas foi isso o que aconteceu... Anteriormente, logo no primeiro dia da minha entrada no serviço, Mr. Rucastle conduziu-me a uma cocheira perto da porta da cozinha e, ao aproximar-me, ouvi o ruído de uma corrente, como se um animal grande a arrastasse. Vi um grande vulto que foi se esconder em um canto. Como me mostrei assustada, o meu patrão riu-se e procurou sossegar-me.

— Não tenha receio, Miss Hunter. É Carlo, o meu cão de guarda. Um belo animal! Embora seja meu, só consente que o patife do Toller lhe dê comida. Só o faz uma vez por dia, para que não fique muito gordo. Solta-o todas as noites e aí de quem se lembrar de tentar assaltar nossa propriedade. Portanto, Miss Hunter, nunca se atreva a sair de casa à noite, seja qual for o motivo, porque isso poderia custar-lhe a vida.

Não se tratava de um aviso inconseqüente, visto que, duas noites depois, tendo-me acercado da janela do meu quarto, por volta das duas horas da manhã, vi um vulto mover-se sob as faias. Estava uma bela noite, enluarada, a relva brilhava com o orvalho e tudo parecia quase tão claro como de dia. Distingui, então, tratar-se do cão, tão grande que parecia um bezerro, que atravessou o relvado e desapareceu por trás da casa. Confesso que aquela sentinela silenciosa me assustou.

E agora tenho uma ocorrência extraordinária para lhe contar: como sabe, cortei o cabelo, fiz com ele uma trança, para poder guardá-lo como recordação no fundo da minha mala. Certa noite, depois de ter colocado Edward para dormir, voltei para o meu quarto para arrumar melhor as minhas roupas nas duas gavetas superiores da velha cômoda, já que a de baixo se achava fechada. Com a curiosidade natural das mulheres, experimentei nesta as minhas chaves e, com jeito, consegui abri-la. Qual não foi o meu espanto, ao encontrar lá dentro, o meu cabelo, devidamente entrançado. Corri na mala e tirei, do fundo, a trança que eu tivera a fantasia de guardar. Juntei as duas e verifiquei serem exatamente iguais.

Então, pensando ter cometido uma indiscrição, coloquei a segunda trança na gaveta inferior, tornei a fechá-la à chave e nunca falei disso aos patrões.

— A sua narrativa, Miss Hunter, é na verdade interessantíssima!... Por favor — incitou Holmes —, queira continuar.

Creio ser, por natureza, boa observadora e depressa me familiarizei com os cantos da casa. Há lá um cômodo que julgo desabitado e cuja porta dá para o quarto dos Toller. Uma outra porta, de acesso à parte central da casa, encontra-se sempre fechada. Contudo, certo dia, ao subir a escada, surpreendi Mr. Rucastle, com uma chave na mão, saindo dessa porta. Nada tinha da pessoa jovial que sempre se mostrara. Estava muito vermelho, com a testa franzida e parecia furioso, apoplético de raiva. Fechou a porta e passou por mim, sem proferir palavra, nem sequer dirigir-me um olhar.

Este fato ainda mais despertou a minha natural curiosidade. Por isso, quando fui passear com o menino, dei uma volta por aquele lado da casa. Notei que essa parte dos fundos tem quatro janelas, de vidraças imundas, e uma quarta fechada com tábuas. Aparentemente essa parte da casa achava-se, há muito, abandonada.

Enquanto passeava, para trás e para diante, com o garoto, Mr. Rucastle veio ao nosso encontro e disse-me, com o seu ar jovial:

— Desculpe-me por ter passado por você sem lhe falar. Estava seriamente preocupado com um dos meus negócios.

Assegurei-lhe que não levava isso a mal e aproveitei a ocasião para mencionar:

— A propósito, parece haver ali uns cômodos que não são habitados... e uma das janelas até está tapada com tábuas...

— A senhora é realmente muito observadora! — elogiou. — Transformei esse quarto em câmara escura, pois a fotografia é o meu passatempo.

Falou como se zombasse de uma mania, mas os seus olhos já não exprimiam a mínima jovialidade, sim, suspeição e contrariedade.

A partir desse momento, Mr. Holmes, compreendi que haveria um mistério acerca daquelas salas e senti a tentação de desvendá-lo. Já não se tratava de mera curiosidade. Sentia ser meu dever averiguar o que se passava naquela parte da casa, como se isso pudesse vir a beneficiar alguém. Fala-se muito do 'instinto feminino' e talvez fosse ele que me impelia a tentar penetrar naquela porta proibida.

Só ontem me deparei com essa possibilidade. Já tinha notado que tanto Toller como a mulher, vão lá, de vez em quando, e, certa vez, vi-o sair por ela, carregando um saco de roupa suja. Estava bêbedo, como de costume.

Ora, quando subi a escada para ir para o meu quarto vi que o criado se esquecera da chave na porta de acesso às dependências dos fundos. Os meus patrões estavam no piso térreo, com Edward. Portanto, decidi aproveitar a oportunidade, rodei a chave e entrei. Deparei com um curto corredor, sem papel nas paredes, nem tapete no chão, que virava, em ângulo reto, para à direita, e dava acesso a três cômodos seguidos. A porta do primeiro e a do terceiro estavam abertas e os respectivos cômodos, vazios, com as vidraças das janelas tão sujas, que mal deixavam entrar a luz.

A porta do meio achava-se trancada com uma barra de ferro, fechada a cadeado, num dos lados e, no outro, amarrada com uma forte corda. Essa porta correspondia à janela que, do lado de fora, eu tinha visto fechada com tábuas. Notei que, pela parte inferior da porta, se escoava

uma réstea de luz, decerto proveniente de uma clarabóia existente no teto do cômodo.

Então, ouvi passos no interior desse quarto e vi, na claridade projetada sob a porta, a sombra de alguém que caminhava de um lado para o outro, como o fazem os homens e os animais encarcerados.

Fiquei terrivelmente assustada e corri, desesperadamente, como se estivesse sendo perseguida por uma mão invisível. Chegando no final do corredor, quase caí nos braços de Mr. Rucastle que estava, na porta, à minha espera. Sorrindo-me, disse brandamente:

— Ah! Era Miss Hunter! Pensei nisso, ao ver a porta aberta.

— Estou tão aflita! — confessei ofegante.

— Que foi que a afligiu? — perguntou, num tom que me pareceu demasiado suave.

— Entrei numa sala vazia e tão silenciosa que me deixou estarecida — menti.

— Só por isso?

— Não sei... Pressenti algo estranho... Há uma porta fechada, com uma tranca...

— E por que motivo pensa que mantenho essa porta fechada?

A mansidão da sua voz e do seu sorriso eram inalteráveis.

— Não... não sei — titubeei.

— Está trancada para impedir o acesso àqueles que não têm o direito de lá entrar.

— Não sabia...

— Mas agora já sabe — replicou e a sua expressão tornou-se demoníaca — e, se tornar a pisar esta ala da casa, pode ter certeza de que a atiro ao cão. Carlo a fará em pedaços, ouviu?

Fiquei tão apavorada que fugi para o meu quarto e me joguei na cama, a tremer, da cabeça aos pés.

Foi então que me lembrei do senhor, Mr. Holmes, pois não podia viver ali, mais tempo, sem pedir-lhe um conselho.

Sinto-me cheia de medo, do homem, da mulher, dos criados e até do garoto. Parecem-me pessoas pavorosas. Certamente que já teria podido fugir dessa casa... Mas a curiosidade era quase tão forte como

o medo... Por isso, pus o chapéu e a capa e fui ao posto de correio para enviar-lhe, Mr. Holmes, um telegrama, a pedir-lhe que viesse... Como de costume, Toller estava, como morto, completamente embriagado. Sabendo que só ele tem influência sobre aquele cão selvagem, pode imaginar o meu receio ao pensar que este andasse à solta!

No meu regresso, nada mais aconteceu, mas não consegui dormir, só sentindo algum alívio ao pensar que o senhor, Mr. Holmes, não deixaria de correr em meu auxílio.

Hoje, deram-me autorização para vir a Winchester, mas tenho de regressar antes das 15 h, porque os meus patrões saem para jantar com um proprietário vizinho, e eu tenho de ficar tomando conta de Edward. Agora, que já lhe contei tudo quanto sucedeu, agradeço-lhe se me disser o que devo fazer.

Holmes e eu tínhamos ficado perturbados com aquela história fantástica. Depois de andar de um lado para o outro com as mãos afundadas nos bolsos e uma expressão grave, o meu amigo inquiriu:

— Toller ainda permanece embriagado?

— Sim. Ouvi a mulher dele dizer a Mrs. Rucastle que, hoje, seria impossível contar com o marido, fosse para o que fosse.

— Agiu com muito bom senso, Miss Hunter. Tem uma coragem excepcional. Sente-se com ânimo para fazer mais alguma coisa?

— Posso tentar... Que pretende que eu faça?

— Iremos às “Faías”, por volta das 19 h. Como os Rucastle estão ausentes e o criado se encontra incapaz de intervir, só Mrs. Toller estará lá em condições de dar o alarme... Será possível, Miss Hunter, servir-se de qualquer pretexto para atrair essa mulher à adega? Se conseguisse fechá-la à chave lá dentro facilitaria a nossa ação.

— Creio que posso fazê-lo.

— Excelente. Iremos investigar o que se passa. Parece haver só uma explicação para o caso. Tudo indica, Miss Hunter, que a trouxeram para essa casa, a fim de personificar a pessoa que está encarcerada naquele quarto, e deve ser a filha, Miss Alice Rucastle, que dizem ter partido para a América.

O pai escolheu você, por parecer-se com ela e ter o cabelo da mesma cor. Como o da jovem teve de ser cortado, talvez devido a uma enfermidade

qualquer, exigiram que também cortasse o seu. Por isso, encontrou, na cômoda, a trança dela, idêntica à sua, que guardou na mala.

O homem que passa na rua deve ser um amigo de Miss Alice... talvez o próprio noivo. Serviram-se de você para afastá-lo do local e, pelo mesmo motivo, soltam o cão, à noite. O mais grave do caso é a reação do menino.

— Que tem uma coisa a ver com a outra?

— Então, meu caro Watson! Você é médico e sabe que se adquire conhecimento acerca de uma criança, analisando o comportamento dos pais... Pois o inverso é também válido. O temperamento desse garoto é excessivamente cruel, derivando das atitudes quer do sorridente pai, quer da mãe, de quem mais suspeito ainda... e nada pressagio de bom para a pobre jovem que têm em seu poder.

— Decerto tem razão, Mr. Holmes — interveio Miss Hunter. — Temos de socorrer essa infeliz.

— Certamente, mas teremos de agir prudentemente, já que estamos lidando com um grande patife. Até às 19 h, nada poderemos fazer, mas, então, já estaremos com você e, em breve, todo o mistério será esclarecido.

Tal como tínhamos prometido, chegamos às “Faías”, às 19 h em ponto, deixando o nosso carro à porta da estalagem da estrada, não muito distante da moradia.

As folhas daquelas árvores que, à luz do pôr-do-sol, brilhavam com uma tonalidade metálica, acobreada, bastariam para confirmar termos chegado ao local combinado, mesmo que Miss Hunter não estivesse à porta, à nossa espera.

— Tratou de tudo? — indagou Holmes.

A jovem acenou afirmativamente, ao mesmo tempo que se ouviam pancadas na porta da adega.

— É Mrs. Toller que fechei à chave. O marido está ressonando no tapete da cozinha. Aqui estão as chaves dele, iguais às de Mr. Rucastle.

Ansioso, Holmes incitou:

— Depressa! Indique-nos o caminho.

Seguimos Miss Hunter, subimos as escadas e percorremos o corredor, até a porta trancada.

Holmes cortou a corda e removeu a barra de ferro. Experimentou as chaves na fechadura, mas nenhuma servia na porta. No interior do quarto não se ouvia o menor ruído.

— Espero não termos chegado tarde mais... — disse o meu amigo, com evidente preocupação. — Temos de entrar aqui antes que a jovem morra.

A porta não resistiu aos nossos esforços comuns e, logo que a arrombamos, penetramos no aposento que se achava vazio. Por mobília, apenas tinha uma cama de ferro, uma pequena mesa e um cesto de roupa. A clarabóia estava aberta, sendo de admitir que a prisioneira fugira.

— Mas como? — admirei-me. — Pelo telhado?

— Aquele patife, adivinhando as intenções de Miss Hunter, içou-a, com uma corda, pela clarabóia... Aqui está, pendente, a ponta dessa corda.

Dirigindo-se à sala contígua, Holmes espreitou pela vidraça suja e apontou:

— Eis a escada que usou para descer do telhado.

— Mas essa escada não estava aí quando cheguei — espantou-se Miss Hunter.

— Isso significa que o seu patrão é tão astuto quanto perigoso. Voltou para casa, enquanto você se ausentou. Encontra-se aqui dentro...

Ouviram-se passos nas escadas e Holmes recomendou:

— Tenha o seu revólver pronto para disparar, Watson.

Mal acabara de falar, surgiu, à porta da sala, um homem gordo, mas espadaúdo e hercúleo, com um pesado cacete na mão.

Miss Hunter soltou um grito e encostou-se à parede, mas Holmes, com um salto ágil, o enfrentou.

— Canalha! — falou. — Onde está sua filha?

Rucastle olhou em volta, ergueu a vista para a clarabóia e rugiu:

— Espiões! Ladrões! Isso pergunto eu! Para onde a levaram?... Peguei-os em flagrante. Estão em meu poder e hão de pagar pelo que fizeram!

Desceu as escadas apressadamente e Miss Hunter alertou:

— Foi soltar o Carlo.

— Tenho aqui o meu revólver — sosseguei-a.

— É melhor fechar a porta — aconselhou Holmes. — Agora, desçamos juntos.

Ao chegarmos ao vestibulo, ouvimos o cão latir, logo seguido de um berro de agonia e do ruído de roupas a serem rasgadas.

Um homem de idade, com o rosto afogueado e cambaleando, saiu de uma porta lateral, gritando, alarmado:

— Meus Deus! Alguém soltou o cão... e ele não come há dois dias! Vai ser uma desgraça!

Holmes e eu corremos até a esquina da casa, com Toller, vacilando, atrás de nós. Deparamos com o animal, esfomeado, com o focinho enterrado no pescoço de Rucastle que gritava e esbravejava, contorcendo-se convulsivamente no chão.

Ao chegar perto dele, disparei a arma e fiz saltar os miolos do animal, que caiu com as presas ainda ferradas nas gordas goelas do homem.

Conseguimos, finalmente, separá-los e transportamos Rucastle para dentro de casa onde o deitamos num canapé. Toller, cuja bebedeira já passara, foi libertar a mulher. Entretanto, esforcei-me por aliviar as dores do ferido.

Estávamos em volta dele, quando a porta se abriu e entrou uma mulher alta e magra.

— Mrs. Toller! — exclamou Miss Hunter.

— Sim, sou eu. Mr. Rucastle já havia me libertado antes de subir atrás de você. Fez mal, minha senhora, em não ter me contado o que tencionava fazer, pois eu lhe teria dito que perdia o seu tempo.

Fixando-a atentamente, Holmes observou:

— É evidente que a senhora sabe mais deste caso do que qualquer outra pessoa.

— Sim e estou agora pronta a contar tudo que sei.

— Então, queira sentar-se e narre os fatos, pois há alguns pormenores que ainda não compreendi.

— Já teria contado o que sei se tivesse podido sair da adega antes de Miss Hunter subir àquele quarto... Se chamarem a Polícia, não se esqueçam de que sou amiga de Miss Alice... e também simpatizo muito com Miss Hunter...

Desde que Mr. Rucastle se casou novamente, Miss Alice detestava ficar nesta casa. Sentia-se desprezada e não a deixavam falar para exprimir

o seu desgosto. Depois, conheceu um oficial da Marinha, Mr. Fowler, em casa de uns amigos, e ambos se apaixonaram.

Miss Alice tem todos os direitos à herança de sua mãe, mas nunca protestou pelo fato de Mr. Rucastle dispor, como entendia, de todos os bens. Mostrou-se sempre calma e paciente, sem fazer objeções à maneira como o pai administrava a herança que só a ela pertencia.

Quando Mr. Fowler pediu Miss Alice em casamento, Mr. Rucastle quis obrigá-lo a assinar um documento no qual a filha abdicaria dos direitos à herança materna, a partir do momento em que se casasse. Mr. Fowler recusou-se a fazê-lo e, prepotentemente, Mr. Rucastle obrigou a filha a romper o noivado.

Isto provocou em Miss Alice uma febre meningica que a deixou às portas da morte. Teve de cortar os cabelos e ficou magra, como uma sombra do que fora. Finalmente melhorou... Entretanto, Mr. Fowler nunca desistiu de tentar vê-la, mantendo-se sempre fiel a ela.

— Por isso — disse Holmes —, o seu patrão decidiu encarcerar a filha, evitando que o noivo voltasse a vê-la...

— Sim, sir.

— E sendo perseverante, como todo e bom marinheiro, Mr. Fowler, não só rondou a casa, mas também entrou em contato com você, Mrs. Toller, e usando de argumentos convincentes, levou-a a reconhecer que os interesses de ambos eram os mesmos.

— Bem... o comandante Fowler é um cavalheiro muito generoso — admitiu a mulher, calmamente.

— Portanto, hoje, a senhora conseguiu que seu marido não se embriagasse, antes de arranjar uma escada que, mais tarde, Mr. Fowler pudesse utilizar para libertar a noiva seqüestrada, não foi isso?

— Sim, sir.

— Tenho de agradecer-lhe, Mrs. Toller, por ter me ajudado a esclarecer um mistério que se apresentava deveras enigmático — concluiu Holmes. — Estão chegando, agora, Mrs. Rucastle e o médico da região... Portanto, Watson, é hora de acompanharmos Miss Hunter a Winchester, já que a nossa presença, nesta casa, se tornou desnecessária. O caso já não está nas nossas mãos.

Assim se encerrou este episódio. O mistério da sinistra casa das “Faías Cor de Cobre” foi solucionado e Mr. Rucastle acabou melhorando dos

ferimentos, mas ficou tão acabado moralmente, que apenas sobreviveu devido aos cuidados da sua devotada mulher.

No próprio dia do rapto, Mr. Fowler casou com Miss Alice Rucastle, em Southampton. Partiram ambos para as ilhas Maurícios onde o comandante foi empossado no cargo de Representante do Governo de Sua Majestade Britânica.

Quanto a Miss Violet Hunter, o meu amigo Holmes, para meu desapontamento, nunca mais se interessou por ela, após o termo das investigações. É presentemente diretora de um colégio particular, em Walsall, onde, segundo consta, se sente muito feliz.



UM CASO DE IDENTIDADE

— Meu caro amigo — começou Sherlock Holmes a dissertar, enquanto nos sentávamos, cada qual do seu lado da lareira, no seu apartamento de Baker Street —, a nossa existência é infinitamente mais estranha do que qualquer outra coisa que a nossa mente possa conceber. Por vezes, não ousaríamos imaginar fatos que, na vida real, são meramente freqüentes.

Se ambos, de mãos dadas, pudéssemos voar para além daquela janela, pairar por esta grande cidade, destelhar ligeiramente os tetos das casas e espreitar os eventos insólitos que estão, neste momento, acontecendo; se pudéssemos surpreender esse cotidiano de estranhas coincidências, os projetos de futuro arquitetados, as rivalidades, toda essa maravilhosa cadeia de fatos que acompanham as sucessivas gerações e conduzem às conseqüências mais *outrés*⁽¹⁾; se o conseguíssemos, Watson, verificaríamos que a ficção, com o seu convencionalismo e conclusões previstas, se reduziria a um fenômeno vulgar e sem interesse.

— Não estou muito convencido disso — redargui. — Os casos que surgem nos jornais são, geralmente, grosseiros e, por vezes, até abjetos. Nas reportagens criminais, nós nos deparamos com o realismo levado ao extremo e devo confessar que o tema não é fascinante, nem artístico.

— Bem — reconheceu Holmes —, para produzir efeitos realísticos é necessário utilizar uma certa seleção de fatos essenciais e discrição, quanto a algumas particularidades. É nisso que as reportagens policiais pecam, dando maior projeção aos insucessos das autoridades do que àqueles pormenores que, para o observador externo, contêm a essência vital de todo o caso.

Sorri e abanei a cabeça, argumentando:

— Compreendo perfeitamente o seu ponto de vista. Pensa dessa maneira porque, na sua posição de consultor e orientador não oficial daqueles que se encontram em situações confusas através dos três continentes, se depara com tudo quanto é estranho e invulgar.

⁽¹⁾ Em francês, no texto original: *exageradas, desesperadas*. (N. do T.)

Ora, vejamos...

Apanhei o jornal da manhã que caíra no chão e propus:

— Façamos um teste prático. Aqui tem o cabeçalho do primeiro artigo desse teor que encontro nesta página... Refere-se à crueldade de um marido para com a mulher. Conquanto ocupe meia coluna, estou certo de que, mesmo sem o ler, se restringe a um caso que podemos considerar trivial. A sua causa deverá residir na existência de uma outra mulher, ou no vício da embriaguês; mencionará a agressão física, ou querelas íntimas do casal; referir-se-á a uma irmã, ou a uma hospedeira simpática, como personagens secundários, complementares... Verá, Holmes, que mesmo os escritores mais simplórios não apresentariam um assunto tão banal.

— Infelizmente — objetou o meu amigo, pegando o jornal e dando uma passada de olhos pelo artigo —, o seu exemplo não se adequa ao argumento básico. Este é o caso particular do divórcio do casal Dunda de que, ocasionalmente, procuro averiguar alguns elementos com ele relacionados.

O marido era totalmente abstinente, quanto a álcool, e não tinha qualquer amante, mas adquirira o hábito de, após as refeições, tirar da boca a dentadura postiça, para atirá-la na mulher.

Há de admitir, Watson, que este comportamento não entraria na imaginação de qualquer escritor comum... Tome uma pitada de rapé, doutor, e convenha que caiu por terra o seu exemplo.

Estendeu-me a tabaqueira de ouro antigo com uma enorme ametista na tampa.

De tal maneira o luxo dessa caixa contrastava com o seu gosto pelas coisas simples e com o seu modo de vida singelo, que não me coibi de comentar o fato.

— Ah! — comentou, displicentemente. — Esqueci-me de que, de umas semanas para cá não o tenho visto... Trata-se de uma lembrança que o rei da Boêmia me enviou, recentemente, pela assistência que lhe prestei no caso dos documentos comprometedores de Irene Adler.

— E esse anel? — indaguei, olhando de soslaio para o maravilhoso diamante que lhe cintilava no dedo anelar.

— Foi uma oferta da família real da Holanda. De resto, a investigação a que procedi, para auxiliá-la, foi de natureza tão melindrosa que nem a

você poderei confidenciá-la, apesar de ter sido sempre solícito em anotar alguns dos meus pequenos inquéritos.

— Presentemente, tem algum nas mãos? — interessei-me.

— Uns dez ou doze casos, mas de menor importância... Ou melhor, são importantes, mas de interesse apenas relativo... Por sinal, descobri que, geralmente, os assuntos menos importantes são aqueles que apresentam um mais vasto campo para a observação e rápida análise de causa e efeito e que, por conseguinte, dão encanto a uma investigação.

Os crimes mais bárbaros, podem ser os de mais simples resolução, porque, quanto mais violento é o crime, mais claro é o motivo que lhe deu origem. Com exceção de um caso, relativamente complexo, que me foi apontado, em Marselha, não deparo com qualquer assunto de verdadeiro interesse. Contudo, talvez, dentro de alguns minutos surja algo melhor, pois, se não me engano, está chegando, agora mesmo, um dos meus clientes...

Holmes tinha se erguido da cadeira, para, através da nesga das cortinas que entreabrira, espreitar aquela artéria sombria do centro de Londres.

Olhando por cima do seu ombro, notei que, no passeio oposto da rua, se encontrava uma jovem de compleição nutrida e peito imponente, com uma pesada estola ao redor do pescoço e um chapéu de aba larga, adornado com uma pluma vermelha e colocado de lado, ao estilo da duquesa de Devonshire.

Sob essa enorme panóplia, a mulher olhava, nervosamente, as nossas janelas, enquanto o seu corpo oscilava, manifestando hesitação, e os seus dedos apertavam os botões das luvas. Subitamente, decidiu-se e, tal como um mergulhador que salta de um trampolim, atravessou a rua e veio tocar a campainha da porta.

Atirando com o cigarro à lareira, Holmes comentou:

— Conheço bem estes sintomas. O oscilar do corpo indica um *affair de coeur* ⁽²⁾. Esta cliente pretende pedir-me um conselho, mas receia que o caso seja demasiado delicado para confiá-lo a outra pessoa. Contudo, repare, Watson: quando uma mulher foi duramente molestada por um homem, já não vacila e o sintoma mais comum é tocar a campainha com tanta energia, que chega a partir o cordão da sineta. Ora, este seu

⁽²⁾ Em francês, no texto original: caso passional. (N. do T.)

toque foi breve, hesitante. Podemos, pois, concluir que, no presente caso, se trata de uma questão amorosa, mas que a jovem não está muito exaltada... talvez, apenas torturada pela dúvida.

Bateram levemente à porta da sala e o rapaz, de farda, entrou para anunciar a chegada de Miss Mary Sutherland. Esta avançou como um navio mercante, deixando o criado atrás de si como se fora um pequeno bote.

Sherlock Holmes deu-lhe as boas-vindas, com a cortesia que lhe era peculiar. Inclinou-se, oferecendo à visitante uma poltrona, e examinou-a minuciosamente, embora com a sua habitual expressão aparentemente abstrata.

— Não acha, minha senhora — observou —, que, sendo míope, se prejudica escrevendo tanto à máquina?

— De início, pensei nisso, mas agora, que conheço de cor a posição das letras no teclado... — começou a responder a jovem.

Subitamente, apreendendo o sentido daquelas palavras, sobressaltou-se e, com receio, mesclado de admiração, fitou a expressão jovial do meu amigo.

— O senhor já sabe alguma coisa a meu respeito?... Como pôde adivinhar...?

— Não se preocupe — sossegou-a Holmes, rindo. — O meu dever é descobrir “coisas”. Tenho treinado distinguir pormenores que as outras pessoas se limitam a ver superficialmente. Se assim não fosse, por que motivo a senhora viria, aqui, consultar-me?

— Vim, Mr. Holmes, porque Mrs. Etherege, cujo marido o senhor conseguiu encontrar... depois de toda a gente e a própria polícia terem-no considerado morto... me falou a seu respeito.

Desejava, Mr. Holmes, que pudesse fazer o mesmo por mim. Não sou rica, mas herdei um rendimento anual de cem libras e ainda trabalho como datilógrafa... Pois bem, estou disposta a gastar tudo quanto tenho para saber o que aconteceu a Mr. Hosmer Angel.

Juntando as pontas dos dedos e olhando para o teto, Holmes sondou:

— Por que precisou sair, com tanta pressa, para vir me consultar?

A expressão, um tanto ou quanto vaga, de Miss Sutherland mostrou novamente surpresa.

— Sim... Efetivamente, saí às pressas e discuti com meu pai, Mr. Windibank, quando percebi a forma despreocupada como ele encarou o assunto. Recusou-se a participar o caso à polícia, assim como vir aqui falar com o senhor. Opôs-se a qualquer ação, alegando que o desaparecimento de Mr. Angel não prejudicava ninguém... Fiquei como louca, vesti-me apressadamente e corri para cá...

— A senhora referiu-se a Mr. Windibank, dizendo “meu pai”. Certamente que ele é seu padraсто, visto que os sobrenomes são diferentes, não é assim?

— Exatamente. É meu padraсто. Chamo-o “pai”, embora isso pareça ridículo, já que ele é apenas cinco anos e dois meses mais velho do que eu.

— Sua mãe ainda é viva?

— Sim, felizmente. Está viva e saudável. Desgostou-me o fato de ter se casado novamente tão pouco tempo após o falecimento de meu pai... e ainda por cima, com um homem quinze anos mais novo que ela...

Meu pai tinha uma loja de artigos de estanho e cobre, na Tottenham Court Road, e deixou um negócio bastante lucrativo. Minha mãe, com a ajuda do encarregado, Mr. Hardy, continuou à frente da empresa, até que apareceu Mr. Windibank que a convenceu a vender a nossa loja de utensílios de lata. Ele considerava-se muito superior a este ramo de comércio, pois é representante de uma firma de vinhos.

Na transação de venda, apuraram-se 4.700 libras, no cálculo de bens existentes e rendimento anual. Ora, esta importância é deveras inferior ao real valor do negócio, não se aproximando, nem de longe, da soma que meu pai teria conseguido se estivesse vivo...

Eu julgava que Sherlock Holmes ficasse impaciente, com esta longa narrativa, aparentemente, sem importância, mas, pelo contrário, escutou-a com a maior concentração de espírito, e indagou:

— A sua pequena herança proveio dessa venda do negócio de seu pai?

— Oh, não! Foi meu tio Ned que me legou, em Auckland. Está depositada na “New Zeland Stock” e rende juros de 4,5%. O seu valor é de 2.500 libras e eu recebo o respectivo rendimento.

— Estou muito interessado no seu caso, Miss Sutherland — animou Holmes. — A senhora pode receber, anualmente, mais de cem libras,

além daquilo que ganha com o seu trabalho. Certamente que viaja um pouco e se diverte. Com um rendimento muito inferior, mesmo apenas de 60 libras, qualquer jovem pode viver confortavelmente.

— Efetivamente, Mr. Holmes, eu até poderia viver com muito menos do que isso, mas, como estou morando na casa deles, entrego-lhes todo o meu dinheiro. Mr. Windibank recebe, de três em três meses, aquele meu rendimento que entrega a minha mãe. Ganho bem como datilógrafa, pois me pagam 6 pence por lauda e, geralmente, posso escrever cerca de 15 a 20 laudas, por dia.

— Esclareceu-me perfeitamente a sua posição, Miss Sutherland — elogiou Holmes. — Este senhor, aqui presente, é o meu amigo e colaborador, Doutor Watson. Pode falar francamente, diante dele, como se estivesse a sós comigo. Quer agora relatar-me as suas relações com Mr. Hosmer Angel?

Miss Sutherland corou e puxou para baixo, nervosamente, a bainha do casaco.

— Encontrei-o no baile dos bombeiros. Enquanto meu pai era vivo, já nos enviavam convites para essa festa. Depois, continuaram a enviá-los para minha mãe e para mim. Contudo, o meu padrasto opunha-se a que fossemos a tais diversões. Nunca autorizou que saíssemos a parte alguma, nem sequer para assistirmos a uma simples festa da Escola Dominical. Ficava terrivelmente alterado sempre que eu me propunha a ir a uma dessas diversões. Porém, resolvi ir àquele baile e disse-lhe que não tinha o direito de proibir essa inocente distração.

Apesar de as pessoas que freqüentavam o baile serem amigas ou conhecidas de meu pai, Windibank permitiu-se dizer que se tratava de gente de baixa condição social e alegou que eu não tinha vestido em condições para me apresentar decentemente. Ora, eu tinha um vermelho que ainda não estreara.

Quando se esgotaram as objeções, Mr. Windibank partiu para a França, em negócios da sua firma de vinhos, e minha mãe e eu fomos ao baile, acompanhadas por Mr. Hardy, nosso amigo encarregado da loja. Foi nesse baile que encontrei Mr. Hosmer Angel.

— Suponho que, ao regressar de França, Mr. Windibank se mostrou imensamente aborrecido por saber que tinha ido ao baile, não é verdade?

— Pelo contrário! Dessa vez não nos censurou. Riu-se e encolheu os ombros, limitando-se a dizer que de nada valia contrariar as mulheres, fosse no que fosse, porque acabariam fazendo o que entendessem.

— Compreendo. Portanto, foi nesse baile que encontrou Mr. Hosmer Angel?

— Sim. No dia seguinte, foi até em casa para saber se tínhamos chegado bem depois do baile... e, Mr. Holmes, ainda fui passear com ele, duas vezes... mas, depois de o meu “pai” voltar, nunca mais pude sair com ele... Quero dizer que Mr. Angel nunca mais veio a nossa casa.

— Por que não?

— Porque o meu padraсто detestava receber visitas, costumava dizer que as mulheres devem contentar-se com o seu círculo familiar. Contudo, tal como eu disse a minha mãe, uma mulher deve escolher o seu próprio meio e eu não tinha qualquer núcleo de amizades...

— E Mr. Angel nunca tentou vê-la?

— Bem... meu padraсто ia partir novamente para a França, devendo demorar-se, aí, uma semana. Hosmer escreveu-me, recomendando ser preferível não voltarmos a nos encontrar, antes de Mr. Windibank partir, e sugerindo que nos escrevêssemos. De fato, passou a me escrever todos os dias. Eu recebia a correspondência todas as manhãs, e o meu padraсто não estava a par do assunto.

— Ficou noiva desse cavalheiro, Miss Sutherland?

— Sim, Mr. Holmes, ficamos noivos, logo na altura do nosso primeiro passeio, depois do baile. Hosmer era caixa de um escritório da Leadenhall Street...

— Que escritório?

— Infelizmente, não sei, Mr. Holmes.

— Onde morava?

— Ficava instalado no emprego, onde tinha um quarto.

— Não sabe o endereço desse escritório?

— Só sei que era na Leadenhall Street.

— E, Miss Sutherland, para onde enviava as suas cartas?

— Para a Posta Restante da estação de correio de Leadenhall. Hosmer dissera-me que, se a minha correspondência fosse dirigida ao escritório, os colegas poderiam rir dele, por receber, no emprego, cartas de uma

mulher. Eu ainda sugeri datilografá-las, tal como ele fazia, mas não concordou com essa sugestão, alegando que as cartas escritas à máquina eram impessoais e, dessa maneira, sentia que elas nos separavam. Isto prova, Mr. Holmes, quanto Hosmer gostava de mim, dando importância aos mais pequenos pormenores.

— Isso é um ponto muito sugestivo — apreciou Holmes. — Também eu considero que as pequeninas coisas são as que têm mais valor. Lembra-se, Miss Sutherland, de mais algumas particularidades de Mr. Angel?

— Era um homem muito tímido, preferindo passear comigo, ao cair da tarde e não em pleno dia, pois detestava chamar a atenção de pessoas estranhas. Era deveras retraído e até a sua voz era abafada. Contou-me que na sua meninice sofrera de amigdalite, e que as glândulas lhe tinham ficado inchadas, tornando-lhe a garganta muito débil, com voz sumida e hesitante. Vestia-se bem, mas tinha a vista fraca, tal como a minha, e a claridade incomodava-o, de maneira que usava sempre óculos escuros.

— Compreendo. E o que aconteceu, quando o seu padraсто tornou a ir para França?

— Hosmer Angel voltou a visitar-nos e propôs que nos casássemos, antes do regresso de Mr. Windibank. Fez-me jurar, sobre a Bíblia, que eu lhe seria sempre fiel, sucedesse o que sucedesse.

Minha mãe achou que ele tinha razão em ter me feito jurar a minha perene fidelidade, pois isso só provava a sua grande paixão por mim. Devo sublinhar, Mr. Holmes, que minha mãe foi sempre favorável ao nosso noivado e até parecia gostar mais dele do que de mim.

— Quando Hosmer falou em nos casarmos dentro de uma semana, receei a reação do meu padraсто, mas tanto minha mãe como Hosmer acharam que eu não devia preocupar-me com a opinião de Mr. Windibank. Minha mãe trataria de tudo e, só mais tarde, contaria ao marido a nossa resolução, e, então, eu lhe pediria o consentimento formal.

Estranhei, Mr. Holmes, ter de pedir consentimento ao meu padraсто, após me casar. Por isso, embora ele seja pouco mais velho do que eu, nada quis fazer às ocultas e escrevi para Bordéus, na França, onde a companhia, para a qual trabalhava, tinha os seus escritórios. Para meu desapontamento, a carta foi devolvida na manhã do casamento.

— Estou vendo... A carta se desencontrou dele?

— Exatamente. O meu padrasto já tinha embarcado de volta para a Inglaterra, quando a carta lá chegou.

— Realmente, foi lamentável! Ora, diga-me, Miss Sutherland, o seu casamento com Mr. Angel estava marcado... para quando?

— Seria celebrado, na sexta-feira passada.

— Numa igreja?

— Sim, Mr. Holmes, mas sem ostentação. Nós nos casaríamos na Saint Salvator Church, perto da King's Cross Avenue e, depois, iríamos almoçar no St. Pancrace's Hotel.

Hosmer veio buscar-nos, num *cab*, ⁽³⁾ a minha mãe e a mim. Fez-nos subir nele e, como já éramos duas pessoas, saltou para outro que passava naquele momento. Como fomos as primeiras a chegar à igreja, esperamos pelo *cab* de Hosmer. Contudo, quando este parou, ninguém saltou dele. Fomos espreitar e o vimos vazio.

O cocheiro declarou não poder imaginar o que tivesse acontecido, pois não vira seu passageiro saltar do carro. — Isto se passou, Mr. Holmes, na sexta-feira e, até agora, nunca mais vi Hosmer, nem sei o que possa ter lhe acontecido.

— Parece-me — advertiu Holmes, — que a senhora tem sido vergonhosamente enganada.

— Oh, não! Não pode ser, Mr. Holmes! Hosmer é um homem muito bom e muito delicado. Nunca me faria uma coisa dessas, deixando-me voluntariamente, durante horas, a sua espera, à porta da igreja. Decerto lhe aconteceu algum percalço! De resto, recomendara-me que lhe fosse sempre fiel, mesmo que qualquer coisa imprevista lhe viesse a acontecer. Insistiu em que eu não devia esquecer-me de que estava presa a ele por um juramento, e que, portanto, mais cedo ou mais tarde, viria reclamar a minha promessa. Na verdade, estranhei que me tivesse dito isto, na própria manhã do casamento, mas o que realmente aconteceu veio lhe dar razão.

⁽³⁾ Carro coberto, com um único banco para dois passageiros, indo o cocheiro numa banqueta descoberta, mais elevada e posterior à carroçaria; as rédeas que conduzem o cavalo de tiro passam sobre a capota do veículo. O *cab*, contração de *cabriolet*, é a versão inglesa desta outra viatura francesa, cuja capota é conversível e em que o condutor vai sentado ao lado do passageiro: deste veículo também derivou o *tilbury* inglês (nome do inventor) que é sem capota. (N. do T.)

— Certamente... mas, na sua opinião, acha que tenha sucedido a Mr. Angel qualquer catástrofe imprevista?

— Evidentemente! Creio que pressentiu algum perigo... e o que previu acabou por acontecer.

— Faz alguma idéia do que tenha ocorrido, Miss Sutherland?

— Não.

— E sua mãe conformou-se com o sucedido?

— Ficou zangada e decidiu que não mais falássemos do caso.

— Só mais uma pergunta, Miss Sutherland: falou a seu padraсто acerca do que se passou?

— Sim e pareceu acreditar que algo de grave acontecera a Hosmer, aconselhou-me esperar que ele se comunique comigo. Que interesse podia ter alguém em conduzir a noiva ao altar, para, logo a seguir, abandoná-la? Se Hosmer me tivesse pedido dinheiro emprestado, ou se tivesse casado comigo, pondo os meus bens em seu nome, ainda se poderia admitir um motivo. Mas isso não aconteceu. Era um homem de espírito muito independente e nem sequer aceitaria um xelim do meu bolso.

Portanto, Mr. Holmes, que terá acontecido? Por que não me escreve? Sinto que vou enlouquecer, pois não consigo dormir um só instante.

Tirou um lenço do bolso e começou a soluçar. Levantando-se, Holmes tentou sossegá-la.

— Vou investigar o seu caso, Miss Sutherland, e não tenho dúvida de que chegaremos a uma conclusão definitiva. Deixe a meu cargo toda a responsabilidade e não pense mais nisso. Sobretudo, procure esquecer Mr. Hosmer Angel, como se ele nunca tivesse aparecido na sua vida.

— Pensa que não o verei mais?

— Receio que não.

— Nesse caso, que lhe terá acontecido?

— Deixe o assunto comigo. Preciso que me dê uma descrição pormenorizada de Mr. Angel e permita-me ver algumas cartas que ele lhe tenha escrito.

— Certamente. Quanto à descrição, aqui tem um anúncio que pus no *Chronicle* de sábado e que se refere... e eis quatro cartas dele.

— Obrigada. Qual é o seu endereço, Miss Sutherland?

— Lyon Place, nº 31, em Camberwell.

— Disse-me que nunca soube o endereço de Mr. Angel... E seu padrasto, onde trabalha?

— Viaja por conta da firma “Westhouse & Marbank”, os grandes importadores de vinho clarete, da Fenchurch Street.

— Prestou-me informações muito claras, Miss Sutherland. Deixe aqui esses papéis e lembre-se do meu conselho: guarde o incidente, como se fosse um segredo, num livro selado, e não consinta que a sua recordação lhe afete a vida e a saúde.

— É muito bondoso, Mr. Holmes, mas não conseguirei esquecer Hosmer. Terei de permanecer sempre fiel, para que me encontre a sua espera, no dia em que voltar para mim.

Apesar do seu chapéu absurdo e do seu rosto inexpressivo, havia um certo caráter de nobreza na sua fé simples que me obrigou a respeitar seus sentimentos.

Pôs os papéis em cima da mesa e saiu, prometendo voltar quando fosse chamada.

Durante alguns momentos, Sherlock Holmes manteve-se pensativo, juntando as pontas dos dedos e estendendo as pernas para a lareira, com o olhar fixo no teto. Depois, tirou da prateleira o velho cachimbo, que constituía o seu calmante. Acendeu-o, recostou-se e, com o olhar cansado, acompanhou as volutas de fumo do tabaco.

Por fim, comentou:

— Foi interessante estudar aquela jovem... Mais ainda do que o interesse que o seu problemazinho nos suscita, de resto, bem vulgar. Você, Watson, encontrará casos idênticos, se consultar o meu arquivo. Em 1877, ocorreu, em Andaver, uma situação semelhante, assim como, em Bague, no ano passado. A idéia é velha, mas este caso apresenta alguns pormenores novos para mim. A própria Miss Sutherland foi muito explícita na sua exposição.

— Isso significa, Holmes, que você viu “coisas” que para mim permaneceram invisíveis:

— Não eram invisíveis, Watson, mas você não sabe observá-las, pelo que não se apercebeu dos fatos importantes. Ainda não consegui fazê-lo compreender a importância, por exemplo, das mangas de um vestido, daquilo que as unhas dos dedos polegares nos sugerem, do que nos indica a abotoadura de uma botina... Já agora, diga-me o que concluiu da aparência dessa jovem. Tente descrevê-la.

— Bem... tinha um chapéu de palha fina, de abas largas, cor de ardósia, adornado com uma pluma vermelha. O seu casaco preto estava enfeitado com missangas e com uma franja bordada, da mesma cor. Por baixo, envergava um vestido castanho, cor de café, com debruns de veludo púrpura, nas mangas e na gola. As luvas, cinzentas, mostravam-se gastas na ponta dos dedos indicadores. Não reparei nos sapatos, mas notei que usava brincos pequenos e, em todo o seu conjunto, achei-lhe um ar de pessoa abastada, embora de classe média.

Fechando as mãos, lentamente, Holmes riu.

— Na verdade, Watson, você tem feito progressos maravilhosos... Muito bem, mesmo, embora tenha se ocupado dos pormenores essenciais. Descreveu-me uma jovem excelente, cheia de cores, mas nunca deve fiar-se nas impressões gerais e, sim, concentrar-se nos pequenos indícios.

No caso das mulheres, começo sempre por observar as mangas. No dos homens, devemos olhar para os joelhos das calças. As mangas da nossa cliente, sendo de veludo, eram ótimos para conservarem marcas exteriores. Um pouco acima do pulso, viam-se-lhe os vincos deixados pelo hábito de apoiar-se na mesa da máquina de escrever, o que me sugeriu ser datilógrafa. Se se tratasse de uma costureira, notaríamos um vinco semelhante, mas no braço esquerdo, não na parte mais larga da manga, mas do lado do polegar, marca essa da mesa da máquina de costura.

Como também notei vincos de óculos, na parte superior do nariz, pude aventurar a observação de que era míope e datilógrafa, o que pareceu surpreendê-la.

— Também me surpreendeu com isso — confessei.

— Mas era tão evidente, Watson! Depois, olhei para seus pés e vi que calçava botinas... e fiquei intrigado ao reparar que não eram exatamente iguais. Além disso, uma delas só tinha abotoados o primeiro, segundo e quinto botões. Ora, quando você vir uma mulher, mais ou menos bem vestida, sair de casa com botinas trocadas e não totalmente abotoadas, pode deduzir que saiu com uma pressa imensa.

Como sempre interessado no raciocínio incisivo do meu amigo, inquiri:

— Que mais observou?

— Notei que devia ter escrito um bilhete, quando já estava pronta para sair. Você, Watson, reparou que a ponta do dedo indicador da luva

estava gasta, por acaso até descosturada, mas não viu que tanto esse ponto do tecido, como o próprio dedo indicador, se achavam ligeiramente manchados de tinta roxa. Isso indicava ter escrito, às pressas, e ter enfiado, com demasiada pressão, a pena, na boca do tinteiro. São pormenores ridículos, elementares, bem sei... E agora, Watson, vamos ao mais importante. Queira ler-me a descrição de Mr. Hosmer Angel, constante desse anúncio.

Aproximei da luz o pequeno recorte.

“Na manhã do dia 14 do corrente, desapareceu um cavalheiro, de nome Hosmer Angel, com um metro e setenta de altura, forte, de rosto pálido, cabelo preto e ligeiramente calvo; usa bigode, costeletas e óculos escuros; tem uma tênue deficiência na fala. Quando foi visto pela última vez, vestia uma casaca forrada com seda, colete preto, com corrente de ouro para relógio, e calças de casimira e trazia polainas castanhas sobre botinas de elástico. Esteve empregado num escritório da Leandenhall Street. Dá-se recompensa a quem...”

— É quanto basta, Watson. Quanto às cartas — continuou, dando-lhes uma rápida passada de olhos —, são vulgares. Não contêm uma única indicação acerca do seu autor, salvo uma citação de Balzac... Contudo, apresentam um ponto interessante que podemos considerar conclusivo.

— Foram datilografadas — alvitrei.

— Não só isso, pois a própria assinatura foi datilografada. Repare como esse “Hosmer Angel” está bem nítido. A carta está datada, mas não tem endereço de remetente, a não ser “Leandenhall Street” o que é demasiado vago. Pelo menos, podemos considerar essa assinatura conclusiva.

— Conclusiva?... De quê?

— Será possível, meu caro Watson, que não veja como ela nos esclarece uma intenção?

— Só posso antever que o autor poderia negar ter assinado a carta, caso fosse processado por quebra de compromisso matrimonial.

— Não se trata apenas disso... Vou escrever duas cartas que decidirão o caso. Uma, dirigida a uma firma da City, e outra, ao padraço da nossa jovem cliente, Mr. Windibank, pedindo para estar aqui, amanhã, às seis horas da tarde. É sempre conveniente tratar do assunto com o elemento masculino da família.

E agora, doutor, nada nos resta fazer senão aguardar as respostas a estas duas missivas. Provisoriamente, vamos deixar o problema repousar na prateleira.

Tive sempre tantas razões para acreditar nos poderes do sutil raciocínio do meu amigo e na sua extraordinária energia, quando em ação, que não me admirei da tranquilidade com que esperava resolver aquele mistério.

Só uma única vez assisti a um seu quase insucesso, quando se tratou do caso das cartas e fotografia do rei da Boêmia e de Irene Adler. Contudo, quando recordava a investigação de *O Signo dos Quatro* e as extraordinárias circunstâncias que envolveram a solução do caso *Um estudo em vermelho*, admiti que só um problema demasiado complexo poderia escapar ao seu poder de esclarecimento.

Deixei-o fumando o seu cachimbo de barro preto e saí, plenamente convicto de que, quando voltasse a visitá-lo, na tarde seguinte, eu o ouviria declarar já estar na posse de todos os fios da meada que o levariam a descobrir a identidade do desaparecido noivo de Miss Sutherland.

Nessa altura, eu encontrava-me ocupado com um caso clínico deveras grave e, durante todo o dia seguinte, fiquei à cabeceira da minha paciente. Só perto das seis horas consegui libertar-me para apanhar um trem e ir à Baker Street, receoso de chegar demasiado tarde para assistir à revelação do mistério.

Fui encontrar Sherlock Holmes, semi-adormecido, com o seu comprido corpo refestelado na poltrona. Uma imensidão de frascos e utensílios para testes químicos e o odor acre de ácido hidrocloreídrico indicavam-me ter passado o dia embrenhado nas experiências que tanto o absorviam.

Mal entrei, não me contive e indaguei:

— Já solucionou o caso?

— Sim. Tratava-se de bissulfito de bário.

— Não me refiro à química — protestei. — Estou falando do mistério de Miss Sutherland.

— Oh! Referia-se a isso!... Eu estava pensando no sal que tenho analisado. Esse caso, embora reunisse alguns pormenores interessantes, não constituía um verdadeiro mistério. O único inconveniente reside no fato de a Lei não nos permitir punir o canalha.

— Quem é ele? Por que motivo abandonou Miss Sutherland?

Mal eu fizera a pergunta e antes que Holmes abrisse a boca para responder-me, ouvimos passos pesados no corredor e um leve bater na porta.

— É Windibank — anunciou Holmes. — Escreveu-me confirmando que estaria aqui às seis horas... Entre!

Era um homem forte, de estatura média, com cerca de trinta anos, sem barba, de olhos cinzentos penetrantes e modos suaves e insinuantes. Dirigiu-nos um olhar inquiridor, pousou a cartola luzidia sobre o móvel da sala e, com uma ligeira vênia, sentou-se na cadeira que lhe ficava mais próxima.

— Boa-noite, Mr. James Windibank — saudou Holmes. — Suponho que esta carta datilografada, em que confirma vir encontrar-se comigo, a esta hora, seja da sua autoria, não é?

— Exatamente. Lamento ter chegado ligeiramente atrasado, mas, como sabe, trabalho para outrem. Também lamento que Miss Sutherland o tenha vindo incomodar com este assunto insignificante, além do que prefiro que a “roupa suja” seja lavada em casa e não em público. Veio consultá-lo contra a minha vontade. Como deve ter reparado, Mr. Holmes, é uma jovem muito nervosa e impulsiva, não sendo fácil detê-la quando toma uma resolução. Certamente que não tenho tanto receio de uma indiscrição de sua parte, Mr. Holmes, como o teria, caso se tratasse da Polícia oficial, mas, de qualquer modo, é sempre desagradável que um assunto familiar se torne conhecido de toda gente... Para mais, sei que o caso da minha enteada implica uma despesa inútil, já que não será possível encontrar esse Mr. Hosmer Angel.

— Pelo contrário — redargüiu Holmes, calmamente,

— Tenho razões para crer que conseguirei descobri-lo.

Mr. Windibank sobressaltou-se e deixou cair as luvas. Recompondo-se, titubeou:

— Estou... Fico satisfeito em ouvi-lo dizer isso.

— É deveras curioso — observou Holmes —, o fato de uma máquina de escrever possuir quase tanta individualidade como a caligrafia humana. Desde que essas máquinas não sejam muito novas, não se encontram duas que escrevam exatamente da mesma maneira. Alguns dos seus tipos ficam mais gastos do que outros e alguns apresentam-se mais deteriorados de um lado do que de outro. Ora repare, Mr. Windibank, nesta letra de máquina, da carta que me enviou. O “e” apresenta uma pequena fenda, assim como a parte superior do “r” tem a curva defeituosa... E há mais catorze casos característicos de tipos “amassados” ou “partidos”. Mas bastam aquelas, por serem mais evidentes.

— É natural que os tipos dessa máquina se encontrem um tanto quanto gastos, pois, no nosso escritório, nós a utilizamos para fazer toda a nossa correspondência comercial.

— Perfeitamente, Mr. Windibank, agora vou mostrar-lhe um estudo extremamente interessante. Tenciono escrever uma breve monografia acerca das máquinas datilográficas e da sua relação com o crime, já que tenho dispensado bastante atenção a esse assunto.

Tenho aqui quatro cartas que se julgam da autoria de um indivíduo considerado desaparecido. Todas elas foram datilografadas e, em todas elas, não só a letra “e” se apresenta “partida”, como a letra “r” está “amassado”. E se, Mr. Windibank, se dignar a utilizar esta lente de aumento, verificará que também nelas se encaixam as restantes catorze particularidades a que já me referi.

Mr. Windibank deu um salto da cadeira e pegou o chapéu.

— Não posso perder tempo com essa conversa fantástica, Mr. Holmes. Se puder caçar o homem, queira informar-me.

— Certamente — disse Holmes, avançando e fechando a porta à chave. Não tem maneira, Mr. Windibank, de livrar-se da rede em que se envolveu. O seu erro foi demasiado claro, assim como o que cometeu ao declarar ser impossível resolver o problema. Agora, sente-se e vamos conversar.

O nosso visitante deixou-se cair numa cadeira, com o rosto lívido e molhado de suor.

— O caso... o caso não é punível pela lei — gaguejou.

— Lamento que não seja, judicialmente, Mr. Windibank, mas, entre nós, foi o expediente mais cruel, egoísta e desumano de que até hoje tive

conhecimento. Vou agora rememorar os acontecimentos e, se me enganar, queira interromper-me.

O homem encolheu-se na cadeira, com a cabeça inclinada sobre o peito, sentindo-se moralmente esmagado. Holmes recostou-se na poltrona, com os pés estendidos para a lareira, e começou a falar, mais para si próprio do que para os presentes.

— Um homem casa-se com uma mulher mais velha do que ele, apenas porque ela tem dinheiro, e também por poder usufruir dos rendimentos da enteada, enquanto ela vivesse com eles. Para a sua situação desatagada, a falta desse dinheiro constituiria uma quebra considerável. Portanto, valia a pena fazer um esforço para reter os rendimentos da moça. Esta era bastante jovem, de temperamento afável, afeiçoada à família e terna no tratamento que dispensava aos outros. Evidentemente, com essas virtudes pessoais e com os seus bens, não continuaria solteira por muito tempo.

O casamento dessa jovem representaria, para o padraсто, uma perda de mais de cem libras por ano, o que o induziu a impedi-la de casar. Resolveu retê-la em casa, proibindo-a de dar-se com pessoas da sua idade, mas compreendeu não poder prolongar essa situação por muito mais tempo.

A jovem começou a manifestar-se, insistindo nos seus próprios direitos e resolveu ir a um certo baile. Então, que fez o seu arguto padraсто? Concebeu um plano, elaborado no cérebro, mas não no coração. Com a conivência e cooperação da mulher, disfarçou-se, cobrindo os olhos com óculos escuros, pôs costeletas e bigode postiços, dissimulou a fala, transformando a voz num ciciar inseguro, embora insinuante, e tranqüilizado com a miopia da jovem, transformou-se num tal Hosmer Angel, capaz de cativá-la e assim afastar quaisquer outros pretendentes.

Num tom desculpado, Windibank justificou:

— No começo, foi apenas uma brincadeira... Nunca pensamos que ela tomasse o caso tão a sério...

— Talvez — admitiu Holmes, com um sorriso dubio —, mas a verdade é que ela foi miseravelmente ludibriada e, convencida de que o padraсто se encontrava na França, não se apercebeu da sua perfídia. Sentia-se lisonjeada pelas atenções do cavalheiro que a cortejava e, ainda mais, foi influenciada pela admiração entusiástica que a mãe manifestava por aquele pretendente.

Então, Mr. Angel, decidindo atingir uma posição crucial, começou a visitá-la, a encontrar-se com ela, a sós, até criar a situação de noivado, com um comprometimento jurado para que ela não viesse a enamorar-se de outro. Contudo, este logro não poderia manter-se por muito tempo, tanto mais que as pretensas viagens a França constituíam um inconveniente para a vida normal do casal. Restava, pois, conduzir a situação a um fim tão dramático que influísse permanentemente na mentalidade da jovem e, dessa maneira, frustrasse as atenções de qualquer outro pretendente... pelo menos por algum tempo.

Para tal fim, Mr. Angel serviu-se do juramento de fidelidade, prestado sobre a Bíblia, e formulou a hipótese de algo insólito acontecer no dia do casamento. A intenção de Mr. James Windibank era de que Miss Sutherland, sem saber o que sucedera a Mr. Hosmer Angel, mas sentindo-se moralmente comprometida a esperar por ele, permanecesse solteira, pelo menos durante mais uns dez anos, não aceitando, entretanto, a corte de mais qualquer homem.

Não podendo ir mais além do que a porta da igreja, esse Angel optou por desaparecer convenientemente, usando o velho expediente de entrar num *cab*, por uma porta, e sair, pela outra, depois de ter indicado a direção ao cocheiro. Não foi isso o que aconteceu, Mr. Windibank?

Enquanto Holmes falava, o nosso visitante foi recuperando a fala e ergueu-se da cadeira, com uma expressão sarcástica no rosto pálido.

— Pode ser que fosse... e pode ser que não... declarou —, mas, já que é tão perspicaz, Mr. Holmes, deve saber que nada fiz punível por lei e que é o senhor quem se encontra contra ela, enquanto aquela porta estiver fechada, sujeitando-se, desta maneira, a que eu o processe por detenção e coação ilegal.

— Como diz, a lei não pode puni-lo — replicou Holmes, abrindo a porta e escancarando-a mas, bem merecia ser condenado pela sua canalhice. Se Miss Sutherland tivesse um irmão ou um amigo, qualquer deles poderia dar-lhe umas justas chicotadas.

E vendo o sorriso de escárnio do patife, acrescentou, contendo a raiva:

— Com os diabos! O meu dever para com a minha cliente não me impõe que faça o que vou fazer... mas tenho aqui, mesmo à mão, um chicote de caça e vou regalar-me a...

Deu dois passos rápidos para o chicote, mas antes de bater nele, Mr. Windibank fugiu, fechando a porta com estrondo. Da janela, vimo-lo correr, a sete pés, pela rua fora.

Atirando-se novamente para a poltrona, Holmes comentou, rindo:

— Eis um biltre de sangue-frio! Esse sujeito irá, de crime em crime, até cometer um, suficientemente grave, que o leve à forca. De certo modo, este caso não teve grande interesse.

— Pois, apesar de tudo — confessei —, não consegui acompanhar todos os passos que deu nesta investigação.

— Desde o início, tornou-se evidente que o tal Hosmer Angel tinha um forte objetivo para uma tão estranha conduta; por outro lado, tudo indicava que o único homem que viria a lucrar com o prolongado celibato da jovem seria o padrasto Windibank.

Era identicamente sugestivo o fato de os dois homens nunca se encontrarem, em tempo e lugar, só aparecendo Angel, quando Windibank se encontrava longe, também o era o conjunto de artifícios, como as óculos escuros, o bigode e as costeletas, que podiam ser postigos, e a voz estranha que podia ser simulada.

As minhas suspeitas confirmaram-se perante o estranho expediente de Angel datilografar a assinatura, em vez de manuscrevê-la, como é norma elementar, só se justificando no caso implicativo de ele recear que Miss Sutherland identificasse sua letra como sendo a do próprio padrasto. Todos estes fatos isolados, logo que reunidos entre si e a outros pormenores, apontavam na mesma direção.

— Mas... como obtive a confirmação dessas suspeitas?

— Tendo descoberto o autor da fraude, era fácil comprovar os meios de que se servira para executá-la. Sabendo qual era a firma em que trabalhava e conhecendo, pelo anúncio, os sinais de Angel, eliminei as artifícios que poderiam servir de disfarce... costeletas, bigode, óculos e fala... e escrevi à “Westhouse & Marbank”, pedindo que me informassem se qualquer dos seus viajantes correspondia à nova descrição do indivíduo. Também escrevi a Windibank, para o local onde trabalhava, convidando-o a vir aqui em casa. Eu já observara as deficiências de alguns tipos da máquina em que as cartas para Miss Sutherland tinham sido datilografadas. Como esperava, a carta de Windibank, também escrita à

máquina, apresentava as mesmas características de tipos imperfeitos. Pelo mesmo correio, recebi a resposta dessa firma da Fenchurch Street, informando que a descrição correspondia a um dos seus empregados. Mr. James Windibank. *Voilà tout!* ⁽⁴⁾

— E quanto a Miss Sutherland?

— Mesmo que lhe contasse a realidade, não me acreditaria. Talvez você se lembre daquele provérbio persa: “E tão perigoso roubar a cria do tigre, como tirar as ilusões de uma mulher.” Há tanto bom senso nos textos de Hafiz, como nos de Horácio, e este mundo tem muita sabedoria...



⁽⁴⁾ *Em francês, no original: aí está tudo. (N. do T.)*

Num dia de outono do ano passado, fui visitar o meu amigo Sherlock Holmes e o encontrei conversando, com ar grave, com um sujeito de meia-idade, corpulento, corado e de cabelo ruivo, de um vermelho vivo.

La retirar-me, após me desculpar pela minha intrusão, quando Holmes me puxou firmemente para dentro da sala e fechou a porta.

— Meu caro Watson — declarou cordialmente, não poderia ter vindo em melhor hora.

— Reccei que estivesse ocupado...

— Sim... e muito.

— Posso esperá-lo, em outra sala... — sugeri.

— De maneira alguma!

E virando-se para o visitante, elucidou:

— Este cavalheiro é o doutor John Watson, que tem sido meu colaborador em muitas das minhas mais bem-sucedidas investigações, e não duvido, Mr. Wilson, que também venha a ser útil no seu caso.

O homem obeso levantou-se e cumprimentou-me com uma expressão interrogativa nos olhinhos porcinos, meio cerrados pela gordura.

— Sente-se no sofá, Watson — convidou Holmes, recostando-se novamente na sua poltrona e juntando as pontas dos dedos, como era seu costume, quando pensava num problema. — Eu sei que, tal como eu, você gosta de tudo quanto é insólito e se afasta da rotina convencional da vida quotidiana. Tem demonstrado esse seu gosto no entusiasmo com que escreve e... perdoe-me mencionar o fato... até no certo grau de embelezamento que incute às minhas aventuras.

— Os seus casos têm merecido o meu maior interesse — afirmei.

— Lembra-se, no outro dia, quando começamos a estudar o problema apresentado por Miss Mary Sutherland, de eu ter referido que, devido a estranhas combinações de circunstâncias, devíamos convencer-nos de que a vida real ainda é mais assombrosa do que a ficção?

— Lembro-me, sim, tendo-me até permitido duvidar desse teatro.

— Perfeitamente, doutor, mas acabará por aceitá-la, como provada, se eu insistir em entediá-lo com uma grande quantidade de fatos, até sentir-se desorientado e constrangido a admitir que tenho razão.

Mr. Jabez Wilson, fez o favor de vir hoje me apresentar um caso que promete ser um dos mais singulares da minha carreira. Você tem me ouvido repetir que as mais invulgares ocorrências estão, geralmente, relacionadas, não com os grandes crimes, mas com os de menor vulto e que, ocasionalmente, se chega a duvidar de que tenha havido crime.

No presente caso, pelo que ouvi até agora, é impossível decidir que tenha havido perpetração de crime. Contudo, o curso dos acontecimentos me induz a acreditar que se trata de um dos mais curiosos casos que, até hoje, me foram relatados.

Talvez Mr. Wilson queira ter a bondade de recomençar a sua narrativa. Não faço este pedido apenas pelo meu amigo doutor Watson ainda não o ter ouvido, mas porque a natureza peculiar do assunto incita-me a não perder um mínimo pormenor... Geralmente, quando ouço as premissas preliminares de um caso, procuro enquadrá-las na experiência que adquiri no estudo de milhares de outros casos similares que vou lembrando. Desta vez, porém, tenho de admitir que os fatos são únicos, no gênero.

O corpulento cliente inchou o peito, com visível orgulho, e extraiu do bolso do casaco um jornal amarrotado. Enquanto o estendia sobre o joelho, olhando para a coluna central, examinei o homem e, seguindo o método do meu amigo, esforcei-me por interpretar as indicações que o seu vestuário e aparência geral pudessem fornecer-me... mas pouco lucrei com essa inspeção.

O nosso visitante apenas reunia as características comuns de um comerciante britânico, gordo, pomposo e de gestos lentos. Usava calças cinzentas, largas, de tecido axadrezado, como as de alguns pastores rurais. O sobretudo, não muito limpo, estava meio desabotoado e, dos bolsos do colete escuro, pendia uma pesada corrente de ouro, decorada com uma medalha. A seu lado, numa cadeira, jazia uma cartola bastante gasta, sobre um sobretudo castanho de gola de veludo enrugada.

Pelo que observei no seu conjunto, a única característica menos vulgar do visitante era a sua cabeça flamejante. A sua expressão denunciava estar preocupado, com extrema mortificação.

Sherlock Holmes surpreendeu-me nesta perscrutação, abanou a cabeça e sorriu, ao ver-me olhá-lo interrogativamente.

— É evidente, Watson — observou —, que Mr. Jabez Wilson já foi operário, costuma cheirar rapé, pertence a uma loja maçônica secreta, esteve na China e, ultimamente, tem se dedicado a escrever muito. Eis tudo quanto deduzi.

Sobressaltando-se, ainda com o dedo apontado sobre a coluna do jornal, Mr. Wilson mostrou-se espantado.

— Como conseguiu descobrir tudo isso, Mr. Holmes?... Como adivinhou que fui operário?... É realmente verdade que fui carpinteiro de bordo, num navio mercante.

— Pelas suas mãos, meu caro senhor. A sua mão direita é visivelmente mais volumosa do que a esquerda. Usou-a muito, em trabalhos manuais, e ficou com os músculos mais desenvolvidos.

— Compreendo... mas isso do rapé... e da Maçonaria?

— Não quero perturbá-lo ou ofendê-lo, dizendo como notei isso, mas o senhor, contra as regras da sua Ordem, usa um esquadro e um compasso no alfinete de gravata... e esta apresenta ligeiros salpicos castanhos, resultantes de, ao espirrar o pó do tabaco, este saltar, freqüentemente, para fora do lenço.

— É verdade, sim... mas, quanto a escrever muito?

— Deduzi isso ao notar que cerca de quinze centímetros da base do punho da sua manga direita estão lustrosos e gastos e também que a sua manga esquerda se encontra puída, junto do cotovelo, por apoiá-la na mesa.

— Efetivamente... e quanto à China?

— O peixe que tem tatuado, logo acima do pulso direito, só podia ter sido gravado na China. Tenho feito alguns estudos acerca da tatuagem e até contribui com alguns artigos sobre o assunto. Essa coloração rosa que aviva as escamas do peixe é peculiar da China. Além disso, usa uma moeda chinesa pendurada na corrente do relógio, o que confirma a anterior dedução.

Jabez Wilson começou a rir, gargalhando.

— Nunca vi coisa assim! Pensei que o senhor tivesse procedido a uma adivinhação extraordinária, mas, afinal, foi tudo muito simples!

Virando-se para mim, mais enfadado que irritado. Holmes comentou:

— Creio, Watson, que cometi um erro, ao explicar o meu raciocínio. Você bem conhece o provérbio: “*Omne ignotum pro magnifico*” ⁽¹⁾. A minha pobre reputação ainda acaba por naufragar, se eu continuar a ser tão ingênuo... Encontrou esse anúncio, Mr. Wilson?

Com o dedo gordo e vermelho, sobre a coluna, o visitante indicou:

— Está aqui. Foi isto a origem de tudo. Se quiser ver...

Peguei o jornal e li:

“A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS

Devido ao recente falecimento de M. Ezequias Hopkins, de Líbano, Pensilvânia, EUA, verificou-se uma vaga que dá direito a outro membro da Liga passar a receber o salário de 4 libras semanais, por serviços puramente nominais. Todos os homens com cabelo vermelho, com mais de 21 anos, em perfeitas condições física e mental, poderão ser elegíveis. O presente assunto trata-se pessoalmente, às 11 horas de segunda-feira, com Mr. Duncan Ross, nos escritórios da Liga, no nº 7 da Fleet Street. Pope’s Court.”

— Que vem a ser isto? — indaguei, depois de ter lido duas vezes o esquisito anúncio.

Holmes riu e agitou-se na poltrona, como era seu costume, quando estava entusiasmado.

— É fora de vulgar, não é verdade? E agora, Mr. Wilson, não sinta constrangimento em abrir-se, em relação a sua vida, a sua família e aos seus bens, referindo em que medidas esse anúncio o afetou... Tenha a bondade, doutor Watson, de anotar o nome e a data desse jornal.

— É o *Morning Chronicle* de 7 de agosto, de 1890, faz agora dois meses — elucidei.

— Muito bem. E que mais, Mr. Wilson?

Enxugando o suor da testa, Jabez Wilson prosseguiu:

— Tal como acabei de contar-lhe, Mr. Holmes, tenho uma pequena loja de penhores na Saxe-Coburg Square, perto da City. Ultimamente,

⁽¹⁾ “Tudo o que é desconhecido tende para o maravilhoso”. (N. do T.)

mal tem dado para sustentar-me. Antigamente, ainda podia pagar dois empregados, mas, agora, só tenho um e nem sequer poderia mantê-lo, se não fosse ele aceitar metade do pagamento normal, visto a outra metade representar a sua aprendizagem no negócio em que está começando.

— Parece um jovem muito compreensivo. Como ele se chama?

— Vincent Spaulding e já não é muito jovem, embora seja difícil calcular sua idade. Mas é um aprendiz muito ativo e, quando melhorar seus conhecimentos, poderá ganhar, em qualquer outro lugar, o dobro do que posso pagar-lhe... mas, como se mostra satisfeito, por que eu iria lhe dar essa idéia?

— Evidentemente, o senhor parece ter tido sorte em arranjar um empregado que, nestes tempos, se satisfaz com metade do pagamento normal. Não será esse seu estagiário tão invulgar como o anúncio?

— Bem, não se trata de um empregado treinado e também perde tempo com a sua inclinação para a fotografia. É um ótimo fotógrafo e, em vez de se aplicar no estudo da contabilidade do negócio, mal acaba o seu horário de serviço, desce logo para a cave da antiga adega, que transformou em câmara escura, para revelar os seus negativos. É o seu único defeito, pois não conheço quaisquer vícios. É realmente ativo nas horas de trabalho, mas, mal acaba o serviço, corre a enfiar-se na adega, como um coelho na toca.

— Suponho que ainda o mantém no serviço, não?

— Sim, Mr. Holmes. Mantenho ele e sua garota de 13 anos, que sabe o trivial de cozinha e faz a limpeza da loja e da casa. Como sou viúvo, estamos a sós, nós três, vou me arranjando para pagar o aluguel, sem contrair dívidas.

— Como teve conhecimento do anúncio? — indagou Holmes.

— Precisamente há dois meses, Spaulding entrou no escritório com este jornal e comentou:

— Bem desejava, Mr. Wilson, que Deus me tivesse feito nascer com cabelo ruivo, como o seu.

— Por quê? — admirei-me.

— Porque diz aqui ter dado outra vaga na Liga dos “Cabeças Vermelhas” e parece que não se encontram muitos homens que reúnam

condições para ocupá-la... e receber o dinheiro. Se o meu cabelo fizesse o favor de mudar de cor, não hesitaria em entrar neste negócio.

Naturalmente, interessei-me. Deve compreender, Mr. Holmes, sou um homem caseiro e como, neste negócio de prestador de serviços, é o cliente que vem a mim e não eu que ando à procura dele, passo semanas sem sair de casa. Não costumo comprar jornais, mas interessei-me por ouvir as notícias. Então, Spaulding perguntou, admirado:

— O patrão ainda não ouviu falar da Liga dos “Cabeças Vermelhas”?

— Nunca — confessei.

— É de admirar! Pois fique sabendo que o senhor reúne as raras condições para ser eleito para uma das vagas.

—E isso dá realmente dinheiro?

— Dá umas 200 libras por ano e o trabalho não aperta, exige escassas horas que uma pessoa pode tirar a qualquer outra ocupação profissional.

Como deve calcular, Mr. Holmes, a perspectiva me despertou interesse, tanto mais que o meu negócio que, de uns anos para cá, não tem andado muito bem. Essas duzentas libras extras serão bem-vindas.

— Conte-me tudo a respeito do anúncio — pedi.

Jabez Wilson continuou:

— Mostrando-me novamente o jornal, Spaulding esclareceu:

— Como vê, patrão, menciona-se aqui a existência de uma vaga na Liga e o local onde obter informações complementares. Tudo que sei é que a Liga foi fundada por um milionário americano, Ezequias Hopkins, que tinha idéias deveras originais. Possuía cabelo vermelho e sentia grande simpatia por aqueles que o tinham da mesma cor. Quando morreu, deixou a sua enorme fortuna a um núcleo de fiéis-depositários, com a incumbência expressa de empregarem os rendimentos da herança na criação de empregos destinados a homens ruivos, de cabelo bem vermelho, como o dele... empregos de pouco trabalho e bem remunerado.

Então, objetei que deveria aparecer por lá uma multidão de ruivos para habilitar-se à vaga de emprego, mas Spaulding animou-se:

— Nem tantos como pensa, Mr. Wilson, visto que, neste caso, só podem concorrer habitantes de Londres, já adultos. O milionário americano era londrino de origem e pretendeu beneficiar os ruivos da

sua cidade natal. Além disso, ouvi dizer que aos candidatos não lhes bastará serem ruivos, mas sim, terem o cabelo de um vermelho vivo, como o seu... brilhante como fogo. Se o patrão pretendesse o lugar, estou quase certo de que o conseguiria” a menos que considere não lhe valer a pena incomodar-se por 200 libras anuais.

Como podem ver, a cor do meu cabelo é realmente de um vermelho exuberante e pouco comum. Em caso de concorrência, talvez eu tivesse tanta possibilidade de ser aceite, como qualquer outro... ou até mais. Como Vincent Spaulding estava tão a par do assunto, pensei que pudesse me ser útil e, nesse dia, mandei-o fechar a loja, para que me acompanhasse... e ele ficou encantado com o inesperado feriado.

Pois bem, Mr. Holmes, espera não tornar a ver-me envolvido numa tal confusão. Como o texto do anúncio não se referia exclusivamente a londrinos, apareceu gente do norte, leste, oeste e sul de todo o país. Mal se podia passar na Fleet Street e Pope’s Court, parecia uma carroça cheia de laranjas. Nunca imaginara que existissem tantos ruivos na Inglaterra. Havia de todos os matizes, desde a cor de feno avermelhado, à cor de cenoura, à cor de laranja, de tijolo, de bñlis, de barro... Quando vi tanta gente à espera, pensei em desistir, mas Spaulding observou que a grande maioria não possuía cabelo vermelho vivo. Não sei como o conseguiu, mas segurando-me por um braço, abriu caminho por entre a multidão, puxando uns para trás, empurrando outros para o lado, acotovelando os dianteiros, para abrir passagem e, atravessando pelo meio daquela gente, fez-me subir a escada de acesso ao escritório.

Enquanto o cliente fez uma pausa para estimular a memória com uma pitada de rapé, Holmes comentou, sorrindo:

— Deve ter sido uma experiência divertida. Tenha a bondade de continuar o seu relato.

— Nada havia de especial no escritório, a não ser duas cadeiras e uma mesa de pinho, atrás da qual se via um homem com uma farta cabeleira, ainda mais vermelha do que a minha. Estavam vários candidatos à minha frente e a cada um, o homem, com poucas palavras, apontava-lhe alguns defeitos que o desclassificava. Parecia não ser fácil obter o lugar e, quando chegou a minha vez, logo que me olhou, tratou-me melhor do que aos que me haviam precedido. Levantou-se e foi fechar a porta, para poder conversamos em particular.

Spaulding me foi bastante útil, pois, vendo-me intimado, apressou-se em me apresentar:

— Este é Mr. Jabez Wilson e pretende preencher uma das vagas existentes na Liga.

— Parece perfeitamente adequado ao lugar — considerou o outro. — Não tinha visto até hoje cabelo tão vermelho.

Inclinou a cabeça de lado, para melhor me observar e acrescentou, avançando e apertando minha mão:

— Parabéns pelo seu êxito. Seria uma injustiça hesitar... Contudo, vai, com certeza, desculpar-me esta precaução prévia...

Ao dizê-lo, agarrou-me nos cabelos com ambas as mãos e puxou-os com tanta força que até gritei de dor.

— Noto que tem lágrimas nos olhos — observou, largando-me. — Vejo que não se trata de uma cabeleira bem colada. No seu caso, está tudo em ordem, mas temos sempre de tomar precauções, visto que já nos deparamos com peruca e cabelos pintados. Poderia contar-lhe casos de fraude que, decerto, repugnariam sua natureza humana.

Então, dirigiu-se à janela e gritou para a rua que a vaga já estava preenchida. Veio de fora um protesto de desapontamento e todas os candidatos se dispersaram em várias direções, deixando Pope's Court vazio. Restaram, ali, só duas cabeças verdadeiramente vermelhas: a do contratador e a minha. Então, aquele se apresentou:

— Chamo-me Duncan Ross e sou também um dos contemplados com a pensão deixada pelo nosso falecido benfeitor, Mr. Hopkins.

Após uma breve pausa, sondou:

— É casado, Mr. Wilson? Tem filhos?

Disse-lhe que não e a sua expressão alterou-se. Isso é realmente grave — resmungou —, e lamento só agora ter me lembrado de perguntar. Mas fiquei tão entusiasmado ao ver o seu cabelo!... Devo informá-lo de que o objetivo desta pensão da Liga é a propagação dos cabelos vermelhos, tanto quanto possível. É uma infelicidade o senhor ser solteiro.

Naturalmente, Mr. Holmes, fiquei desanimado. De nada me serviria dizer que era viúvo, já que não reunia as condições para preencher a vaga. Contudo, Mr. Ross, após ter pensado um bom tempo na minha situação, pareceu menos contrariado e admitiu:

— Talvez não tenha grande importância. Ainda está em boa idade de casar... No caso de outro ruivo qualquer, o não ser casado seria fatalmente excludente, mas temos de tomar em devida consideração o fato de a sua cabeça ter um cabelo assim tão vermelho. Quando pensa que poderá começar com estas suas novas funções?

— Como já tenho um negócio, não será muito fácil... — comecei a explicar. Mas logo Spaulding interveio em meu auxílio:

— Não se preocupe com isso, Mr. Wilson, pois eu posso substituí-lo, na loja, durante a sua breve ausência.

Então, perguntei qual seria o meu horário e Mr. Ross indicou:

— Das dez da manhã às duas da tarde. “Acontece, Mr. Holmes, que, atualmente, os negócios nas casas de penhores são mais freqüentes para o fim da tarde, especialmente às quintas e sextas-feiras, imediatamente antes de os clientes receberem os seus pagamentos semanais. Por isso, aquele novo emprego me permitiria ganhar mais algum dinheiro, de manhã e na hora de almoço, sem prejuízo das operações da loja, tanto mais que o meu empregado é um homem correto e praticamente capaz de resolver qualquer problema corrente. Portanto, concordei em aceitar o lugar e perguntei qual seria a forma de pagamento.

— O pagamento é de quatro libras semanais — precisou Mr. Ross.

— E qual a natureza do trabalho?

— É puramente nominal.

— Que quer dizer com puramente nominal? — estranhei.

— Quero dizer que o senhor deverá permanecer no escritório, ou, pelo menos, neste edifício, durante essas quatro horas de trabalho. Se, por qualquer motivo se ausentar durante este período perderá todas as suas regalias. O testamento de Mr. Hopkins é muito claro quanto a esta condição de cumprimento do horário.

Pensei que, tratando-se apenas de quatro horas, eu não teria necessidade de me afastar daquele local de trabalho, a não ser por uma razão de força maior, mas Mr. Duncan Ross ainda sublinhou:

— Nenhuma desculpa será aceita como pertinente, quer se trate de um negócio urgente, ou mesmo por motivo de doença. Ou respeita integralmente o horário, ou perderá o lugar.

— E qual a natureza do trabalho? — indaguei.

— Terá de copiar a *British Encyclopaedia*. O primeiro volume encontra-se dentro daquele armário. Terá de trazer um tinteiro, pena, mata-borrão e papel. Nós apenas fornecemos esta mesa e esta cadeira. Poderá começar amanhã?

— Certamente — respondi.

— Então, adeus, Mr. Jabez Wilson, e uma vez mais, parabéns pelo seu novo cargo.

Acompanhou-me até a porta do escritório e fui para casa com o meu empregado, radiante com a minha sorte.

Passei o dia inteiro pensando e, à noite, comecei a desmoronar, ao pensar que aquela história podia ser uma mistificação, já que parecia incrível que alguém pudesse pagar tal salário apenas para copiar a Enciclopédia. Vincent Spaulding tentou me animar, mas eu só pude sossegar na manhã seguinte... Quando esta chegou, resolvi averiguar se não teria sido vítima de uma farsa organizada por um excêntrico; comprei um frasco de tinta, uma pena de ganso e sete folhas de papel, e dirigi-me a Pope's Court.

Alegrei-me ao verificar que Mr. Duncan Ross me esperava e ali permaneceu, até eu me sentar à mesa para iniciar o meu trabalho, pela letra A. Ao retirar-se, informou que passaria por ali, de vez em quando, para ver se tudo corria normalmente. Assim fez, e, às duas horas, veio informar-se de quanto eu progredira na cópia; saímos, despediu-se e fechou a porta do escritório.

O mesmo sucedeu, dia após dia, até que, no sábado, o chefe veio pagar-me as quatro libras que eu ganhara durante a semana... e durante as semanas seguintes, tudo correu da mesma forma, chegando eu sempre às dez e saindo às duas. Gradualmente, Mr. Ross começou a rarear as suas vindas, durante o meu período de trabalho, até que, talvez por já confiar em mim, deixou de me vigiar. Contudo, receando que ele pudesse aparecer a qualquer hora, nunca ousei sair do escritório, pois o emprego era bom e não me convinha perdê-lo.

Assim decorreram quatro semanas. Eu já tinha copiado quase todos os textos referentes à letra A, alguns curtos, outros mais extensos, como *Abade*, *Aagesen*, *Alborg*, *Aarão*, e assim por diante, até *Ática*, e esperava, dentro em pouco, passar à letra B.

Gastei uma boa porção de papel e quase um terço da prateleira já estava cheia com as minhas cópias, quando, de um momento para outro, o emprego desapareceu...

— Desapareceu?... Mas como?

— Desta maneira: hoje de manhã, como de costume, fui para o trabalho, mas dei com a porta fechada à chave, com um cartão afixado com uma tacha. Aqui o tem.

Exibiu um pedaço de cartão fino, em que se lia:

“A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS FOI DISSOLVIDA
9 de outubro de 1890”

Diante do olhar desiludido do homem, Sherlock Holmes e eu examinamos este lacônico aviso. Fiz um comentário qualquer ao aspecto cômico do caso e ambos começamos a rir, mas o nosso cliente, corando, protestou:

— Não vejo onde está a graça. Se não podem fazer melhor do que rir, terei de procurar outra pessoa...

— De maneira alguma — opôs-se Holmes, fazendo Wilson reocupar a cadeira de que já tinha levantado.

— Por nada deste mundo desejaria perder o seu caso. É deveras original e o senhor há de convir que ele apresenta uma certa faceta cômica. Conte-me agora que mais fez.

— Fiquei naturalmente atônito e acabei dirigindo-me aos escritórios vizinhos para perguntar se sabiam alguma coisa do assunto, mas em nenhum deles puderam me dar a mínima informação. Então, fui falar com o síndico do prédio, que é funcionário público e fica no piso térreo, mas este me afiançou que nunca ouvira falar da Liga dos Cabeças Vermelhas e, quando lhe perguntei quem era Mr. Duncan Ross, respondeu-me nunca ter ouvido falar nesse nome.

— É o inquilino da sala 4 — elucidei.

— Ah, sim. O sujeito ruivo... com um cabelo vermelho, como o seu?

— Exatamente. Que sabe dele?

— Segundo declarou, chama-se William Morris. É procurador e, até os seus escritórios estarem prontos, alugou, temporariamente, aquela sala... Mas mudou-se ontem para as suas novas instalações.

— Sabe onde poderei encontrá-lo?

— Tenho aqui o endereço. Fica na King Edward Street, nº 17, perto da Catedral de São Paulo.

Fui até lá, Mr. Holmes, mas deparei com uma fábrica de joelheiras de couro, onde ninguém conhecia qualquer William Morris, ou Duncan Ross.

— E então o que fez, Mr. Wilson?

— Voltei para casa, no Saxe-Coburg Square, e falei do assunto ao meu empregado, mas este, coitado, não pôde me ajudar, aconselhando-me, contudo, a esperar uma comunicação pelo correio. Evidentemente, não me satisfiz com essa solução e, tendo ouvido dizer, Mr. Holmes, que o senhor já tem prestado o seu auxílio a pessoas pobres, vim expor o meu assunto.

— E agiu bem, Mr. Wilson. O seu caso é extraordinário e terei muito gosto em investigá-lo, tanto mais que, segundo penso, é mais grave do que possa parecer à primeira vista.

— É claro que é grave, pois perdi quatro libras por semana.

— Quanto a esse ponto, não me parece que tenha do que se queixar, pois ganhou trinta e duas libras em quatro semanas, e ainda se beneficiou da vantagem de aumentar os seus conhecimentos, com a cópia dos verbetes A da Enciclopédia. Portanto, não ficou prejudicado.

— Não, realmente, mas desejo descobrir por que me pregaram essa peça... embora me tivessem pago as trinta e duas libras.

— Vamos esforçar-nos para esclarecer o caso e, diga-me uma coisa, Mr. Wilson: quando o seu empregado lhe chamou a atenção para o anúncio, há quanto tempo se encontrava ele a seu serviço?

— Cerca de um mês.

— Como lhe apareceu na loja?

— Em resposta a um anúncio.

— Foi o único candidato?

— Não. Ainda atendi meia dúzia.

— Por que o escolheu?

— Porque tinha boa aparência e se contentava com metade do salário normal.

— Que aparência ele tem?

— É baixo, gordo, lento de movimentos, não usa barba, embora já deva andar pelos trinta anos, e possui uma espécie de cicatriz branca, na testa, como se tivesse sido queimado com ácido... além disso, tem as orelhas furadas.

Holmes endireitou-se na cadeira, ansioso e inquiriu:

— Como para usar brincos?

— Exatamente. Contou-me que uma cigana lhe fizera aquilo quando era garoto.

— Hum, hum! E ele tem se mantido com você até agora? — perguntou Holmes, tornando a recostar-se na poltrona.

— Sim. Deixei-o agora mesmo.

— E enquanto esteve ausente, trabalhando na Liga, o seu negócio correu bem?

— Normalmente. Nunca há muito que fazer, na parte da manhã.

— Está bem, Mr. Wilson. Dentro de um ou dois dias já poderei dar-lhe alguma informação sobre o curso da investigação. Hoje é sábado. Portanto, na segunda-feira já terei chegado a uma conclusão.

Depois de o nosso cliente ter saído, Holmes virou-se para mim e sondou:

— Então, Watson, que pensa você deste assunto?

— Não sei o que pensar. É um caso misterioso.

— Geralmente, por estranho que pareça, os casos mais misteriosos são também os mais fáceis de solucionar, ao contrário dos crimes comuns que se tornam difíceis de decifrar, tal como um rosto vulgar custa mais a identificar.

Agora, terei de me apressar com a investigação.

— Que vai fazer? — interessei-me, depreendendo uma urgência de ação.

— Fumar — respondeu Holmes, paulatinamente. É um problema que não me levará menos de três cachimbadas, antes de encontrar a solução.

Enrolou-se na poltrona, com os joelhos quase tocando o nariz de gavião, fechou os olhos e enfiou o cachimbo de barro entre dentes, parecendo uma ave exótica com uma haste no bico.

Convenci-me de que o meu amigo adormecera e eu próprio cochilei, mas, subitamente, vi-o erguer-se da poltrona, gesticulando, como alguém pronto a agir. Largou o cachimbo sobre a lareira e anunciou:

— Há hoje uma audição no St. James Hall. Que me diz de irmos ouvi-la? Os seus doentes, Watson, poderão dispensá-lo, por algumas horas?

— A minha clientela nunca me absorve muito tempo e, hoje, pouco tenho que fazer.

— Então, ponha o seu chapéu e vamos. Passaremos primeiro pela City e lancharemos no caminho. O programa apresenta trechos de música alemã que aprecio mais do que a italiana e a francesa. É mais introspectiva e estou necessitado de introspecção. Vamos!

Nós seguimos de metrô até Aldersgate e, em breve, desembarcamos no Saxe-Coburg Square, lugar onde tiveram início os fatos singulares que nos foram relatados nessa manhã.

O largo era pequeno e malcuidado, com os quatro lados formados por fileiras de casas de tijolo, tendo, ao centro, um terreno cercado por grades, onde um conjunto de arbustos se esforçava por sobreviver num ambiente de fumo e imundície.

Numa casa de esquina, viam-se três bolas douradas e uma tabuleta castanha onde se lia, em letras brancas: “*Jabez Wilson*”. Era, pois, ali, que o nosso cliente tinha o seu negócio.

Sherlock Holmes postou-se diante da casa, com a cabeça de lado e os olhos brilhando por entre as pálpebras semicerradas. Vagarosamente, percorreu a calçada, até a esquina, examinando as casas. Finalmente, voltou à loja de penhores e, depois de bater os pés, com força, no cimento da rua, em três locais diferentes, dirigiu-se à casa e bateu na porta.

Um jovem de cara rapada e olhar vivo veio abrir e convidou-nos para entrar.

— Obrigado — recusou Holmes —, mas desejava apenas perguntar como se vai, daqui, para o Strand.

— Vire na terceira esquina, à direita, e em seguida, na quarta, à esquerda — apontou o empregado, logo fechando a porta.

— É um rapaz esperto — comentou Holmes, ao nos afastarmos — Deve ser a quarta pessoa mais astuta de Londres e, pela sua ousadia, talvez mereça classificar-se em terceiro lugar. Já sei alguma coisa a seu respeito.

— Evidentemente! É o empregado de Mr. Wilson e está envolvido no mistério da Liga dos Cabeças Vermelhas. Percebi logo que você foi ali pedir aquela informação, para poder vê-lo.

— Não a ele.

— Então, o quê?

— Os joelhos das calças que trazia.

— E para que bateu com os pés, na rua?

— Meu caro doutor, esta hora destina-se a observação e não a dissertação. Estamos aqui como espíões, em terreno inimigo. Já conhecemos o Saxe-Coburg Square, mas falta-nos explorar as ruas de trás.

Aquela em que entramos, depois de dobrarmos a esquina, contrastava totalmente com a anterior, pois era uma das principais artérias por onde circulava o trânsito para norte e oeste da cidade.

A rua estava cheia de veículos comerciais, numa imensa fila dupla, em ambos os sentidos, e as calçadas cheias por uma multidão de pedestres. Custava crer que aqueles majestosos edifícios e lojas tivessem, por trás o feio largo que acabáramos de deixar.

Parando na esquina e contemplando a fileira de prédios, Holmes observou:

— Gostaria de fixar a ordem destas casas. Conhecer exatamente as ruas de Londres é um passatempo que muito aprecio. Aquela, ali, é a tabacaria de Mortimer, depois, a banca de jornais, o “Vegetarian Restaurant”, o “McFarlane”... até o outro quarteirão. E agora, doutor, já que terminamos a nossa exploração, vamos divertir-nos um pouco. Após uma xícara de café e um sanduíche, partamos para o país dos violinos, onde tudo é doçura, delicadeza e harmonia e onde não há clientes ruivos nos incomodando com as suas histórias.

O meu amigo era um apaixonado pela música e não só tocava violino e outros instrumentos, mas também tinha mérito de compositor, acima do comum. Permaneceu sentado, toda a tarde, empolgado numa alegria íntima. De vez em quando, agitava levemente os dedos, ao compasso da música, com olhos lânguidos, numa expressão de êxtase sorridente que não parecia a de um Holmes caçador impiedoso dos agentes do crime. A natureza dupla do seu temperamento alternava-se, transportando-o de um estado de langor para o de uma energia violenta que eu sabia tornar-se ainda mais temível, após alguns dias em que, ininterruptamente, se afundava na sua poltrona, a meditar e a estudar informações relativas às suas pesquisas.

Nesses momentos, as suas faculdades combativas sucediam-se, subitamente, ao estado de incubação do seu alto nível de intuição e aqueles que não estavam familiarizados com os seus métodos espantavam-se com o volume sobre-humano dos seus conhecimentos.

Quando, naquela tarde, o vi tão absorvido pela música, no St. James Hall, pressenti que aqueles que ele resolvera caçar se encontravam numa irremediável situação de perigo.

Ao sairmos do “Hall”, sondou:

— Quer, certamente, voltar para casa, não, doutor?

— Sim... seria conveniente.

— Eu tenho de gastar algumas horas analisando este caso de Saxe-Coburg Square que é realmente grave.

— Grave?... Por quê?

— Está sendo planejado um crime de grande vulto e creio estarmos ainda a tempo de impedi-lo. Como hoje é sábado, deparo com um certo impedimento para entrar em ação. Contudo, esta noite, gostaria que me auxiliasse.

— A que horas?

— Seria conveniente que aparecesse às dez.

— Então, estarei na Baker Street, a essa hora.

— Perfeito. E escute, doutor: como pode surgir uma situação de perigo, é melhor trazer, no bolso, o seu revólver do exército.

Acenou com a mão, rodou nos calcanhares e desapareceu rapidamente por entre a multidão.

Julgo não ser menos inteligente do que a maioria dos homens, mas fiquei oprimido ao ter consciência da minha insuficiência, em comparação com Sherlock Holmes. Tinha ouvido e visto o mesmo que o meu amigo, mas era evidente que ele não só sabia o que sucedera, mas também o que iria acontecer, enquanto, para mim, tudo parecia nebuloso.

Ao me dirigir para casa, na Kensington Road, pensei no caso, desde a história do copiador da enciclopédia, até a nossa visita ao Saxe-Coburg Square e às palavras alarmantes com que Holmes se despedira. De que expedição noturna se trataria e por que seria necessário eu ir armado? Aonde iríamos e que espécie de ação se nos impunha?

Pela atitude do meu amigo, deparei que o insinuante empregado da loja de penhores era um indivíduo temível. Desanimado, deixei de pensar no caso, até que a noite me trouxesse a explicação.

Eram 9:15 h quando saí de casa e, através do parque e da Oxford Street, cheguei à Baker Street. Deparei com dois *cabs* ⁽²⁾ estacionados à porta e, ao entrar no corredor, ouvi vozes no piso superior. Ao entrar na

⁽²⁾ Ver nota na página 92.

sala, encontrei Holmes conversando com dois sujeitos, um dos quais reconheci ser Peter Jones, inspetor da Scotland Yard, o outro era um cavalheiro magro, de rosto comprido, com uma cartola luzidia e envergando uma respeitável sobrecasaca.

Abotoando o casaco e pegando no seu chicote de caça, de cabo grosso, que estava pendurado no chapeleiro, Holmes exultou:

— Já temos o nosso grupo completo... Creio que você, Watson, já conhece Mr. Jones, da Scotland Yard. Permita-me que lhe apresente Mr. Merryweather que nos acompanhará na incursão desta noite.

— Como vê, doutor — disse Jones —, vamos novamente à caça, lado a lado. Não há ninguém como o nosso amigo, para organizar uma bela caçada. Nem precisa de cão... a não ser eu... para ajudá-lo a farejar.

Com um ar apreensivo, Mr. Merryweather auspicou:

— Espero que esta nossa caçada não seja em vão.

— Pode confiar inteiramente em Mr. Holmes — disse Jones, com convicção. — Embora os seus métodos sejam a meu ver, demasiado teóricos e fantasiosos, a verdade é que tem muito jeito para detetive. Já por mais de uma vez deu provas disso, como no caso do assassinato de Sholto e no do tesouro de Agra, em que os seus cálculos foram mais exatos do que os da Polícia.

— Ainda bem que falou, inspetor — concedeu com deferência o cavalheiro sorumbático —, mas confesso ter certas dúvidas quanto a esta história... e lamento ter perdido a minha sessão de jogo, já que, de dois anos para cá, é a primeira noite de sábado em que não vou jogar.

Holmes interveio:

— Nunca na sua vida, Mr. Merryweather, fez apostas mais altas e mais interessantes. Para você, valerão uma fortuna e, para Mr. Jones, o triunfo de deitar a mão a uma presa formidável.

Peter Jones esclareceu:

— Trata-se, Mr. Merryweather, do célebre John Clay, ladrão, assassino e falsário. É ainda jovem, mas verdadeiro perito na sua profissão. Não há criminoso, em Londres, a quem eu mais gostasse de pôr as algemas. O avô desse Clay era duque da Casa Real e ele próprio estudou em Eton e Oxford. Tem um cérebro tão ágil como os dedos e, embora estejamos encontrando, constantemente, vestígios da sua nociva passagem, a verdade é que ignoramos onde se esconde.

Ora executa um assalto na Escócia, ora na semana seguinte, aparece no Sul, em plena Cornualha, angariando fundos para a criação de um orfanato imaginário.

Holmes, complementando:

— Espero ter o prazer de apresentar-lhe, esta noite, meu caro Jones. Também eu, por duas vezes, tentei seguir sua pista e concordo que é um verdadeiro perito... Mas estamos nos atrasando. Vocês vão no primeiro *cab* e Watson e eu os seguiremos no outro.

Durante o percurso, Sherlock Holmes permaneceu calado, recostado no banco e entoando, em surdina, fragmentos de árias que escutara à tarde. Depois de atravessarmos o labirinto de ruas iluminadas a gás, apeamo-nos na Farrington Street.

— Já estamos perto — indicou o meu amigo. — Aquele sujeito solene, Merryweather, é diretor de um banco e está pessoalmente interessado no assunto, apesar de ainda considerá-lo inverossímil. Decidi trazer Jones conosco, visto que, embora seja um imbecil, tem na sua profissão uma virtude positiva: é tão corajoso como um bulldog e tenaz como um caranguejo, quando ferra alguém com as suas pinças... Chegamos e ei-los a nossa espera.

Estávamos na mesma zona que tínhamos explorado pela manhã. Despedimos os *cabs* e seguimos Merryweather, passando por um estreito corredor e por uma porta lateral que ele nos abriu. Uma passagem interior dava acesso a um enorme portão.

Merryweather parou para acender a lanterna, conduzindo-nos, em seguida, por outro corredor, escuro e úmido. Depois de abrir uma segunda porta, entramos numa adega onde se viam grandes caixotes gradeados.

— Tem certeza, Mr. Merryweather — inquiriu Holmes —, de que estas paredes são invulneráveis, assim como o teto?

Erguendo a lanterna e olhando ao redor, o diretor do banco respondeu convicto:

— Aqui, tudo é sólido, tanto dos lados, como por cima e por baixo.

Com a bengala deu uma leve pancada na laje, sob os seus pés, e espantou-se:

— Que coisa estranha! O chão, aqui, parece ser oco!

Holmes tirou-lhe a lanterna da mão e advertiu, severamente:

— Peço-lhe que faça menos barulho, pois está pondo em risco esta nossa expedição. Queira sentar-se num desses caixotes e parar de interferir.

O diretor do banco obedeceu, macambúzio, como que humilhado, e Holmes, à luz da lanterna, ajoelhou-se e começou a examinar com uma lente os interstícios de junção das lajes. Segundos depois, parecia satisfeito, pois ergueu-se e guardou a lente no bolso.

— Teremos ainda de esperar, pelo menos, uma hora — previu. — Enquanto o penhorista não estiver dormindo, os bandidos não poderão atuar. Depois, agirão o mais depressa possível, pois, quanto mais rápido agirem, mais tempo terão para fugir.

Virando-se para mim, acrescentou:

— Como já deve ter adivinhado, doutor, estamos no subterrâneo de um dos principais bancos de Londres. Mr. Merryweather, poderá lhe explicar por que os bandidos estariam tão interessados neste porão.

— Trata-se do ouro do Banco de França — elucidou o diretor, em voz baixa. Há alguns meses, tivemos oportunidade de realizar um empréstimo de 30.000 napoleões ⁽³⁾ ao Banco de França que já liquidou a dívida. Este caixote gradeado, em que estou sentado, contém 2.000 napoleões, acondicionados entre chapas de chumbo. Atualmente, o valor das nossas reservas monetárias é muito maior do que aquele que é costume guardar-se em qualquer banco e, naturalmente, os administradores estão receosos de um assalto.

— O quê? Vamos esperar, aqui, sentados na escuridão?

— Torna-se necessário, para que os assaltantes não percebam nossa presença. Eu trouxe um baralho de cartas, para que o senhor não perdesse o prazer de umas jogadas, mas pressinto que os preparativos dos bandidos já estão muito adiantados e não podemos nos arriscar. São homens muito ousados e não hesitarão em nos atacar. Portanto, devemos, desde já, estabelecer as nossas posições táticas. Vou ficar atrás deste caixote e o senhor, atrás daqueles. Quando os bandidos aparecerem, destapo a lanterna e foco-os com a luz. Teremos de cercá-los imediatamente e, se algum nos apontar uma arma de fogo, você, Watson, não hesite um segundo, em abatê-lo a tiro.

⁽³⁾ *Moedas de ouro, no valor de 20 francos antigos, do tempo de Napoleão III, com a efígie deste imperador francês, e em circulação na época de Conan Doyle. (N. do T.)*

Coloquei o meu revólver automático sobre um dos caixotes gradeados que me ocultavam.

Holmes fechou a portinhola da lanterna e ficamos totalmente às escuras. O odor do metal quente assegurava-nos de que a chama da lanterna continuava acesa, no interior desta, pronta a iluminar a cena, no momento propício. Os meus nervos, já naturalmente estimulados, fizeram-me sentir deprimido naquele ambiente de trevas e de atmosfera fria e úmida da adega.

— Só têm uma saída — segredou Holmes —, através do Saxe-Coburg Square. Espero, Jones, que tenha tomado as precauções que sugeri.

— Postei um outro inspetor e dois agentes na porta da frente.

— Portanto, os buracos estão obstruídos. Só resta nos mantermos quietos e aguardar...

O tempo parecia estagnado. Mais tarde, ao consultar as minhas notas, verifiquei termos apenas esperado uma hora e quinze, mas parecera-me que a noite findara e que o dia estaria prestes a raiar lá fora.

Receando mudar de posição, fiquei com as pernas hirtas e anquilosadas. Sentia os nervos tensos e tinha o ouvido tão atento que conseguia distinguir a respiração dos meus companheiros, discernindo o arfar, bem audível, do obeso Jones, e o bafejar, por vezes suspirante, do diretor do banco. Do meu posto, por cima do caixote, avistei subitamente uma réstia ínfima de luz, vinda do solo.

Inicialmente, não era mais do que uma tênue luminosidade que logo se tornou numa estreita faixa amarela. Então, sem ruído, soergueu-se uma laje por onde passou uma mão que parecia de mulher, emergindo da área iluminada. Depois, a laje ergueu-se e tombou para o lado, expondo uma abertura retangular.

Brilhou a luz de uma lanterna e surgiu um rosto de rapaz, olhando ansiosamente ao redor. Em seguida, apoiando-se nas mãos, ergueu-se até a cintura, levantou um joelho e, no momento seguinte, estava no chão da adega, ajudando a subir um companheiro, da mesma estatura e rosto pálido, com uma farta cabeleira vermelha.

— Está tudo ok — segredou o primeiro. — Trouxe o formão e os sacos?... Com os diabos, Archibald! Suba, que eu me responsabilizo por...

Com um salto, Sherlock Holmes segurou o intruso pela gola do casaco, no preciso momento em que o outro se erguia pela abertura. Quando, por sua vez, Jones o agarrou, ouviu-se um rasgar de roupa, seguido de

uma corrida. A luz refletiu-se na coronha de um revólver, mas Holmes bateu no pulso do novo assaltante, com o cabo do chicote, e a arma caiu, rolando no lagedo.

— Já não pode fugir, John Clay — proferiu Holmes, surdamente.

— Suponho que não — reconheceu o outro, com inesperada calma. — Espero que o meu comparsa se tenha safado, pois vejo aqui as costas do seu casaco.

— Escapou de nossas mãos — confirmou Holmes —, mas estão, lá fora, três homens à espera dele.

— Ah, sim?... Parece que você preparou muito bem esta armadilha. Dou-lhe os meus parabéns!

— E eu a você — replicou Holmes. — Esse estratagema de cabeleira vermelha foi original e de grande sucesso.

Jones interveio:

— Terá ocasião de ver o seu parceiro outra hora. É mais ágil escapando de um buraco, do que eu o segurando. Agora, John Clay, estenda as mãos, para que eu lhe ponha as algemas.

— Espero que não me toque com as suas mãos imundas — disse o preso a Jones, enquanto este lhe fechava as algemas nos pulsos. — Fique sabendo que tenho sangue real nas veias... E quando falar comigo, tenha a bondade de dizer “Sir”.

— Perfeitamente — retorquiu o inspetor, com uma expressão escarninha. — Nesse caso, Sir, queira fazer o favor de andar para a frente e subir a escada, a fim de arranjarmos uma carruagem que conduza Vossa Alteza ao posto da Polícia.

— Assim, está melhor — redarguiu Clay, serenamente.

Dirigindo-nos uma larga vênua, avançou. Quando Merryweather viu o inspetor sair com o preso, bem seguro, para fora da adega, reconheceu:

— Não há dúvida, Mr. Holmes, que o senhor conseguiu frustrar um dos mais audaciosos e bem arquitetados roubos de todos os tempos. Realmente, não sei como o meu banco poderá agradecer-lhe e recompensá-lo.

— Eu também tinha um assunto pendente a resolver com Mr. John Clay... — declarou Holmes. — Fiz bastantes despesas com a investigação e espero que o seu banco não se recuse a pagá-las. Em todo o caso, fique

satisfeito por ter levado a cabo uma experiência tão fora do comum e por ter ouvido a extraordinária narrativa da Liga dos Cabeças Vermelhas que lhe deu origem.

— Como vê, meu caro Watson — explicou Sherlock Holmes, já de madrugada, enquanto tomávamos um whisky com soda, na Baker Street —, logo de início se tornara evidente que o único objetivo da fantástica idéia de copiar a enciclopédia seria afastar de casa o penhorista durante algumas horas dos dias subseqüentes. Foi um processo curioso e dificilmente se encontraria outro melhor. Clay lembrou-se deste expediente, ao notar a cor do cabelo de Mr. Wilson.

As quatro libras de salário semanal foram o engodo para atraí-lo, o que sugeria um plano para se apossarem de milhares de libras. Clay publicou o anúncio da Liga e o seu cúmplice entusiasmou-se em candidatar-se ao lugar. Logo que ouvi este dizer que o seu empregado aceitara trabalhar para ele, por metade do salário, conclui que haveria uma razão oculta para se manter no emprego.

— Mas como conseguiu descobrir o verdadeiro motivo?

— Se houvesse mulheres em casa, ainda eu poderia suspeitar de uma intriga amorosa, mas isso estava fora de questão. A casa de penhores era modesta, pelo que não se justificavam tantos preparativos e despesas, se houvesse intenção de assaltá-la. Portanto, devia tratar-se de qualquer outra coisa de maior vulto e alheia à loja. Então, lembrei-me da paixão que o empregado tinha pela fotografia e do seu hábito de encerrar-se na antiga adega. A adega! Era ali que residia o fulcro deste intrincado caso.

Fiz algumas indagações a respeito desse indivíduo das orelhas furadas e descobri que se tratava de um dos mais calmos e ousados criminosos de Londres. Conclui que estava preparando qualquer crime, na adega, que lhe exigia muitas horas e dias, talvez até meses. Ora, ao cabo de oito semanas, a Liga foi extinta.

— Ocorreu-me que o patife estaria abrindo um túnel que ligasse a loja de penhores a um outro edifício. Tinha já chegado a esta conclusão quando fomos explorar o local da ação. Lembra-se, Watson, de tê-lo surpreendido, quando bati com a bengala no cimento da rua?”

— Perfeitamente.

— Tentava saber se a antiga adega ficava na frente da casa, ou nos fundos. Toquei a campainha e, tal como esperava, foi o empregado que

veio abrir-nos a porta. Indiretamente, eu já andava na sua pista, mas foi a primeira vez que o vi pessoalmente. Pretendia observar-lhe os joelhos das calças que estavam, efetivamente, sujas e gastas. Indicavam ter o homem passado dias escavando o chão. Só me restava descobrir o motivo desse trabalho de toupeira.

Virei a esquina e percebi que o *City and Suburban Bank* ficava adjacente ao prédio de Mr. Wilson. Estava ali a solução do meu problema. Quando, após o concerto, você foi para casa, dirigi-me à Scotland Yard e, em seguida, ao presidente do Conselho de Administração do banco, obtendo o apoio de que você já tem conhecimento.

— Mas... como adivinhou que o assalto se efetuarias, esta noite?

— Terem fechado o escritório da Liga indicava que já não se preocupavam com Mr. Jabez Wilson. Tinham completado o túnel e deveriam utilizá-lo imediatamente, antes que pudesse ser descoberto ou que o dinheiro fosse transferido para outro local. Sábado seria o dia ideal, porque permitiria dois dias para a fuga ⁽⁴⁾. Essas as razões por que decidi esperá-los esta noite.

— O seu cálculo foi maravilhoso! — exclamei, admirado. — A cadeia de raciocínio era longa, mas todos os elos se ligaram perfeitamente.

Bocejando, o meu amigo limitou-se a comentar.

— Serviu para divertir-me, mas já sinto o tédio se aproximar. Passo a vida tentando escapar dos aborrecimentos e estes pequenos problemas me ajudam a consegui-lo.

— E é também um benfeitor da humanidade — sublinhei.

— Bem... é possível que a minha ação tenha alguma utilidade — concluiu. — *“L’homme n’est rien, l’oeuvre c’est tout”* ⁽⁵⁾, como escreveu Gustave Flaubert a George Sand.



⁽⁴⁾ Depois deste conto de Conan Doyle, perpetraram-se vários assaltos a bancos por idêntico sistema de abertura de um túnel, sendo célebre o verificado em Marselha, em 1984, onde um banco foi esvaziado, sem que a Polícia tivesse conseguido prender os assaltantes. (N. do T.)

⁽⁵⁾ Em francês, no original: “O homem nada é; a obra é tudo”. (N. do T.)

O PROBLEMA FINAL

É com o coração angustiado que pego na pena para escrever estas últimas e escassas palavras com que registrarei os dotes excepcionais que sempre distinguiram o meu amigo Sherlock Holmes.

Num estilo imperfeito, e tenho a consciência de que também inadequado, esforcei-me por narrar as minhas estranhas experiências na sua companhia, desde o caso que inicialmente nos reuniu, *Um estudo em vermelho*, até a sua interferência no caso de *O Tratado Naval*, intervenção essa que, naquele período político perturbado, teve o mérito de evitar um grave conflito internacional. Era minha intenção ter ficado por aqui, sem nada mais referir acerca de um acontecimento que criou um vazio na minha alma... vazio que o curso de dois anos pouco contribuiu para preencher ⁽¹⁾.

Só eu conheço a verdade precisa do caso e regozijo-me por ter chegado o momento em que não é suprimindo-a que se serve uma causa justa.

Até onde sei, só foram publicadas três crônicas, na Imprensa: a do *Journal de Genève*, de 6 de maio de 1891, a notícia da Reuter, de 7 de maio, transcrita nos jornais ingleses e, finalmente, o conjunto de cartas que mencionei. A primeira e a segunda são extremamente lacônicas e a última, como agora tentarei demonstrar, constitui uma total deturpação dos fatos, perfeitamente perversos.

Cumpre-me, pois, revelar, pela primeira vez, o que realmente aconteceu na confrontação entre o professor Moriarty e Mr. Sherlock Holmes.

O leitor deve recordar-se de que, logo após o meu casamento e a minha seqüente atividade na clínica particular que inaugurara, as relações assíduas que eu mantivera com Holmes rarearam consideravelmente. Ele me procurava, de tempos em tempos, quando desejava a minha companhia nas suas investigações. Mas essas ocasiões tornaram-se cada vez menos freqüentes, e, do ano de 1890, apenas conservo o registro de três casos.

⁽¹⁾ Sir Arthur Conan Doyle decidira terminar a série de Sherlock Holmes, sugerindo a morte do herói neste conto "O Problema Final.. Contudo, foi de tal maneira instado por protestos individuais e públicos, nos jornais, que se viu coagido a escrever muitas outras investigações do célebre detetive que tão genialmente criara. Portanto, a introdução supra peca por incoerência, visto que publicou outros contos, ordenáveis, cronologicamente, antes e depois da pseudomorte de Sherlock Holmes. (N. do T.)

Durante o inverno desse ano e princípio da primavera de 1891, tive conhecimento, pelos jornais, de que o governo francês solicitara os serviços do meu amigo num caso de extrema importância. Recebi, então, dois postais de Holmes, provenientes de Narbonne e de Nîmes, pelos quais concluí que a sua permanência na França se prolongaria.

Portanto, foi com grande surpresa que o vi entrar no meu consultório, na noite de 24 de abril. O que mais nele me impressionou foi o aspecto, ainda mais pálido e magro do que o habitual.

— Tenho-me esforçado excessivamente — confessou, mais em resposta ao meu olhar, do que às minhas palavras. — Ultimamente, venho me sentindo bastante oprimido. Importa-se que eu desça as persianas?

A única luz da sala provinha do candeeiro que se achava sobre a mesa onde eu estivera lendo um livro. Holmes foi à janela, fechou a persiana e correu as ferrolhos de segurança.

— Receia alguma coisa? — estranhei.

— Sim.

— O quê?

— Armas aéreas.

— Meu caro Holmes! — espantei-me. — Que diabo quer você dizer com isso?

— Creio que me conhece suficientemente bem, Watson, para saber que não sou um poltrão, nem sequer timorato, mas seria estupidez de minha parte e não coragem se me recusasse a reconhecer um perigo iminente. Tem um fósforo?

Puxou uma fumaça do cachimbo, como se isso exercesse sobre ele uma influência calmante.

— Devo desculpar-me por vir visitá-lo tão tarde — continuou —, e também por pedir-lhe que, abstraindo-se das convenções, me permita sair desta casa, não pela porta, mas pulando o muro dos fundos.

— Mas... por quê, Holmes? Que significa...? Estendeu a mão e, à luz do candeeiro, vi que duas articulações estavam feridas e sangravam.

E sorrindo, ironizou:

— Isto nada teve de aéreo, pelo contrário, era bastante sólido para quebrar minha mão... Sua mulher está aqui?

— Não. Foi, por uns dias, fazer uma visita na província...

— Então você está sozinho? — cortou, impaciente.

— Sim. Completamente.

— Nesse caso, custa-me menos lhe propor que me acompanhe ao Continente, por uma semana.

— Para onde?

— Para qualquer lugar... Tanto faz.

Estranhei a atitude de Holmes, visto não estar na sua índole partir de férias, no estrangeiro, sem um objetivo... e o seu rosto pálido e encovado indicavam-me estar com os nervos anormalmente tensos.

Notando a minha expressão interrogativa, o meu amigo juntou as cabeças dos dedos, apoiou os cotovelos na mesa e sondou:

— Será que você nunca ouviu falar no professor Moriarty?

— Não — confessei.

— Eis a prova da capacidade genial desse indivíduo! Invadiu Londres e ninguém ouviu falar dele! Basta esse fato para colocá-lo no topo dos registros do crime. Com toda a franqueza, Watson, afirmo-lhe que, se eu conseguisse derrotar esse homem, livrando a sociedade da sua ação malévola, sentiria que a minha carreira atingira o apogeu e eu me dedicaria a um gênero de vida mais tranqüilo. Aqui entre nós, confidencio-lhe que os recentes casos que solucionei, em auxílio da família real da Escandinávia e da República Francesa, proporcionaram-me uma situação econômica que me permitiria passar a viver tranqüilamente e a dedicar-me, somente às pesquisas químicas. Contudo, Watson, não conseguiria descansar, repousado na minha cadeira, enquanto soubesse que um indivíduo como o professor Moriarty continuava a agir, livremente, nas ruas de Londres, como um inocente, sem ser justamente caçado.

— Mas... que diabo fez ele?

— Toda a sua carreira tem sido extraordinária. É um homem de origem nobre e excelente educação, dotado, pela natureza, com uma fenomenal faculdade para as matemáticas. Aos vinte e um anos, escreveu um tratado sobre a teoria binominal que alcançou fama na Europa.

Dessa maneira, conseguiu ser nomeado titular de uma cadeira de Matemática, numa das nossas universidades, e deparava-se-lhe um brilhante futuro.

Contudo, possuí tendências hereditárias de natureza diabólica e corre-lhe, nas veias, um fluido criminoso. Assim, os seus extraordinários dotes mentais, em vez de o beneficiarem, tornam-no ainda mais perigoso, a serviço do mal. Já na universidade corriam, a seu respeito, os mais nefandos rumores. Foi forçado a demitir-se e veio para Londres, onde se fixou como instrutor do Exército.

Isto é o que o público sabe a seu respeito, mas vou contar-lhe, agora, aquilo que descobri. Ninguém melhor do que eu conhece a alta esfera do mundo criminoso de Londres. Ora, nestes últimos tempos, tenho-me convencido de que, por detrás dos piores bandidos, se formara uma organização, capaz de protegê-los, como um escudo que se interpõe à Lei.

Em casos da mais variada espécie, desde falsificações, a roubos e assassinatos, senti, constantemente, a presença dessa força, casos para os quais não fui consultado e que ficaram por solucionar, embora eu os tenha deduzido, na sua essência.

Esforcei-me por levantar o véu que oculta essa organização e só agora, finalmente surgiu o momento em que, tendo descoberto uma ponta da meada, pude segui-la, palmo a palmo, por tortuosas vias, até essa celebridade matemática, o ex-professor Moriarty.

É o Napoleão do crime, organizador de metade da delinquência profissional e da que, ocultamente, se incuba nesta grande cidade. É um gênio, um filósofo, um pensador abstrato, com um cérebro de primeira grandeza. Posta-se, imóvel, tal como a aranha na sua teia, mas esta tem milhares de radiações cujas pontas sensíveis ele conhece perfeitamente.

Pessoalmente, pouco faz, mas os seus agentes são numerosos e excelentemente organizadas. Se houver um crime a perpetrar, um documento a roubar, uma casa a assaltar, uma vida humana a eliminar, comunica-se o objetivo ao professor Moriarty e o plano será organizado e executado.

O agente pode, por inépcia própria, vir a ser preso, mas logo aparece o dinheiro para sua fiança e defesa nos tribunais. Porém, o poder central que o utiliza nunca é apanhado, nem sequer suspeitado.

Foi esta, Watson, a organização que detectei, por dedução, e me dedotei a empregar toda a minha energia, a denunciá-la e destruí-la. Mas

Moriarty soube cercar-se de salvaguardas tão engenhosamente planificadas que parecia impossível obter-se uma única prova suscetível de culpá-lo e levá-lo a tribunal. Você, Watson, conhece as minhas aptidões... Pois lhe confesso que, durante três meses, vi-me forçado a admitir ter encontrado um adversário ao meu nível intelectual. O meu horror pelos seus crimes pareceu até atenuar-se com a admiração que a sua habilidade me merecia.

Finalmente, Moriarty acabou por cometer um erro, apenas um pequeno deslize, mas valiosíssimo para mim, que já o rondava de tão perto. Foi a minha oportunidade de tecer uma teia, em seu redor, cujas malhas estou prestes a fechar. Dentro de três dias, ou seja, na próxima segunda-feira, espero poder fazer com que o professor e todos os principais membros do seu bando caiam nas mãos da Polícia. Seguir-se-á, então, o maior julgamento criminal do século, com o esclarecimento de mais de quarenta casos misteriosos... e com uma corda aguardando cada um dos criminosos intervenientes. Contudo, Watson, se agirmos prematuramente, ainda podem conseguir escapar... até no último instante.

Se me tivesse sido possível agir sem o conhecimento do professor Moriarty, tudo teria corrido bem, mas mostrou-se demasiado sagaz, pressentindo os passos que dei para capturá-lo. Tem lutado sempre e eu sempre o tenho interceptado, a tal ponto, meu amigo, que, se a história desta contenda fosse escrita, viria a ocupar o lugar do mais brilhante teste da técnica de golpes e contragolpes da crônica da investigação criminal. Nunca me elevei tão alto, nem nunca estive tão eficazmente neutralizado por um adversário.

Esta manhã, dei os últimos passos e devem bastar-me mais três dias para concluir o caso. Pois bem, estava sentado na minha poltrona pensando na minha próxima ação, quando a porta se abriu e vi, diante de mim, o professor Moriarty.

Os meus nervos, Watson, estão razoavelmente treinados para defrontarem qualquer prova, mas não posso deixar de confessar que me sobressaltei ao deparar, no limiar da minha porta, com o homem que tanto tinha ocupado meu pensamento. A sua aparência já me era familiar: muito alto e magro, com a testa alongada numa curva lívida e olhos encovados. Usa o rosto barbeado, de uma palidez ascética, conservando na expressão um certo ar de professor. As longas horas de estudo fizeram-lhe descair os ombros; o rosto projeta-se para diante, oscilando

vagarosamente, de um lado para outro, num curioso movimento de réptil. Com as pálpebras semicerradas, fitou-me com visível curiosidade. Por fim observou:

— O seu desenvolvimento frontal é menos pronunciado do que eu imaginava. É um hábito perigoso manusear armas de fogo, carregadas, no bolso do roupão.

Na realidade, ao vê-lo entrar, reconheci imediatamente o perigo que corria e, num ápice, tirei o revólver da gaveta e meti-o no roupão. Mantive-me calado, mas, à sua observação, tirei a arma do bolso e coloquei-a sobre a mesa, mas à mão de semear e com o percutor erguido, pronto a desfechar. Moriarty sorriu, pestanejou, e notei algo no olhar que me deu certa satisfação em tê-lo ali, frente a frente.

— Evidentemente, o senhor não me conhece disse Moriarty.

— Pelo contrário — repliquei —, e até receio que já seja evidente que o conheço. Queira sentar-se e, se tiver alguma coisa a dizer, posso dispensar-lhe cinco minutos.

— Tudo quanto tenciono dizer-lhe, já deve supor...

— Sendo assim, também já supõe a minha resposta.

— Portanto, mantém-se inabalável? — insistiu.

— Inteiramente.

Vi-o colocar a mão no bolso e empunhei o revólver, mas Moriarty limitou-se a extrair uma agenda onde anotara algumas linhas e anunciou:

— O senhor atravessou-se no meu caminho, em 4 de fevereiro; em 23, permitiu-se me incomodar; em meados de março, atreveu-se a me embaraçar seriamente e, no fim desse mês, prejudicou irremediavelmente um dos meus planos; agora, neste fim de abril, devido a sua constante perseguição, encontro-me numa tal situação que corro o risco de perder a liberdade.

— Tem alguma sugestão a fazer? — indaguei.

— Basta! A situação tornou-se insuportável e tenho a certeza de que um homem com a sua inteligência já compreendeu que só pode haver um desfecho para o presente caso. Só me resta o recurso de obrigá-lo a eximir-se. Tem sido, para mim, um prazer intelectual observar o processo que empregou na sua investigação e confesso-lhe que me será doloroso ver-me forçado a tomar medidas extremas... Vejo-o sorrir, mas afirmo que não hesitarei.

— O perigo é uma das facetas da minha profissão — retorqui.

— Não se trata de perigo, mas da sua inevitável eliminação. O senhor não se interpôs apenas no caminho de um só indivíduo, mas na atividade de uma poderosa organização, cuja extensão, Mr. Holmes, apesar de toda a sua perspicácia, é incapaz de imaginar. Afastese, ou terei de esmagá-lo.

Levantei-me e disse:

— Lamento interrompê-lo, mas o prazer desta conversa está prejudicando outros negócios que me esperam em outro lugar.

Moriarty também se ergueu da cadeira e meneou a cabeça, desoladamente. Ao cabo de uns segundos de silêncio, declarou:

— Fiz o que pude. Conheço todos os lances do seu jogo e sei que, até segunda-feira, nada poderá fazer. Nesta espécie de duelo entre ambos, o senhor espera levar-me a julgamento e eu afianço-lhe que não o conseguirei; tenciona derrotar-me, mas nunca me vencerá e, se for suficientemente inteligente para causar a minha perdição, pode estar certo de que também o destruirei.

— Reconheça, Mr. Moriarty — redargüi, calmamente —, que alguns dos seus cumprimentos me lisonjaram. Permita-me, pois, que lhe retribua, afirmando que não só estou firmemente certo da primeira eventualidade, mas que, também, no interesse público, não me furtarei à segunda.

Com uma expressão de tristeza, Moriarty, vacilante, virou-me as costas e saiu, resmungando ainda:

— Prometo-lhe uma delas: essa última.

Aqui tem, Watson, a minha estranha entrevista com o professor Moriarty... e confesso que me deixou um sentimento desagradável. A maneira branda e precisa com que exprimiu a sua ameaça manifestava uma sinceridade que um vulgar insolente seria incapaz de expressar. Decerto, você estranhará por que não tomei precauções policiais contra ele. A explicação reside no fato de eu estar plenamente convencido de que o ataque será desferido, não por ele, mas por um dos seus agentes... E tenho provas de que assim será.

— Que provas? Já foi assaltado?

— Meu caro Watson, o professor Moriarty não é homem para esperar que a relva lhe cresça sob os pés. Quando hoje, por volta do meio dia,

saí para tratar de um negócio, na Oxford Street, ao virar a esquina da Bentinck Street para a Welbeck Street, uma carroça de transporte de mobília veio sobre mim, com os cavalos a galope. Saltei para a calçada e apenas me salvei por uma fração de segundo. O carro guinou com violência e desapareceu pela Marylebone Lane.

Depois disso, Watson, tratei de não sair da calçada, mas, ao descer a Vere Street, foi projetado, do telhado de uma casa, um tijolo que se fragmentou a meus pés. Chamei a Polícia que examinou o local e verificou a existência de pedras e tijolos sobre o telhado em obras, mas não encontrou ninguém, pelo que concluiu ter-se tratado de um golpe de vento... Como eu nada podia provar, tomei um *cab* e fui para casa de meu irmão, onde passei o dia.

Agora, quando vinha para cá fui atacado, no caminho, à cacetada, por um patife qualquer. Consegui dominá-lo e a Polícia já o prendeu, mas não haverá maneira de relacionar-se esse tipo, que me arrancou a pele com os dedos, com o matemático reformado que, neste momento, deve achar-se entregue aos seus cálculos, a muitas milhas de distância.

Portanto, Watson, já não estranha que o meu primeiro cuidado, ao chegar aqui, tenha sido o de fechar as persianas e pedir-lhe que me permitisse sair pelos fundos.

Muitas vezes tivera ocasião de admirar a coragem do meu amigo, mas nunca como neste momento em que se sentara calmamente expondo aquela série de incidentes, qualquer deles bastante para atemorizar uma pessoa.

— Devia passar a noite aqui, Holmes — sugeri.

— Não, meu amigo. Seria um hóspede perigoso. Já fiz os meus planos e a caso poderá prosseguir sem mim, até a prisão de todo o bando, sendo eu só necessário, mais tarde, para apresentar as provas de acusação de Moriarty.

É pois conveniente ausentar-me por uns dias, durante os quais a Polícia terá liberdade de ação. Entretanto, teria muito gosto se você pudesse acompanhar-me ao Continente.

— Bem... A clínica está fraca... e tenho um colega, meu vizinho, muito prestável e capaz de olhar por ela. Gostaria de ir com você.

— Acha que poderemos partir, amanhã?

— Se assim lhe convém...

— Até me é necessário, meu caro Watson... e vou dar-lhe algumas instruções que peço cumpra à risca, porque estaremos ambos empenhados num jogo duplo contra o bandido mais inteligente e o sindicato do crime mais poderoso da Europa.

Você deverá acompanhar, ainda esta noite, a sua bagagem para a estação de Victoria, por um carregador de confiança. Amanhã, logo de manhã, mandará esse seu moço de fretes chamar um trem, para o seu transporte pessoal, mas que não aceite o primeiro, nem segundo que se lhe apresentar, pois esses cocheiros podem estar a mando de Moriarty. De preferência, chame um trem, de passagem, e siga a galope para o Strand, ao fim da Lowther Arcade. Entregue a direção ao cocheiro numa tira de papel, para que ninguém possa ouvi-la transmitir-lhe e, ao fazê-lo, recomende-lhe que não a jogue fora, durante o percurso.

Deverá já ter o bilhete do comboio em seu poder. Mal o trem pare, atravesse a Arcade até ao lado oposto e faça por estar lá às 9:15, em ponto. Encontrará, aí, um *cab* ⁽¹⁾ conduzido por um cocheiro de capa negra e gola guarneçada de vermelho. Nesse caso seguirá para Victoria, a tempo de apanhar o expresso continental ⁽²⁾.

— E onde me encontro consigo?

— Na estação de Victoria. O segundo vagão de primeira classe, a contar da frente, já nos está reservado.

— Quer dizer que nos encontramos dentro do vagão?

— Exatamente.

Em vão insisti para que ficasse ali, comigo, durante a noite, mas compreendi que o meu amigo, sabendo que atrairia o perigo ao local onde estivesse, não queria que eu corresse o mesmo risco. Enquanto o acompanhei ao jardim, transmitiu-me, sumariamente, mais alguns pormenores do nosso plano para o dia seguinte, saltou o muro que dá para a Mortimer Street, assobiou para um carro de aluguel que passava e partiu.

⁽¹⁾ Ver nota da página 94.

⁽²⁾ Comboio que ia de Londres para o porto de Dover e cujos passageiros, depois de atravessado o Canal da Mancha, em vapor, prosseguiram viagem, noutra composição ferroviária, com partida do porto de Calais para as cidades da Europa. (N. do T.)

Na manhã seguinte, cumpri fielmente as instruções de Sherlock Holmes. Tomando a precaução de não entrar num carro que já pudesse estar preparado pelo adversário, segui rapidamente para a Lowther Arcade e, mal me apeei, atravessei correndo, por entre os transeuntes. Encontrei o *cab* que tinha as cortinas fechadas e era conduzido por um cocheiro envolto numa capa negra, com gola vermelha. Logo que entrei, este chicoteou o cavalo e rodamos apressadamente para a estação de Victoria. Quando desci, o *cab* partiu, sem que o seu condutor proferisse uma palavra, nem sequer me dirigisse um olhar.

Tudo corraera perfeitamente. A bagagem estava à minha espera e encontrei facilmente o vagão que Holmes indicara, tanto mais que era o único que tinha o letreiro de “reservada”. Contudo, a ausência do meu amigo começou a angustiar-me. Faltavam apenas sete minutos para a partida e não conseguia avistar-lhe o vulto esguio entre os grupos dos que partiam e dos que se despediam.

Ainda observei um venerável padre italiano que, num inglês adulterado, tentava explicar ao bagageiro que as suas malas deviam ser enviadas para Paris. Depois de mais um olhar ao redor, sentei-me num dos bancos do vagão e espantei-me ao verificar que, apesar de esta nos ter sido reservada, o condutor introduzira nela o velho sacerdote italiano.

Em vão tentei explicar-lhe que a sua presença naquele vagão constituía uma intrusão, mas o meu italiano era tão mau como o seu inglês. Acabei por encolher os olhos e continuei a aguardar a chegada do meu amigo, já apavorado com a idéia de que a sua ausência se deveria por ter sofrido um ataque durante a noite. Fecharam-se as portas, soou o apito e após o silvo dos jatos de vapor, ouvi uma voz a meu lado:

— Você, meu caro Watson, não me concede sequer um bom-dia?

Voltei-me espantado, para o decrépito eclesiástico e vi-lhe, num instante, as rugas alisarem-se, o nariz afastar-se do queixo, o lábio inferior deixar de estar pendente, os maxilares cessarem de mascar molemente e o olhar senil adquirir um brilho que me era familiar. O vulto endireitou-se, o disfarce desvaneceu-se e Holmes surgiu, triunfante.

— Santo Deus! — exclamei. — Já estava incomodado com a sua ausência!

— É necessário tomarmos todas as precauções, pois tenho motivos para pensar que eles já estão na nossa pista... Olhe!... Ali está Moriarty, em pessoa.

O comboio já ia andando. Espreitando para trás, vi um homem alto a tentar, furiosamente, abrir passagem por entre a multidão e a acenar para a locomotiva, como se desejasse fazer parar a composição. Mas já era demasiado tarde, porque a máquina adquirira velocidade, saindo rapidamente da estação.

— Como vê, Watson, apesar de todas as nossas precauções, safamo-nos por muito pouco — comentou Holmes, com uma risada.

Levantou-se, despiu a batina e tirou o chapéu negro que tinham constituído o seu disfarce e guardou-os numa pequena mala de mão.

— Viu o jornal desta manhã, Watson?

— Não. Passou-se alguma coisa de especial?

— Então não sabe o que aconteceu na Baker Street?

— Na Baker Street? — repeti, estupefato.

— Incendiaram minha casa, na noite passada.

— Com os diabos, Holmes! Isso é intolerável!

— Depois do facínora do cacete ter sido preso, perderam minha pista e cometeram o erro de pensar que eu voltaria para casa. Devem tê-la revistado apressadamente e deduziram que eu partira para uma viagem. Avisaram Moriarty e foi isso que o trouxe à estação de Victoria. Você cometeu algum erro, na sua vinda para cá?

— Não cometi erro algum. Segui à risca o que me recomendou.

— Encontrou o *cab* à sua espera?

— Sem dificuldade.

— Reconheceu o cocheiro?

— Não!

— Era o meu irmão Mycroft. Em certos casos, é uma vantagem não termos de recorrer a mercenários... Agora, precisamos estudar atentamente o que vamos fazer com Moriarty.

— Deve estar desesperado. Como este comboio é expresso e o vapor para Calais tem o horário combinado com a nossa chegada, parece que estamos a salvo.

— É evidente, meu caro Watson, que você não abrangeu integralmente o sentido das minhas palavras, quando adverti de que esse homem pode ser considerado de nível intelectual igual ao meu. Espero que me faça a justiça de não supor que, se eu fosse o perseguidor, me deixaria frustrar por esse mero obstáculo. Não deve ter, por Moriarty, uma tão fraca consideração.

— Neste caso, que poderá ele fazer?

— O mesmo que eu faria.

— O quê?

— Fretava um comboio especial.

— Mas já não chegaria a tempo.

— Engana-se, Watson. Este expresso tem de parar em Cantuária e demorar cerca de 15 minutos, por causa do vapor de Dover. Qualquer comboio especial poderá alcançar-nos.

— Com os diabos, Holmes! — protestei. — Não somos criminosos em fuga. Podemos prendê-lo, logo que chegue.

— Isso arruinaria três meses de trabalho. Teríamos o peixe grosso na rede, mas deixaríamos escapar os miúdos, por entre as malhas. Ora, quero que todos sejam pescados na segunda-feira. Prender um só seria inadmissível.

— Então, que faremos?

— Saímos do comboio, em Cantuária.

— E depois?

— Teremos de viajar, pelo interior, até Newhaven e, daí, para Dieppe. Moriarty não deixará de fazer o que eu faria e, ao chegar a Paris, identificará a nossa bagagem e esperará dois dias. Entretanto, poderemos nos divertir com um bom par de mochilas, contribuiremos para as pequenas produções das regiões por onde passarmos e, com todo o vagar, seguiremos para a Suíça, via Luxemburgo e Basiléia.

Sou um viajante demasiadamente calejado, para preocupar-me com a perda da bagagem, mas confesso que me aborrecia a idéia de andar fugido, por causa de um sujeito cujo cadastro estava atulhado de infâmias. Por outro lado, estava certo de que Holmes interpretava a situação mais claramente do que eu. Portanto, descemos em Cantuária e verificamos

que tínhamos de esperar, mais de uma hora, pelo comboio para Newhaven.

Estava ainda olhando, lamentosamente, para o vagão das bagagens que se afastava com o meu guarda-roupa, quando Holmes me puxou pela manga e apontou para a linha.

— Está vendo, Watson?

Ao longe, por entre o arvoredo de Kentish, erguia-se uma tênue voluta de fumo. Um minuto depois, avistava-se uma locomotiva, com um único vagão atrelado, deslizando vertiginosamente pela curva larga que conduzia à estação. Mal tivemos tempo de esconder-nos atrás de uma pilha de malas e já a curtíssima composição passava por nós, ruidosa, expelindo, sobre nós, um jato de vapor.

Enquanto víamos a composição balançar, na passagem das agulhas, Holmes indicou:

— Lá vai ele... Como vê, a inteligência desse “cavalheiro” também tem limites. Se tivesse deduzido o que deduzi e agido em conformidade, a sua iniciativa constituiria um golpe de mestre.

— E que teria ele feito, se conseguisse alcançar-nos? — indaguei.

— Não tenho dúvida de que executaria um ataque homicida, por qualquer meio. Agora, trata-se de um jogo, a dois, só entre mim e ele. Resta-nos decidir, Watson, se almoçamos aqui, antecipadamente, ou se é preferível correremos o risco de passar fome até a um restaurante de Newhaven.

Nessa noite, viajamos para Bruxelas, onde ficamos dois dias. No terceiro, seguimos para Estrasburgo. Na segunda-feira, Holmes telegrafou para a polícia de Londres e, à noite, ao chegarmos ao hotel, já a resposta estava à nossa espera. O meu amigo rasgou o sobrescrito e, com uma surda maldição, atirou o telegrama para as chamas da lareira.

— Eu já esperava isto! — resmungou. — Conseguiu escapar!

— Moriarty?

— Evidentemente. Prenderam todo o bando, na rede, mas deixaram-lhe uma malha aberta. Com a minha partida, não ficou ninguém para agarrá-lo, embora eu estivesse convencido de que o enfiara bem nas mãos da Polícia. Nestas circunstâncias, Watson, creio que o melhor é você voltar para Inglaterra!

— Mas... por quê, Holmes?

— Porque, neste momento, constituo um parceiro demasiado perigoso, seja para quem for. A atividade desse indivíduo chegou ao fim. Se voltar a Londres, estará perdido e, se interpretei bem o seu caráter, a única ação que o obseca é vingar-se de mim, empregando, para tal, todas as suas energias.

Durante a nossa breve entrevista, disse muita coisa, mas o mais grave foi o que apenas deixou imaginar... E imagino a natureza da ameaça implícita... Por isso, recomendo-lhe que regresse à sua clínica.

Aquele era um apelo que dificilmente obteria êxito, dirigido como o era, a um velho lutador e amigo íntimo. Sentamo-nos na sala de jantar do hotel, em Estrasburgo e, por uma boa meia hora, debatemos o assunto. Finalmente, nessa mesma noite, seguimos viagem, para Genebra.

Durante uma semana encantadora, andamos pelo vale do Ródano, deixando o Gemmi-Pass ainda afundado em neve, quando nos dirigimos para Meiringen, pelo Interlaken. Foi uma viagem maravilhosa, com o delicado verde da Primavera a nossos pés e tendo, sobranceiro, nas cumeadas, o branco virginal do inverno.

Contudo, eu percebia claramente que, nem por um instante, Holmes esquecia a sombra que pairava sobre ele. Nos humildes lugarejos alpinos, ou nas passagens solitárias das montanhas, notava-se pelos seus súbitos olhares de relance e pela maneira penetrante como examinava as pessoas que cruzavam conosco, de que se convencera que o perigo nos espreitava, para onde quer que fôssemos.

Lembro-me, como se fosse hoje, de que, certa vez, tendo já passado o Gemmi-Pass e caminhando ao longo das margens do melancólico Daubensee, um enorme rochedo despenhou-se do cume, à nossa direita, e caiu, rebolando, no lago, mesmo atrás de nós. Num ápice, Holmes subiu pela encosta e, do topo desta, perscrutou o horizonte, em todas as direções. Em vão o nosso guia lhe afirmou que, durante o degelo da primavera, eram muito freqüentes os desabamentos de pedras, naquele lugar. Sherlock não fez qualquer comentário, mas sorriu para mim, como um homem que está certo do cumprimento da fatalidade.

Contudo, apesar de necessitar manter uma constante vigilância, nunca se mostrou deprimido. Pelo contrário, nunca eu o vira com tão animosa

disposição de espírito, referindo-se, freqüentemente, à satisfação que sentia por ter livrado a sociedade dos malefícios da organização de um homem como Moriarty.

— Creio, Watson, que a minha vida não foi inteiramente vã. Mesmo que a minha ação terminasse, esta noite, seria lícito avaliá-la com equanimidade, hoje, devido a ela, a atmosfera de Londres está mais purificada e estou consciente de que, em mais de mil casos, não utilizei os meus poderes do lado errado.

Ultimamente, tenho-me inclinado mais para os problemas naturais, profundos, do que para os superficiais a que imputo a responsabilidade do estado artificial da sociedade... E as suas crônicas, Watson, chegarão ao seu termo, no dia em que eu tiver coroado toda a minha carreira, com a captura ou eliminação do mais hábil e perigoso criminoso da Europa.

Procurarei ser breve, mas exato, no pouco que me resta narrar. Não desejo prolongar, voluntariamente, um relato desta natureza, mas estou plenamente convencido que me cumpre fazê-lo, sem omitir qualquer pormenor.

No dia 3 de maio, chegamos à pequena aldeia de Meiringen e albergamo-nos no Englischer Hof, então mantido pelo velho Peter Steiler, homem inteligente e que falava um excelente inglês, pois já servira, em Londres, no Grosvenor Hotel. Por sua sugestão, saímos, na tarde do dia 4, com o objetivo de atravessar as montanhas e pernoitarmos no lugarejo de Rosenlauri, mas com estrita recomendação de não passarmos as quedas do Reichenbach, mais ou menos a meio caminho da montanha, sem fazermos um curto desvio para admirá-las.

Na verdade, é um lugar assombroso. Engrossada pelas neves degeladas, a torrente de água revolta mergulha num tremendo abismo de onde se eleva uma névoa espessa, em volutas de espuma diáfana, como fumo, branco, de uma casa incendiada.

O sorvedouro para onde o rio se despenha é um imenso precipício, circundado de penedos luzidios e negros como carvão, afunilando-se numa estreita garganta, como um abismo fervente de incalculável profundidade.

A extensa voragem de água verde, projetando-se das alturas, no seu eterno bramar, e a densa cortina tremulante daquelas nuvens que se eleva, perenemente, atordoa os sentidos do homem, com o seu constante redemoinho e clamor.

Paramos à beira do abismo, contemplando, lá muito ao fundo, a cintilação do elemento líquido que se dilacera contra os penhascos negros e escutando o grito quase humano que se avoluma, rugindo, com a espuma do abismo.

Constituindo uma espécie de mirante, o caminho fora aberto em semicírculo, contornando a cachoeira, para proporcionar uma visão global, mas termina abruptamente e o viajante vê-se forçado a retroceder pela mesma via.

Estávamos de volta, quando nos deparamos com um moço, suíço, que corria para nós com uma carta na mão. Trazia o timbre do Englischer Hof onde tínhamos nos hospedado e era-me pessoalmente dirigida pelo proprietário. Informava que uma senhora inglesa, chegada logo após a nossa partida, se encontrava em estado grave, passara o inverno em Davos-Platz e viajava, agora, para reunir-se a uns amigos, em Lucerna, quando lhe sobreveio uma hemorragia repentina. Pensava não lhe restar mais do que algumas horas de vida e seria, para ela, uma grande consolação se um médico inglês pudesse assisti-la naquele transe. Portanto, se eu me dignasse voltar ao albergue etc...

O próprio Steiler, em *post-scriptum*, acrescentava considerar a minha anuência, como um grande favor pessoal, já que a senhora se recusara a mandar chamar um médico suíço e ele sentia estar a incorrer numa grande responsabilidade.

Era impossível alhear-me de um tal apelo. Tratava-se de uma compatriota que estava morrendo em terra estrangeira. Por outro lado, eu receava abandonar o meu amigo, naquelas paragens.

Depois de muito considerar, concordei com a decisão de Holmes ficar acompanhado pelo jovem mensageiro suíço que lhe serviria de guia, enquanto eu regressava a Meiringen.

Holmes permaneceria, mais uns momentos, a contemplar a cachoeira, antes de iniciar, vagarosamente, a projetada escalada da montanha, em direção a Rosenlaui, onde eu o encontraria, à noite.

Quando parti, ainda avistei o meu amigo, encostado em um penedo, com os braços cruzados sobre o peito, fitando o ímpeto das águas, no abismo. Era a última vez que eu o veria, neste mundo.

Quando cheguei ao fundo da ladeira, já era impossível distinguir a cachoeira, mas podia seguir, com a vista, o trilho sinuoso que serpenteava

sobre a crista da montanha e lembro-me perfeitamente de ter reparado num outro homem alto que quase corria pelo mesmo caminho. Observei sua silhueta negra, recortando-se num fundo verde. Depois, alheei-me dele, preocupado como estava em chegar a tempo para cumprir a minha missão.

Devo ter levado pouco mais de uma hora a chegar a Meiringen e, aí, encontrei o velho Steiler, à porta do seu pequeno hotel.

Acelerei o passo e indaguei:

— Cheguei a tempo? Espero que ela não esteja pior...

Uma expressão de surpresa espalhou-se no rosto enrugado do velho e, ao vê-lo franzir as sobrancelhas, numa dúvida, senti o coração saltar no peito. Então, tirando a mensagem do bolso, inquiriu:

— O senhor não me escreveu esta carta?... Não se encontra uma senhora inglesa doente, neste albergue?

— Não... não está! — exclamou Steiler, perplexo e, olhando para o papel, espantou-se: — Mas... tem o timbre aqui da casa!... Ah! Provavelmente essa carta foi escrita pelo inglês alto que entrou aqui, logo após os senhores terem saído. Até disse...

Não esperei pelas explicações do proprietário. Aterrorizado, desci, correndo, a rua da aldeia e lancei-me pelo caminho por onde acabara de vir. Para Meiringen, na constante descida, eu gastara uma hora, mas, a subir a vertente, passaram mais de duas, antes que atingisse as quedas de águas de Reichenbach.

Encontrei a bengala de alpinista, encostada ao penedo, no mesmo lugar em que a vira, ao deixar Holmes, mas não detectei qualquer outro sinal do meu amigo. Bradei por ele, inutilmente, tendo por única resposta a minha própria voz, repercutida num eco rolante pelos penhascos circundantes.

A presença daquela bengala gelava-me o sangue, pois provava que Holmes não seguira para Rosenlauri. Permanecera ali, numa ladeira de um metro de largura, com um paredão de rocha, vertical, de um lado, e um precipício, a pique, do outro, esperando que o inimigo o alcançasse... O moço suíço também desaparecera. Provavelmente, fora pago por Moriarty e deixara os dois homens sozinhos. Que teria acontecido? Mas ninguém estava ali para dizê-lo.

Aturdido pelo terror, só passados um ou dois minutos consegui recobrar o ânimo. Então, comecei a pensar pelo processo de Holmes e a tentar pôr em prática o seu método, na reconstituição daquela tragédia.

Durante a nossa conversa, não tínhamos chegado ao fim do caminho, a bengala marcava o lugar onde tínhamos parado. O piso, sombrio, mantinha-se sempre úmido e mole, devido à ação da espuma, e os próprios pássaros imprimiam nele as finas patas. Dois rastros de pegadas destacavam-se nitidamente ao longo do caminho, até o fim, sem saída. A poucos metros do abismo, o solo estava todo revolido e as silvas e os fetos que formavam a beira do precipício achavam-se esmagados e salpicados de lama.

Senti o rosto contrair-se e espreitei para o fundo, envolto na espuma densa. No entanto, desde que eu chegara, a tarde escurecera e só se conseguia discernir, aqui e além, o brilho da umidade na falésia negra e, lá muito em baixo, a cintilação da água que volteava. Tornei a gritar, mas, como resposta, só o bramido quase humano da cachoeira chegou aos meus ouvidos.

Contudo, encontrei ainda a última palavra de saudação do meu amigo e companheiro. Junto da bengala de alpinista, apoiada ao penedo, junto à berma, algo brilhante me chamou a atenção. Era a tabaqueira de prata que Holmes sempre trazia consigo. Ao apanhá-la do chão, vi esvoaçar um pedaço de papel que apanhei e desdobrei, ansiosamente. Eram três páginas juntas, arrancadas à sua agenda e contendo uma mensagem que era dirigida a mim: o espelho fiel do caráter de um homem que, no limiar daquele inferno tinha ainda o poder de coordenar perfeitamente o pensamento e redigir numa caligrafia tão firme, como se tivesse escrito aquelas linhas, placidamente, à sua escrivaninha.

“Meu caro Watson,

Se lhe escrevo estas breves palavras, devo-o à cortesia de Mr. Moriarty que, muito delicadamente, me espera para a discussão final da pendência que subsiste entre nós. Fez-me o esboço dos métodos que utilizou para esquivar-se à ação da polícia inglesa e manter-se informado de todos os nossos movimentos. Confirma-

se, assim, a elevada opinião que eu já formara das suas aptidões. Alegro-me pensar que vou livrar a sociedade, para sempre, dos atos do professor Moriarty, embora receie, ao executar o meu intento, poder vir a afligir os meus amigos, e a você, muito em especial, meu caro Watson.

Contudo, eu já lhe tinha explicado que a minha carreira atingira uma crise e que nenhuma outra conclusão poderia ser, para mim, mais lógica do que esta. Quero, na verdade, fazer-lhe uma confissão completa: eu estava convencido de que a carta que lhe enviaram de Meiringen não passava de uma mentira e fiquei feliz por vê-lo partir na missão que você julgava verdadeira, visto eu ter a certeza de que este epílogo seria inevitável.

Queira informar o inspetor Patterson de que os documentos de que ele necessita para provar a culpa de todo o bando se encontram na divisória 'M' do fichário metálico, inserido num sobrescrito azul com o dístico 'Moriarty'. Já tratei de tudo quanto respeita aos meus bens os quais antes de sair da Inglaterra, leguei a meu irmão Mycroft. Por favor, meu querido amigo, transmita a Mrs. Watson os meus cumprimentos e creia-me, para sempre, seu muito afeiçoado,

Sinceramente,
Sherlock Holmes.”

Poucas palavras bastam para o que me resta dizer. O exame dos peritos não deixou dúvidas de que se travara uma luta entre os dois homens e que o desfecho fora, como era inevitável em tal situação, a queda de ambos no abismo, nos braços um do outro.

Era inútil qualquer tentativa para a recuperação dos corpos. Lá no fundo daquela cachoeira de águas redemoinhantes e espumas ebulientes, repousarão, para sempre, os corpos do mais temível criminoso e do maior paladino da Lei da sua geração.

O moço suíço nunca foi descoberto, mas é de admitir que fosse um dos numerosos agentes que Moriarty tinha ao seu serviço. Quanto ao bando, ficará para sempre, na memória do público, a maneira como,

pesadamente, a mão do morto lhe caiu em cima, por via das provas que Holmes acumulara, denunciando implacavelmente a terrível organização. Contudo, poucos foram os pormenores que, durante o processo, surgiram acerca do seu diabólico chefe e, se agora me vi compelido a fazer uma clara exposição da sua maléfica carreira, isso deve-se a certos publicistas injustos que, servindo-se do processo sinuoso da insídia, se têm esforçado por apagar a memória dos feitos daquele que sempre considerei como o melhor e o mais sábio dos homens que jamais conheci.



O assassinato do Honourable Ronald Adair, ocorrido no fim da primavera de 1894 ⁽¹⁾, em estranhas e inexplicáveis circunstâncias, despertou o interesse de toda a cidade de Londres, deixando os meios elegantes consternados. O público conhece os pormenores que vieram à luz nas investigações policiais, mas naquela época muita coisa ficou inexplicada visto as acusações serem tão graves e evidentes que era pouco aconselhável divulgar todos os fatos. Somente agora, quase dez anos mais tarde, me é permitido apresentar os elos que faltaram e que completam a extraordinária cadeia.

O crime, em si, era interessante, mas esse interesse nada significava para mim, comparado com a sua inconcebível seqüência que me causou o maior choque e a maior surpresa de toda a minha vida aventureira.

Mesmo agora, após tão longo intervalo, vibro ao pensar nisso e sinto-me de novo invadido por uma torrente de alegria, espanto e incredulidade.

Ao público que se interessou pelas informações que de vez em quando eu difundia, a respeito dos pensamentos e ações daquele homem extraordinário, quero declarar que não deve censurar-me por não ter divulgado tudo. Teria sido este o meu dever, se esse homem não me tivesse expressamente proibido, proibição que só foi levantada no dia três do mês passado.

É fácil de imaginar que a minha intimidade com Sherlock Holmes me fizesse tomar grande interesse pelo crime em geral e que, após o desaparecimento do meu amigo, nunca deixasse de ler com cuidado os vários problemas levados a público. Mais de uma vez, para meu gozo pessoal, tentei empregar os métodos de Holmes e solucionar tais problemas, embora sem resultado.

Nenhum me atraiu tanto, como a tragédia de Ronald Adair. Ao ler, no inquérito, os depoimentos que levaram ao veredito: “assassinato

⁽¹⁾ Depois de a opinião pública ter forçado Conan Doyle a continuar a sua série de Sherlock Holmes, a ordem cronológica das investigações deste “herói” ficou alterada. Como o autor escreveu outras novelas, situadas no tempo, entre abril de 1891 “O Problema Final” e maio de 1894, concluiu-se que esta última data é incoerente, devendo ler-se 1891. (N. do T.)

cometido por pessoa ou pessoas desconhecidas” compreendi que perda fora para a sociedade a morte de Sherlock Holmes. Havia, no estranho caso, pontos que certamente o teriam atraído, e os esforços da Polícia teriam sido auxiliados, ou, provavelmente, antecipados pela experiente observação e inteligência do maior criminalista da Europa.

Nesse dia, enquanto fazia as minhas visitas, pensei demoradamente no caso, não encontrando explicação adequada. Embora corra o risco de contar uma história pela segunda vez, vou recapitular os fatos que se tornaram do domínio público, no final do inquérito.

O Honourable Ronald Adair era o segundo filho do conde de Maynooth, então governador de uma das colônias australianas. A mãe de Adair viera da Austrália para ser operada de cataratas. Ela e seus filhos Ronald e Hilda moravam no número 427 do Park Lane. Os dois jovens freqüentavam a melhor sociedade, ao que constava não tinham inimigos, nem vícios. Ele estivera noivo de Miss Edite Woodley, de Berstairs, mas o noivado fora desfeito meses antes, de comum acordo, e não havia motivo para se supor que existisse ressentimento.

O jovem pertencia a um círculo estreito e convencional, pois tinha hábitos morigerados e temperamento calmo. Apesar disto, a morte arrebatou esse jovem aristocrata de maneira estranha e inesperada, entre 22 e 23:30 h, da noite de 30 de março de 1894.

Ronald Adair gostava de jogar e jogava com freqüência, mas não de maneira que pudesse prejudicá-lo. Era sócio dos clubes de carteados Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Ficou provado que, no dia da sua morte jogara *whist* no Bagatelle, depois do jantar. Também ali jogara à tarde. Soube-se, pelo depoimento de Mr. Murray, de Sir John Harday e do coronel Moran, que o jogo fora *whist* e que houvera certo equilíbrio na sorte. Adair perdera mais ou menos cinco libras. Possuidor de enorme fortuna, o prejuízo em nada poderia afetá-lo. Tinha jogado todos os dias, num ou noutro clube, mas era cauteloso e em geral saía com lucro. Ficou provado que, como parceiro do coronel Moran, chegara a ganhar 420 libras numa sessão, algumas semanas antes, de Dogfrey Milner e Lorde Balmoral. Estes fatos eram recentes, ao serem divulgados no inquérito.

Na noite do crime, Ronald Adair voltou do clube exatamente às 22 h. Sua mãe e sua irmã tinham ido visitar uns parentes. A criada declarou que o ouvira entrar na sala da frente, no segundo andar. Ela acendera a lareira

dessa sala e, devido ao fumo, abriu a janela. Não fora ouvido o menor ruído, até às 23:20 h, quando regressaram a dona da casa e sua filha.

Desejando dizer boa noite ao filho, Lady Maynooth tentara entrar no quarto. Estava fechado por dentro e não houve resposta, quando bateram e chamaram. Pediram socorro e a porta foi arrombada. Adair estava caído perto da mesa. Fora horivelmente mutilado por uma bala, deformável ao impacto, mas não se encontrou arma alguma no aposento.

Sobre a mesa estavam duas notas de dez libras, assim como dezessete libras e dez xelins em moedas de prata e de ouro, dispostas em pequenas pilhas. Havia também algarismos numa folha de papel, com os nomes de alguns amigos do clube, pelo que se deduziu que antes de morrer, estivera a tentar verificar os seus lucros ou prejuízos de jogo.

Um exame minucioso do caso tornou-o ainda mais complexo. Em primeiro lugar, não havia razão para Adair ter fechado a porta por dentro. Havia a possibilidade de esta ter sido fechada pelo assassino, que poderia ter fugido pela janela. Mas era um salto de vinte pés e, em baixo, localizava-se um canteiro de açafrões em pleno florescimento. Nem as flores, nem a terra, pareciam ter sido pisadas e não se viam pegadas na estreita faixa de relva que separava a casa da rua. A julgar pelas aparências, fora o próprio rapaz que fechara a porta.

Mas como fora ele morto? Ninguém poderia ter subido por aquela janela, sem deixar vestígios. Mesmo supondo-se que alguém tivesse disparado um tiro, do exterior, através da janela, era necessário que se tratasse de um ótimo atirador para causar tal ferimento. Além disso, o Park Lane é muito freqüentado e havia um posto de estacionamento de carruagens, a cem metros da casa. Ninguém ouvira o tiro.

Contudo, lá estava o morto, bem como a bala, achatada como todas as balas de ponta macia, provocando um ferimento que devia ter causado morte instantânea. Eram essas as circunstâncias do mistério do Park Lane, complicadas pela total ausência de motivo, já que, como dissemos, o jovem Adair parecia não ter inimigos e não se verificara tentativa de roubo de dinheiro, ou de objetos de valor.

Durante o dia todo, pensei nestes fatos, procurando estruturar uma teoria que os explicasse, ou descobrir a linha de menor consistência que, na opinião do meu pobre amigo Holmes, era o ponto de partida de qualquer investigação. Confesso que fiz poucos progressos. À tarde,

caminhei pelo parque, e, às 18 h, vi-me na extremidade da Oxford Street, no Park Lane.

Um grupo de curiosos, fitando uma certa janela, indicou-me qual a casa que eu viera observar. Um homem alto e magro, de óculos escuros, que desconfie que fosse um policial à paisana, expunha uma teoria aos que se agrupavam para ouvi-lo. Cheguei o mais perto possível, mas as conjecturas pareceram-me absurdas, de modo que me afastei, aborrecido. Ao fazê-lo, esbarrei num homem velho e deformado, que estava atrás de mim, e derrubei-lhe alguns livros que transportava. Lembro-me de que, ao erguê-los, notei o título de um deles, *The origin of tree worship*, e ocorreu-me que o sujeito devia ser um pobre bibliófilo que, por profissão ou mania, colecionava volumes raros.

Procurei desculpar-me, pois era evidente que aqueles livros, que eu tivera a infelicidade de derrubar, eram preciosos aos olhos do dono. Virou-se, resmungando, a corcunda e as costeletas brancas desapareceram no meio da multidão.

As minhas observações sobre o 427 do Park Lane não me ajudaram a elucidar o problema. A casa estava separada da rua por um muro baixo, com grade, não tendo o conjunto mais do que um metro e meio de altura. Seria, portanto, muito fácil entrar no jardim. Mas a janela era inacessível, uma vez que não havia condutor de água ou qualquer outra coisa que pudesse ajudar o mais ágil dos homens a galgá-la.

Cada vez mais perplexo, voltei para Kensington. Cinco minutos após ter entrado no meu escritório, a criada anunciou-me uma visita. Notei, com surpresa, que era o estranho colecionador de livros, de rosto enrugado sob os cabelos brancos, carregando os preciosos volumes, no mínimo doze, sob o braço direito.

— Está admirado de me aqui ver, senhor — indagou com um grasnar estranho.

Confirmei o meu espanto e ele esclareceu:

— Sou um homem consciente e, ao vê-lo entrar nesta casa, quando vinha atrás do senhor, achei que devia justificar-me, disse a mim: se me mostrei um tanto brusco, foi involuntariamente e que lhe estou grato por ter apanhado os meus livros.

— Está dando muita importância ao incidente — contemporizei. — Posso perguntar como soube quem eu era?

— Pois bem, senhor, se acha que estou a tomando excessiva liberdade, dir-lhe-ei que sou seu vizinho; a minha livrariazinha fica na esquina da Church Street, onde terei muito prazer em vê-lo. Talvez o senhor seja também colecionador e aqui tenho *British Birds*, *Catallus* e *The Holy War*, todos por uma pechincha! Com cinco volumes, o senhor poderia preencher aquele espaço, na segunda prateleira. Tem um ar de vazio, não acha?

Virei a cabeça e olhei para a estante atrás de mim. Quando tornei a virar-me, Sherlock Holmes encarava-me sorrindo, do outra lado da escrivaninha. Ergui-me de um salto, fitei-o durante alguns segundos, completamente atônito, e desmaiei pela primeira e última vez na minha vida.

Uma nuvem cinzenta dançou diante dos meus olhos e, quando recuperei os sentidos, vi que o meu colarinho fora desabotoado e senti na boca um gosto de conhaque.

Holmes estava inclinado sobre mim, com um frasco na mão.

— Caro Watson, peço-lhe mil perdões — proferiu a tão relemburada voz. — Não imaginei que ficasse tão abalado.

Agarrei-o pelo braço.

— Holmes! — exclamei. — É você mesmo? Será possível que esteja vivo? É verdade que conseguiu sair daquele pavoroso abismo?

— Espere um momento! — sossegou-me. — Tem a certeza de que está em estado de discutir os fatos? Causei-lhe um grave choque, com a minha aparição desnecessariamente dramática.

— Estou bem, mas, francamente, Holmes, mal posso acreditar nos meus olhos. Deus do céu! Pensar que você está aqui no meu escritório! — Agarrei-o de novo pela manga e senti-lhe o braço fino e nervoso. — Em todo o caso, não é um fantasma. Estou radiante, caro amigo, por tornar a vê-lo. Sente-se e conte-me como saiu vivo do horrível precipício.

Sentou-se diante de mim e acendeu um cigarro, com aquele seu jeito despreocupado. Vestia o mesmo fato velho do vendedor de livros, mas os outros disfarces daquele indivíduo estavam em cima da mesa, juntamente com a cabeleira branca e a pilha de livros. Holmes parecia mais magro e mais astuto do que antigamente, mas o rosto aquilino apresentava uma palidez que indicava não ter levado, ultimamente, vida sadia.

— Estou satisfeito por poder esticar-me novamente, Watson — disse ele. — Não é brincadeira, para um homem alto, ter de diminuir trinta centímetros da sua estatura, durante horas seguidas. Agora, caro amigo, vamos às explicações. Se quiser prestar-me a sua cooperação, temos uma noite dura e perigosa à nossa frente. Talvez seja melhor eu fazer-lhe uma descrição dos fatos depois desse trabalho terminado.

— Estou curiosíssimo. Prefiro ouvir agora.

— Vai acompanhar-me, hoje à noite?

— Quando quiser e aonde quiser.

— Como antigamente, então. Temos tempo para um jantarzinho, antes de partirmos. Pois bem, quanto ao abismo... não tive dificuldade em sair dele, pela simples razão de nunca lá ter entrado.

— Então, não caiu?

— Não, Watson. É a pura verdade. O bilhete que lhe escrevi foi sincero. Não duvidei que tivesse chegado ao fim da minha carreira, quando vi o vulto sinistro do falecido professor Moriarty, de pé, na estreita vereda onde avançava para mim. Li nos seus olhos uma resolução inexorável. Trocamos algumas palavras e obtive permissão para escrever-lhe, Watson, o bilhete que recebeu. Deixei-o juntamente com a minha cigarreira e a minha bengala e segui pela vereda, com Moriarty no meu encalço. Quando cheguei ao extremo, paramos. Ele não sacou de arma alguma, mas correu para mim e agarrou-me com os seus longos braços. Sabia que, para ele, não havia esperança e queria vingar-se. Lutamos, à beira do precipício. Mas conheço um pouco de haritsu, gênero de luta japonesa, que mais de uma vez me tem valido. Consegui libertar-me. Com um grito horrível, Moriarty esperneou, durante alguns segundos, como se procurasse agarrar o ar com ambas as mãos, mas não recuperou o equilíbrio e caiu no precipício. Vi-o durante muito tempo. Depois bateu numa rocha e desapareceu na água.

Espantado, ouvi a explicação que Holmes me deu enquanto fumava.

— Mas, as pegadas? — exclamei. — Vi, com os meus próprios olhos, vestígios de duas pessoas indo e nenhuma de regresso.

— Vou contar-lhe. No momento em que o professor desapareceu, ocorreu-me que eu tinha tido uma sorte extraordinária. Sabia que Moriarty não era o único que jurara matar-me. Havia pelo menos mais

três, cuja desejo de vingança recrudescia com a morte do chefe. Eram todos perigosíssimos. Qualquer deles poderia apanhar-me. Por outro lado, se o mundo inteiro estivesse convencido de que eu morrera, aqueles acólitos ficariam sossegados e, mais cedo ou mais tarde, eu teria oportunidade de eliminá-las. Seria, então, altura de anunciar que ainda pertencia ao mundo dos vivos. Raciocinei com muita rapidez. Tudo isto me ocorrera, mesmo antes do professor Moriarty ter chegada ao fundo da Reichenbach Fall.

Levantei-me e examinei o rochedo atrás de mim. Na pitoresca descrição do incidente, que li, meses mais tarde, você assegurava que a rocha era escarpada. Não é bem verdade. Havia algumas cavidades de apoio para os pés e ligeiras saliências. O rochedo era tão alto que parecia impossível galgá-lo, mas também seria impossível retroceder pela vereda, sem deixar sinais. Eu poderia virar os sapatos, como já tenho feito noutras ocasiões, mas a impressão de três grupos de pegadas, na mesma direção, certamente despertaria suspeitas.

Em suma, era preferível arriscar-me a subir. Não foi agradável, Watson. A catarata rugia a meus pés. Não sou pessoa imaginosa, mas garanto-lhe que tinha a impressão de ouvir a voz de Moriarty, gritando do fundo do abismo. Um erro teria sido fatal. Mais de uma vez, quando um tufo de relva me ficou nas mãos, ou o pé me escorregou nas fendas úmidas da rocha, pensei que chegara o fim. Mas continuei a subida e, finalmente, alcancei uma plataforma, de vários pés de largura, coberta por erva, onde pude descansar sem ser visto. Ali estava estendido quando você, meu caro Watson, e todos os seus acompanhantes, investigaram a minha morte da maneira mais amigável e útil, possível.

Finalmente, depois de terem chegado às inevitáveis e errôneas conclusões, você voltou para o hotel e vi-me de novo só. Pensei que tivessem terminado minhas aventuras, mas uma ocorrência extraordinária provou-me que ainda me esperavam surpresas. Uma pedra enorme, vinda de cima, passou por mim e foi cair no precipício. Pensei, por um momento, que fosse acidente, mas, segundos depois, olhando para cima, vi a cabeça de um homem, recortada no céu sombrio, e outra pedra bateu na própria saliência onde me achava, bem perto da minha cabeça. Não havia dúvida quanto à intenção. Moriarty não estava só. Um cúmplice ficara de atalaia, enquanto o professor me atacava. De longe, sem que eu o visse, presenciara a morte do amigo e a minha fuga. Esperara, e,

dirigindo-se ao cume do rochedo, procurava vencer onde o chefe fora derrotado.

Não levei muito tempo a tirar conclusões. Vi novamente o rosto sinistro lá em cima e percebi que viria outra pedra. Comecei a descer para a vereda. Não creio que, conscientemente, o tivesse conseguido. Era bem mais difícil descer do que subir. Mas não tive tempo para pensar nas dificuldades, pois outra pedra passou rente a mim, quando me pendurei, agarrando-me com as duas mãos à beira da saliência. A meio caminho, escorreguei, mas, com a ajuda de Deus, consegui chegar à vereda, ensangüentado e rasgado. Tratei de fugir. Caminhei dez milhas pelas montanhas, no escuro e, uma semana mais tarde, estava em Florença, certo de que ninguém no mundo poderia saber qual fora o meu fim.

Tive apenas um confidente: meu irmão Mycroft. Devo-lhe mil desculpas, caro Watson, mas era absolutamente necessário que me considerassem morto e tenho a certeza de que você não descreveria a minha morte de maneira tão convincente, se nela não acreditasse. Muitas vezes, nos últimos três anos, peguei na pena para lhe escrever, mas temia que a sua afeição por mim o induzisse a cometer qualquer ato indiscreto que traísse o meu segredo. Por isso ainda hoje me afastei de você, quando derrubou os meus livros, pois, nesse momento eu corria perigo, e qualquer sinal de emoção, da sua parte, poderia chamar a atenção sobre mim e provocar as mais desastrosas conseqüências.

Quanto a Mycroft, tive de confiar nele, para obter o dinheiro de que necessitava. O curso dos acontecimentos, em Londres, não foi o que eu esperava, pois o julgamento do bando de Moriarty deixou em liberdade dois dos seus mais perigosos membros e meus maiores inimigos. Viajei durante dois anos pelo Tibet, diverti-me visitando Lassa e passando uns dias com o Dalai Lama. Você deve ter ouvido falar das notáveis explorações de um norueguês chamado Sigerson, mas aposto que nunca lhe ocorreu que estava a ter notícias deste seu amigo. Passei depois por Meca, fiz uma visita interessante ao califa em Cartum e comuniquei os resultados ao Ministério do Exterior. Ao voltar para a França, empreguei alguns meses na busca de derivados do alcatrão, num laboratório de Montpellier, no Sul da França. Tendo concluído satisfatoriamente o meu trabalho e sabendo que só um dos meus inimigos ficara em Londres, dispus-me a voltar, mas resolvi

apressar-me, ao ouvir as notícias deste extraordinário mistério do Park Lane, que me atraiu, porque pareceu oferecer-me algumas peculiares oportunidades pessoais. Vim imediatamente para Londres, apresentei-me na Baker Street, provoquei histerismo em Mrs. Hudson e verifiquei que Mycroft conservara os meus aposentos e os meus papéis exatamente como eu os deixara. E foi assim que hoje, às duas horas, me vi sentado na minha poltrona, no meu antigo quarto, desejando apenas poder ver o meu velho amigo Watson, na outra cadeira, que tantas vezes ocupou.

Foi esta a extraordinária história que ouvi, naquela noite de abril, narrativa que teria sido inacreditável se não fosse confirmada pela presença do homem alto e magro que eu pensara nunca mais tornar a ver. Ele soubera do meu desgosto e manifestou a sua solidariedade, mais pela atitude do que por palavras.

— O trabalho é um antídoto para a tristeza, caro Watson — sentenciou. — Temos hoje, à noite, um trabalho que, se for realizado com êxito, por si só justificaria a vida de um homem neste planeta.

Supliquei-lhe que me contasse mais alguma coisa.

— Saberá a seu tempo, ainda antes do amanhecer — prometeu Holmes. — Temos três anos passados para discutir. Que isto baste até às 9:30 h, momento em que daremos início à notável aventura da casa vazia.

Pareceu-me realmente que voltara ao tempo antigo, quando, àquela hora, me vi sentado num carro, a seu lado, com um revólver no bolso e o entusiasmo da aventura no coração. Holmes estava frio, severo e silencioso. Quando a luz dos lampiões se refletia no seu rosto austero, eu notava que tinha as sobrancelhas contraídas e os lábios cerrados. Não sabia que fera selvagem iríamos perseguir na floresta do crime, mas, pela atitude do meu mestre, percebi que era um caso grave, e o sorriso sardônico que de vez em quando surgia no seu rosto de asceta, era de mau agouro para o seu inimigo.

Pensei que nos dirigíssemos para a Baker Street, mas Holmes parou na esquina do Cavendish Square. Ao apear-se, vi-o olhar cautelosamente para um e outro lado, e a cada esquina, tomou o mesmo cuidado, para ter a certeza de que não há dúvida de que a nosso itinerário era singular. Holmes tinha um extraordinário conhecimento dos atalhos de Londres,

e via-o agora enveredar com segurança por um labirinto de terrenos e estrebarias de cuja existência eu jamais suspeitara.

Finalmente penetramos numa rua ladeada por casas velhas e sombrias, que nos levou à Manchester Street e, depois, à Blandford Street. Aí, enfiou por uma viela estreita, atravessou um portão de madeira e entrou num quintal deserto, abrindo a porta dos fundos de uma casa. Entramos e ele fechou a porta.

Estava escuro coma breu e era evidente que nos achávamos numa casa vazia. Os nossos passos faziam ranger o soalho e a minha mão tocou uma parede de onde o papel se deslocava em farrapos. Os dedos frios de Holmes fecharam-se sobre o meu pulso e conduziu-me por um longo corredor, até que vagamente vi a luz tênue que se filtrava pela bandeira da porta. Holmes virou subitamente para a direita e encontramos-nos num aposento vazio, grande e quadrado, sombrio nos quatro cantos, mas vagamente iluminado no centro, pela luz da rua. Não se via um candeeiro perto e a vidraça estava coberta de pó, de modo que mal nos divisávamos. O meu amigo pôs-me a mão no ombro e os lábios perto do meu ouvido.

— Sabe onde estamos? — segredou.

— Ali fica a Baker Street — respondi, olhando através da janela.

— Exatamente. Estamos na Camden House, em frente à minha velha morada.

— Mas, por que viemos aqui?

— Para examinarmos o pitoresco edifício. Peço-lhe que se aproxime da janela, caro Watson, tomando todas as precauções para não ser visto. Olhe, depois, para os nossos antigos aposentos. Veremos se três anos de ausência anularam ou não o meu dom de surpreendê-lo.

Avancei cautelosamente e olhei para a conhecida janela. Quando os meus olhos caíram sobre ela, mal pude conter uma exclamação de espanto. A cortina estava descida e uma luz forte brilhava no aposento. A silhueta de um homem sentado numa cadeira desenhava-se fortemente no quadro luminoso da janela. Não se podia deixar de reconhecer o equilíbrio da cabeça, a força dos ombros quadrados, a agudez dos traços. O rosto estava meio virado e o efeito era a de uma daquelas silhuetas negras que os nossos avós gostavam de encaixilhar. Era uma perfeita reprodução de Holmes.

— Então? — perguntou:

— Está perfeito! — exclamei.

— Espero que nem a idade, nem o hábito façam com que desapareça o meu dom de infinita variedade. Parece-se bastante comigo, não é verdade?

— Poderia jurar que é você.

— O mérito da execução pertence a Monsieur Oscar Meunier, de Genebra, que levou alguns dias a fazer o modelo: é um busto de cera. O resto arranjei eu mesmo durante a minha visita à Baker Street, hoje à tarde.

— Mas por quê?

— Caro Watson, tenho as mais fortes razões para desejar que certas pessoas pensem que estou ali, quando, na realidade, me encontro noutro lugar.

— Parece-lhe que a sua residência será vigiada?

— Tenho a certeza de que está a ser vigiada.

— Por quem?

— Pelos meus inimigos, dessa sociedade cujo chefe repousa na Reinchenbach Fall. Lembre-se de que só eles sabiam que eu estava vivo. Devem ter calculado que, mais cedo ou mais tarde, eu voltaria para casa. Vigiam-na constantemente, e, hoje, de manhã, viram-me chegar.

— Como sabe isso?

— Porque reconheci o vigia, quando olhei de relance pela janela. Era um sujeito mais ou menos inofensivo, chamado Parker, extraordinário tocador de gaita e estrangulador de profissão. Pouca importância lhe dou, mas receio bastante o homem que está por trás dele: o cúmplice de Moriarty, que me atirou as pedras, do alto do rochedo. É agora, o mais perigoso e mais astuto criminoso de Londres, e foi ele quem hoje, à noite, andou atrás de mim, mas não desconfia que estamos atrás dele.

Os planos do meu amigo iam sendo gradualmente revelados. Daquele nosso posto, os observadores estavam a ser observados e os perseguidores, perseguidos. A sombra angulosa na janela servia de isca, e nós éramos os caçadores. Ficamos em silêncio, no escuro, observando os vultos apressados que passavam diante de nós. Holmes mantinha-se imóvel e silencioso. Era uma noite feia e tempestuosa e o vento assobiava na rua. Muitas pessoas iam de um lado para o outro. Quase todos os transeuntes

envergavam capotes. Por duas vezes, tive a impressão de ter visto a mesma pessoa, e notei particularmente dois homens que pareciam abrigar-se do vento, no vão de uma porta, a pequena distância. Procurei apontá-los, mas Holmes, soltou uma exclamação de impaciência e continuou vigiando a rua. Parecia inquieto. Finalmente, quando pouco faltava para a meia noite e a rua ia ficando deserta, começou a passear pelo quarto, agitado. Eu ia fazer uma observação, quando olhei para a janela iluminada e agarrei o braço de Holmes.

— A sombra moveu-se! — apontei.

Na realidade não era o perfil e sim as costas que agora lhe víamos.

Três anos não tinham amenizado o gênio de Holmes, nem lhe tinham dado mais paciência para com pessoas de inteligência menos viva que a dele.

— Claro que se moveu — replicou. — Julga-me, por acaso, um incompetente, a ponto de colocar ali um boneco e esperar iludir um dos homens mais perspicazes da Europa? Há duas horas que estamos neste quarto e Mrs. Hudson mudou a posição do manequim oito vezes, de quinze em quinze minutos. Ela desloca o manequim, pela frente, de maneira que a sua sombra nunca é vista. Ah!...

A cabeça de Holmes inclinou-se para a frente e ficou em atitude de rígida atenção. Aqueles dois homens ainda poderiam estar no vão da porta, mas eu agora não os via. Estava tudo negro e silencioso, a não ser no quadrado iluminado da janela, com silhueta negra ao centro. Um momento depois, puxou-me para um canto do quarto e senti sobre os lábios a mão que pedia silêncio. Os dedos que me seguravam tremiam. Nunca vira o meu amigo tão emocionado, embora a rua continuasse deserta. Então, aos meus ouvidos, chegou um ruído furtivo, vindo, não da direção da Baker Street, mas dos fundos da própria casa onde nos abrigávamos. Uma porta abriu-se e fechou-se. Minutos depois, soaram passos no corredor, que pretendiam ser silenciosos, mas que ecoavam na casa vazia. Holmes agachou-se contra a parede e fez o mesmo, com a mão na coronha do revólver. Procurando perscrutar a escuridão, distingui o contorno de um vulto, mais escuro do que o negrume da porta. Ficou parado por um instante, depois, adiantou-se, encurvado, ameaçador. Estava a quatro metros de nós e já me aprontava para defender-me do ataque, quando percebi que ele não

fazia a menor idéia da nossa presença. Passou rente a nós, foi até a janela e ergueu ligeiramente a vidraça. Ao ajoelhar-se para ficar ao nível dessa pequena abertura, a luz da rua, sem o filtro do vidro embaciado, iluminou-lhe o rosto.

O homem parecia extremamente ansioso. Os seus olhos brilhavam e as feições estavam convulsas. Era um homem idoso, com um nariz fino e proeminente, uma testa alta, com grandes entradas e um forte bigode grisalho. Usava um chapéu alto, inclinado para trás a camisa de peito engomado brilhava por entre o sobretudo desabotoado. O rosto era esquelético e trigueiro, com rugas profundas. Trazia na mão um objeto que parecia uma bengala, mas, quando o colocou no chão, ouviu-se um ruído metálico. Do bolso do sobretudo, tirou um objeto volumoso e empenhou-se numa tarefa que terminou com um clique forte, seco, como se uma mola tivesse sido acionada.

Ainda ajoelhado, inclinou-se para a frente e atirou todo o seu peso, como que sobre uma alavanca, ouvindo-se um ruído que acabou num novo estalido. Ao endireitar-se percebi que tinha na mão uma espécie de espingarda, com a coronha estranhamente deformada. Abriu a culatra e introduziu uma bala. Depois, agachando-se, descansou a ponta do cano no peitoril da janela aberta. Vi seu bigode pender sobre a coronha e os olhos brilharem, quando espreitou pela mira. Soltou um suspiro de satisfação, quando encostou a arma ao ombro e apontou à silhueta negra no quadrado amarelo, bem nítida na linha de tiro. Por um momento, ficou rígido, imóvel. Depois, o dedo comprimiu o gatilho. Ouviu-se um estalo e um silvo estranho, logo a seguir, um ruído de vidro partido. Nesse momento, Holmes pulou como um tigre sobre o homem, derrubando-o de bruços, no chão. O miserável ergueu-se imediatamente e com força convulsa agarrou Holmes pelo pescoço, mas bati-lhe na cabeça com a coronha, do revólver e ele tornou a cair no chão. Atirei-me sobre ele e, enquanto o segurava, o meu amigo fez soar um apito estridente. Ouvimos um ruído de passos, na rua, e dois polícias fardados, com um detetive a paisana, entraram pela porta e entraram no quarto.

— É você, Lestrade? — perguntou Holmes.

— Eu próprio me encarreguei do caso, Mr. Holmes. É um prazer vê-lo, de novo, em Londres.

— Creio que você precisa de um auxíliozinho extra-oficial. Três assassinatos sem solução, num ano. Lestrade... é muita coisa! Mas você solucionou o mistério Molesey com um pouco mais de perspicácia do que era costume... isto é, você solucionou-o com bastante habilidade.

Todos nos levantamos. O preso respirava ofegante com um avantajado policial de cada lado. Alguns curiosos tinham-se reunido na rua. Holmes foi até a janela e fechou-a. Lestrade apareceu com duas velas e os policiais pegaram nas suas lanternas. Finalmente pude ver bem o bandido.

O seu rosto era extraordinariamente viril e sinistro. Tinha uma testa de filósofo e uma boca sensual, indicando que tanto devia ter tido capacidade para o bem, como para o mal. Mas ninguém gostaria de fitar os seus olhos azuis cruéis, o nariz agressivo, ou a fronte ameaçadora, sem notar os mais nítidos sinais de um caráter perigoso. Tinha os olhos fixos em Holmes, com uma expressão de ódio e, ao mesmo tempo, de espanto.

— É um demônio! — murmurou. — Um demônio de uma habilidade infernal!

— Ah, Coronel — exclamou Holmes, recompondo o colarinho. — “Termina a jornada com o encontro dos namorados amantes”, conforme se dizia na peça antiga. Não creio que tenha tido o prazer de vê-lo, desde que me presenteou com pedras, na Reichenbach Fall, quando eu me ocultava na saliência da rocha.

— É um demônio, de uma habilidade infernal! — era só o que sabia dizer.

— Ainda não o apresentei — disse Holmes. — Este cavalheiro, meus senhores, é o Coronel Sebastian Moran, outrora do Exército de Sua Majestade e o melhor caçador do Império Oriental. Creio que não me engano, coronel, ao afirmar que o número de tigres que abateu ainda não foi igualado?

O velho nada dizia, continuando a fulminar o meu companheiro com olhos selvagens e com o bigode eriçado que lhe davam, realmente, a aparência de um tigre.

— Admiro-me que um tão simples estratagema tenha iludido um *shikari* tão sabido — observou Holmes.

— O expediente de que me servi devia ser seu conhecido. Será que nunca pôs um boneco sob uma árvore, ficando em cima dela com a

espingarda, à espera de que a isca atraísse o tigre? Esta casa vazia é a minha árvore e o Coronel, o meu tigre. Naturalmente o senhor tinha outras armas de reserva, caso viessem vários tigres, ou na hipótese pouco provável de errar a pontaria. Estes que reuni aqui — continuou Holmes, com gesto circular — são as minhas outras armas. O paralelo é perfeito.

O Coronel Moran pulou com um rosar de cólera, mas os dois policiais puxaram-no para trás. A fúria do seu rosto era terrível.

— Confesso que tive uma pequena surpresa — continuou Holmes. — Não pensei que o senhor se servisse desta casa vazia e desta cômoda janela fronteira à minha. Pensei que agisse da rua, onde Lestrade e os seus companheiros o esperavam. A não ser esta discrepância, tudo correu conforme eu supusera.

O Coronel Moran voltou-se para Lestrade.

— O senhor pode, ou não, ter motivos para prender-me! Mas não há razão para que eu me sujeite às ironias desta criatura. Se estou nas mãos da autoridade, quero que tudo se processe legalmente.

— Pois bem, é razoável — concordou Lestrade. Tem alguma coisa a acrescentar, Mr. Holmes, antes de nos retirarmos?

Holmes apanhara do chão a poderosa espingarda de ar comprimido e examinava-lhe o mecanismo.

— Arma única e admirável — apreciou. — Silenciosa e muito poderosa. Conheci Van Herder, o mecânico alemão, cego, que a construiu por ordem do falecido professor Moriarty. Há anos que sei da sua existência, embora jamais tenha tido oportunidade de manejá-la. Chamo a atenção para ela, Lestrade, assim como para as balas que a municiam.

— Pode ficar certo de que cuidaremos disto, Mr. Holmes — afirmou Lestrade, dirigindo-se com os outros para a porta. — Mais alguma coisa?

— Perguntar-lhe, apenas, qual vai ser a acusação.

— A acusação? Mas, naturalmente, tentativa de homicídio, contra Mr. Sherlock Holmes — respondeu o detetive.

— Nada, Lestrade. Não quero figurar no caso. Somente a você pertence a glória da extraordinária prisão que efetuou. Sim, Lestrade, dou-lhe os parabéns! Com sua habitual amálgama de audácia e sagacidade, conseguiu caçá-lo.

— Cacei quem, Mr. Holmes?

— O homem que toda a Polícia tem procurado, em vão, o Coronel Sebastian Moran, que matou o Honourable Ronald Adair, servindo-se de uma espingarda de pressão de ar, usando bala deformável, que varou a janela da frente, no segundo andar do número 427, do Park Lane, no dia trinta do mês passado. É esta a acusação, Lestrade. E agora, Watson, se estiver disposto a suportar a corrente de ar, devido à janela quebrada do meu escritório, creio que meia hora de conversa, fumando um charuto, poderá diverti-lo.

Os nossos antigos aposentos não tinham sido modificados, graças à supervisão de Mycroft e aos cuidados de Mrs. Hudson. É verdade que, quando entrei, vi uma arrumação fora do comum, mas os velhos indícios estavam nos seus antigos lugares. A mancha de ácido, na mesa, numa estante, uma fileira de formidáveis cadernos de apontamentos e livros de referencias, que muitos cidadãos teriam tido prazer em queimar. Os diagramas, a caixa do violino, a prateleira dos cachimbos, até a mesma bolsa persa de tabaco ressaltaram, quando examinei a sala. Havia dois ocupantes: Mrs. Hudson, toda sorridente, e o estranho manequim que tivera um papel importante nos acontecimentos da noite. Era um modelo, em cera colorida, réplica exata do meu amigo. Estava numa mesinha, tendo à volta um velho roupão de Holmes, arranjado com tal arte que, da rua, a ilusão fora perfeita.

— Tomou todas as precauções, Mrs. Hudson? — perguntou Holmes.

— Fui de joelhos, exatamente como o senhor me recomendou.

— Ótimo. Deu muito boa conta do recado. Viu por onde entrou a bala?

— Sim, senhor. Receio que tenha estragado o seu belo busto, pois perfurou a cabeça, indo bater, na parede. Apanhei-a no tapete. Aqui está!

Holmes mostrou-me a bala.

— Bala de ponta branda, de chumbo macio, como vê, Watson, idéia genial... pois quem, iria pensar que saíra de uma espingarda de ar comprimido? Muito bem, Mrs. Hudson, estou-lhe muito grato. E agora, Watson, queria vê-lo uma vez mais na sua antiga poltrona, pois há vários pontos que desejaria discutir com você.

Ele despira o casaco velho, voltando a ser o Holmes de outros tempos, metido no roupão cinzento que tirara do manequim.

— O velho *shikari* continua de nervos sólidos e os olhos não perderam a agudeza — comentou, rindo, enquanto examinava a testa da efígie.

E continuou:

— Bem no meio da nuca. Ele era o melhor atirador da Índia e creio que há poucos que se lhe igualem, em Londres. Conhecia-o de nome?

— Não, não conhecia.

— Assim é a fama! Mas, se bem me lembro, você também desconhecia o nome do professor Moriarty, uma das maiores cabeças do século. Faça o favor de passar-me o meu índice de biografias, aí nessa prateleira.

Virou as páginas preguiçosamente, recostado na poltrona e tirando baforadas do charuto.

— A minha coleção, na M, é extraordinária — apreciou — Moriarty, sozinho, bastaria para tornar essa letra famosa, e aqui temos Morgan, o envenenador, e Merrider, de triste memória, e Mathews, que me quebrou o canino esquerdo, na sala de espera da Charing Cross, e, finalmente, o nosso amigo de hoje à noite.

Entregou-me o livro e eu li:

“Moran, Sebastian, coronel. Desempregado. Pertenceu ao 1º Regimento dos Bangalore Pioneers. Nascido em Londres, 1840. Filho de Sir Augustus Moran, antigo ministro britânico na Pérsia. Educado em Eton e Oxford. Serviu na Campanha de Jowaki, na Campanha do Afeganistão, em Charasiab (oficial de ligação), em Sherpur e em Cabul. Autor de *Heavy game af the western Himalayas*, 1881; *Thee months in the jungle*, 1884. Endereço: Conduit Street. Clubes: Anglo Indian, Tankerville e Clube de Carteados Bagatelle.”

Na margem estava escrito, na caligrafia bem legível de Holmes:

“Em segundo lugar, entre os homens mais perigosos de Londres.”

— Extraordinário — observei, devolvendo-lhe o livro.

— Uma carreira de militar honrado.

— É verdade — Holmes. — Até certo ponto, portou-se bem. Sempre teve nervos de aço e, na Índia ainda consta que se arrastou por uma vala, atrás de um tigre perigoso. Há árvores, Watson, que crescem normalmente até certo ponto e, depois, apresentam uma anomalia. O mesmo acontece com as criaturas. Tenho uma teoria pela qual o indivíduo representa, no seu desenvolvimento, toda a procissão de antepassados, e a inclinação para o bem ou para o mal significa qualquer forte influência que vem da sua linhagem. Desta forma, essa pessoa torna-se o resumo da história da família.

— É, de fato, interessante.

— Bem, não garanto nada. Seja qual for a causa, o Coronel Moran começou a agir mal. Embora não se metesse em nenhum escândalo, tornou-se indesejável na Índia. Retirou-se e veio para Londres, onde também adquiriu má fama. Foi então procurado pelo professor Moriarty, tornando-se seu ajudante. Moriarty dava-lhe bastante dinheiro e servia-se dele apenas num ou outro trabalho de responsabilidade que não confiaria a um criminoso vulgar.

Talvez você se lembre da morte de Mrs. Stewart, de Lauder, em 1887, não? Pois bem, tenho a certeza de que Moran estava envolvido nisso, mas nada ficou provado. Agiu com tanta esperteza que, mesmo quando o bando foi preso, nada se provou contra ele. Lembra-se daquela ocasião, quando fui visitá-lo, Watson, e que fechei as persianas, com medo de espingardas de ar comprimido? Com certeza, achou que eu tinha excesso de imaginação. Sabia exatamente o que estava a fazer, pois conhecia a existência desta arma extraordinária e também sabia que um dos maiores atiradores do mundo estaria atrás dela. Quando estivemos na Suíça, seguiu-nos, com Moriarty, e não há dúvida de que foi Moran quem me fez passar aqueles maus 15 minutos, em Reichenbach Fall.

Deve calcular como li com atenção os jornais, durante a minha estada em França, na esperança de uma oportunidade de apanhá-lo. Enquanto ele estivesse livre, em Londres, a minha vida não valeria grande coisa. Noite e dia a sua sombra estaria atrás de mim, e cedo ou tarde, teria a sua oportunidade. Que poderia eu fazer? Não podia matá-lo, sem provocação, pois, nesse caso, eu é que iria parar ao tribunal. Não adiantava apelar para a Polícia. Esta só age quando há forte suspeita. Sendo assim,

nada poderia fazer. Mas continuava a acompanhar as notícias de crimes, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, o apanharia. Ocorreu, então, a morte de Ronald Adair. Finalmente tinha a minha oportunidade. Sabendo o que sabia, poderia duvidar de que o culpado fosse o Coronel Moran? Ele jogara com o rapaz, seguira-o, ao sair do clube, alvejara-o pela janela aberta. Não havia dúvida. As balas bastarão para levá-lo à força.

Vim para Londres imediatamente. Fui visto, entrando em casa, pela sentinela, que comunicaria a minha presença ao coronel. Este não deixaria de relacionar a minha súbita volta com o seu crime e ficaria alarmado. Fiquei certo de que procuraria eliminar-me imediatamente e que traria a sua perigosa arma. Preparei-lhe um bom alvo, na janela, e avisando a Polícia da provável necessidade de interferência, vim para o que considereei um bom posto de observação, nem de longe suspeitando de que também ele escolheria o mesmo local. Meu caro Watson, precisa de mais explicações?

— Preciso — respondi. — Você não explicou o motivo que Moran tinha para assassinar Ronald Adair.

— Ah, caro Watson, chegamos agora ao reino das conjecturas, onde a mente mais lógica pode falhar. Cada qual poderá admitir uma hipótese, de acordo com as provas, e a sua poderá ser tão correta como a minha.

— E você tem uma opinião formada?

— Creio que não é difícil explicar os fatos. Ficou provado, no inquérito, que Adair e Moran ganharam uma grande quantia no jogo. Com certeza Moran fez batota, como sei que várias vezes fizera. Creio que, no dia do crime, Adair descobriu que o outro andava a trapacear no jogo. Provavelmente falou com ele, em particular, e ameaçou denunciá-lo, a não ser que o forçasse a pedir a demissão do clube e promettesse não jogar mais. Não é provável que uma pessoa, tão jovem como Adair, provocasse imediatamente um escândalo, tratando-se de um homem muito conhecido e muito mais velho do que ele. Provavelmente agiu como imaginei.

A expulsão de um clube significaria ruína para Moran, que vivia de jogo desonesto. Portanto, matou Adair, que na ocasião tentava calcular quanto deveria devolver, já que não queria lucrar com a desonestidade do parceiro. Ele fechou a porta, para que a mãe e a irmã não o sur-

preendessem e quisessem saber o que significavam aqueles nomes e algarismos. Acha viável a teoria?

— Não duvido de que seja essa a verdade.

— No julgamento, tudo será esclarecido. Entretanto, o Coronel Moran não mais nos importunará, a famosa espingarda de Von Herder irá embelezar o Museu da Scotland Yard e este seu amigo, Sherlock Holmes, estará de novo livre, para dedicar o seu tempo ao exame dos interessantes problemazinhos que a vida complexa de Londres tão freqüentemente nos oferece.

